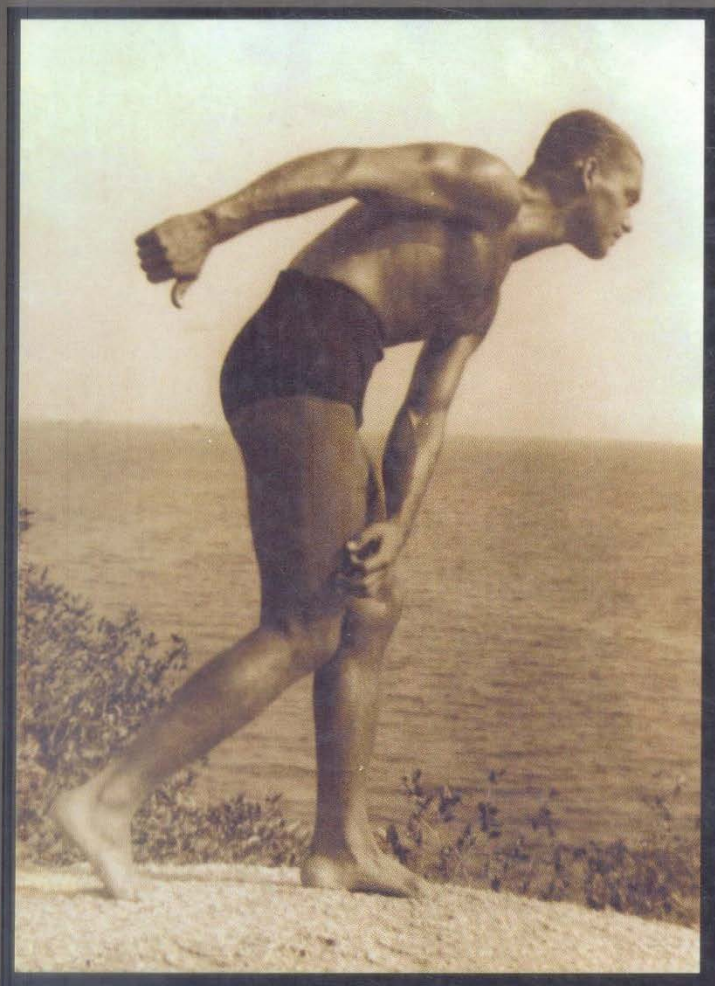


# INEZIL PENNA MARINHO

Coletânea de Textos



Silvana Vilodre Goellner (*org.*)

# INEZIL PENNA MARINHO

## Coletânea de Textos

Organizadora: Silvana Vilodre Goellner

M338i Marinho, Inezil Penna; Inezil Penna Marinho: coletânea de textos. / Inezil Penna Marinho; organizado por Silvana Vilodre Goellner. - Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2005. 116 p. Inclui referências bibliográficas.

ISBN 85-88968-08-8

1. Educação Física : História. 2. Esporte : História. I. Título. II. Goellner, Silvana Vilodre, organizadora.

CDU: 796(091)

Catálogo na publicação: Cintia Cibele Ramos Fonseca. CRB-10/1313

NÚCLEO DE EDITORAÇÃO E CRIAÇÃO GRÁFICA UFRGS

EDITORAÇÃO: HUANRI OLIVEIRA LIN

CAPA: MARINA GUERRA

FOTO DA CAPA CEDIDA POR: Alice Opala e Inezil Penna Marinho Junior

# SUMÁRIO

<u>APRESENTAÇÃO I</u>	05
<i>Ricardo Demétrio de Souza Petersen</i> <i>Diretor da Escola de Educação Física</i>	
<u>APRESENTAÇÃO II</u>	07
<i>Ana Márcia Silva</i> <i>Presidenta do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte</i>	
Nos rastros de Inezil	09
<i>Silvana Vilodre Goellner</i>	
Do valor bio-psico-social do jogo em particular e dos exercícios em geral	17
A sua influência na formação do caráter e mesmo na sua modificação- observações a respeito	
Lugar da Educação Física no plano educacional	35
Educação Física: filosofia, ciência e arte	61
Nova denominação para o professor de Educação Física	75
Educação Física: uma expressão inadequada	
Escólios axiológicos à problemática jurídica do lazer	95
O lazer como importante fator na "Qualidade de Vida" do trabalhador	



# Apresentação I

Inezil Penna Marinho é, reconhecidamente, uma das personalidades mais importantes da Educação Física brasileira. Sua atuação como professor, editor científico, técnico do Ministério da Educação, membro fundador de associações de profissionais e, sobretudo, como escritor deixou às gerações que o sucederam um legado inquestionável e que muito ainda tem a contribuir para nosso campo acadêmico e profissional.

O professor Inezil foi também um grande parceiro da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esteve conosco em diferentes situações: como conferencista, ministrante de cursos, representante de órgãos governamentais, legislador e, por que não mencionar, como um amigo que freqüentemente visitava a Escola inclusive para fazer algo que era uma grande paixão de sua vida: praticar esportes.

No ano de 1950, Inezil Penna Marinho, recebeu o título de “Professor Honoris Causa da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul” conferido pelo professor Jacynto Francisco Targa, então diretor da Escola. Esse título expressava o reconhecimento institucional de uma trajetória profissional que, já naquele período, destacava-se pelos méritos e pela contribuição para a estruturação da Educação Física no território nacional.

Homenagear o professor Inezil, no ano em que a Escola de Educação Física comemora 65 anos é um privilégio. E também uma honra, visto que muito dos seus rastros estarão preservados no nosso Centro de Memória do Esporte que, brevemente, abrigará seu acervo pessoal, disponibilizando-o para consulta a todos aqueles que tiverem interesse em conhecê-lo.

É, enfim, com muita alegria que a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, através da Escola de Educação Física, brinda a comunidade acadêmica com o livro “Inezil Penna Marinho: coletânea de textos”. Resultante de uma pesquisa efetivada pela professora Silvana Vilodre Goellner, coordenadora do Centro de Memória do Esporte, o livro apresenta cinco textos inéditos através dos quais você, leitor, poderá se aproximar e conhecer um pouco do que pensava esse importante intelectual que, como já referi, muito contribuiu para a Educação Física brasileira.

Boa leitura.

*Ricardo Demétrio de Souza Petersen*  
*Diretor da Escola de Educação Física*

## Apresentação II

É com muita honra que o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte apresenta à comunidade acadêmica esta obra constituída por um conjunto de textos inéditos do professor Inezil Penna Marinho.

O momento não poderia ser mais propício para isso: o XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e, em especial, do I Congresso Internacional de Ciências do Esporte. O Professor Inezil foi, durante toda sua carreira, um dos maiores incentivadores das ações de intercâmbio científico e profissional e de cooperação pan-americana. Esta mesma intenção vem norteando ações do CBCE, tanto no contexto nacional, quanto internacional, já há algum tempo. Este evento e o lançamento desta obra histórica para a Educação Física são passos importantes na consolidação deste objetivo tão caro a todos nós como o era ao professor Inezil.

Outro elemento importante diz respeito à compreensão da Educação Física como um campo multidisciplinar constituído pelo diálogo da ciência com a filosofia, a arte e a cultura popular. Esta compreensão remete-nos a uma profícua dinâmica acadêmica que deve valorizar as muitas interfaces que este campo pode estabelecer e as interações com diferentes áreas, disciplinas e saberes, a partir de objetivos construídos coletivamente. O tema central deste evento – *Ciência para a Vida* – busca responder à necessidade de uma reflexão contextualizada no campo da Educação Física e das Ciências do Esporte sobre os limites e possibilidades de contribuição para as expressões da vida. Esta compreensão, cultivada no interior do CBCE e no temário deste evento, constitui-se de uma preocupação de décadas do professor Inezil, como podemos conferir, especialmente, em um dos textos desta coletânea que ora apresentamos.

Faz-se importante apresentar mais um elemento neste cenário. Entregamos este livro à comunidade acadêmica num grande evento em Porto Alegre e nas instalações da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, local que freqüentemente o professor Inezil visitava. Mais do que isso, ele contribuiu firmemente para tornar sólida esta instituição, como o fez com toda a Educação Física, outro dos bons motivos que temos para comemorar neste processo.

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, sociedade científica mais antiga deste campo já com quase três décadas e reconhecida em âmbito nacional e internacional, cumpre com mais um de seus objetivos, ao trazer a público parte da produção deste notório professor. Esta ação nos auxilia a reconstruir os elementos de nossa trajetória coletiva, passo fundamental para perspectivar um futuro melhor para todos.

*Ana Márcia Silva*  
*Presidenta do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*

## Nos rastros de Inezil

Ao pensarmos nas atividades possíveis de serem desenvolvidas no XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE) despontou a intenção de homenagear Inezil Penna Marinho (1915-1987), cuja obra não apenas estruturou o pensamento pedagógico da Educação Física brasileira, como foi fundamental para a consolidação do campo acadêmico-profissional que hoje denominamos de Ciências do Esporte.

Além deste reconhecimento, outros acontecimentos foram somando-se a essa vontade, compondo uma espécie de “repertório de coincidências” que, de uma maneira ou outra, conferiam visibilidade, no processo de construção do evento, ao nome do professor Inezil. Vou elencar alguns deles sem ordem de “aparição” ou mesmo de importância.

Tendo o CONBRACE se consolidado como um importante evento científico tanto no cenário nacional quanto internacional, na sua décima quarta versão a direção nacional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, entidade promotora do evento, julgou ser pertinente realizar, também, o I Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE) objetivando a aproximação, especialmente, com países da América Latina e Caribe, na esperança de estabelecer parcerias e protocolos de cooperação perspectivando o incentivo à realização de intercâmbios junto aos grupos de pesquisa, instituições e entidades científicas.

Por curiosidade ou senso de responsabilidade diante de tal decisão, passamos a investigar quais foram e onde aconteceram os primeiros congressos científicos que buscaram essa aproximação. Nos deparamos com o I Congresso Panamericano de Educação Física e, na organização do mesmo, com o professor Inezil que, desde início dos anos 40, mantinha contatos com colegas de outros países da América Latina em função, inclusive, do cargo de Técnico de Educação que ocupava no Ministério de Educação.<sup>1</sup> Decorrentes de contatos como estes e de uma série de outras circunstâncias, o I Congresso

---

1 O professor ocupou esse cargo entre 1940 e 1971. De 1958 a 1960 foi representante do Ministério de Educação e Cultura, em Brasília. De 1960 a 1970 foi assessor jurídico do Gabinete do Ministro da Educação e Cultura sendo que, no ano de 1966, foi coordenador geral das assessorias técnicas do mesmo Ministério, com delegação de poderes para a prática de atos privativos de Ministro.



Panamericano de Educação Física, inicialmente previsto para acontecer em Montevideu, no ano de 1941, depois em Buenos Aires, em 1942, concretizou-se, por iniciativa do Major João Barbosa Leite, então Diretor Geral de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, em 1943 na cidade do Rio de Janeiro. O professor Inezil teve grande participação na organização deste evento sendo, inclusive, o seu secretário-geral. Participou, também, das duas outras edições do Congresso Panamericano<sup>2</sup> como um dos representantes oficiais do Brasil onde apresentou vários trabalhos na forma de comunicação, palestra e conferência.<sup>3</sup>

Além do seu envolvimento nas três edições desse Congresso, sua atuação junto aos colegas latino-americanos resultou na fundação da Confederação Sul-Americana de Associações de Professores de Educação Física, da qual foi o primeiro presidente entre os anos de 1946 e 1948.<sup>4</sup> É importante registrar que, nesse campo específico, Inezil demonstrava grande capacidade de liderança, sendo um dos responsáveis pela promoção de ações que buscavam uma aproximação entre os profissionais de Educação Física desses países que, na sua concepção, viviam realidades bastante próximas.

Afora esses dois exemplos que narram o envolvimento do professor Inezil com o que podemos denominar de construção de uma sistemática interlocução internacional da Educação Física brasileira, um dos objetivos do XIV CONBRACE e do I CONICE, outras vezes nos encontramos com ele nesse tempo de estruturação e organização do evento.

Em outubro de 2003, na Assembléia Final do XIII CONBRACE foi decidido que, em 2005, o evento realizar-se-ia na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ano bastante significativo para esta Escola que no mês de maio celebrou 65 anos de existência. Aqui, outra vez, encontramos rastros

---

2 O II Congresso Panamericano de Educação Física aconteceu no México, em 1946, e o III Congresso Panamericano de Educação Física, no Uruguai em 1950.

3 Além destes eventos o professor Inezil participou vários outros congressos no exterior. Segundo um relato autobiográfico encontrado no seu acervo pessoal, escrito em 1978, até aquele momento havia visitado 52 países na América, Europa, Ásia e África tendo proferido conferências ou ministrado cursos nos seguintes países: Argentina, Angola, Áustria, Bolívia, Chile, França, México, Peru, República Dominicana, Suécia, Uruguai e Turquia.

4 Foi também fundador e primeiro presidente da Associação de Professores de Educação Física (1946-1950); Fundador e primeiro presidente da Federação Brasileira de Associações de Professores de Educação Física (1946-1948); Presidente da Confederação Brasileira de Desportos Universitários, eleito em 1949 (mandato tampão) e reeleito em 1950.

do professor Inezil, um dos grandes colaboradores da ESEF/UFRGS, cujo reconhecimento público se deu no ano de 1950, quando lhe foi conferido, pelo então diretor Jacyntho Francisco Targa, o título de Professor *Honoris Causa*.<sup>5</sup> Além deste, inúmeros outros rastros do professor Inezil podem ser encontrados no acervo do Centro de Memória do Esporte da ESEF, local que futuramente abrigará o seu acervo pessoal.

Indícios, vestígios, memórias e fragmentos encontrados ora nos livros e revistas, na história da ESEF e nos eventos internacionais, ora nas pessoas que com ele conviveram e que, de alguma forma mantêm vivas em si mesmas diferentes lembranças e imagens do professor Inezil. Dentre as várias “coincidências” que facilitaram a reunião de fontes e dados para a organização dessa homenagem, registro o feliz e fecundo encontro com duas pessoas, ou melhor, dois amores do professor Inezil: a professora Alice Opala e Inezil Penna Marinho Júnior.<sup>6</sup>

Residentes em Porto Alegre, Alice e Júnior guardam em casa o acervo pessoal do professor Inezil. Um mundo de preciosidades que encanta e emociona: livros, revistas, artigos, cartas, documentos e anotações pessoais, fotos, manuscritos, originais de vários de seus livros, correspondências enviadas e recebidas, recortes de jornais, relatórios de viagens, condecorações, diplomas, enfim, inúmeros objetos que lhe pertenceram e que são preservados com zelo e dedicação. Descobrir essa família, ser incentivada por ela e ter permissão para remexer nas memórias e lembranças do professor Inezil foi fundamental para a viabilização desse projeto que, para além de ser uma simples homenagem a um dos pioneiros da Educação Física brasileira, é um presente para a comunidade que a compõe, na medida em que traz outra vez a público as palavras, idéias, os sonhos e sentimentos de um de nossos importantes intelectuais.

---

5 Inezil Penna Marinho também recebeu o título de Professor *Honoris Causa* da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, da Escola de Educação Física da Universidade Federal de São Carlos e do Instituto Nacional de Educación Física, Peru. Foi agraciado pelos governos da Colômbia, México, República Dominicana e Suécia, além de ter sido premiado com a Medalha Rui Barbosa pelo governo brasileiro. Fonte: relato autobiográfico do professor Inezil. Acervo Pessoal.

6 Essa coletânea de textos só foi possível pela compreensão que Alice e Júnior tiveram acerca do nosso projeto. Agradeço, publicamente, a confiança em mim depositada pois, desde o final de 2004 tenho realizado visitas periódicas a sua residência, mexendo e remexendo, sem restrição alguma, todo o acervo do professor Inezil.

Protagonista de uma carreira densa e diversa,<sup>7</sup> Inezil Penna Marinho apresenta-se, mesmo dezoito anos após o seu falecimento, como um dos autores mais produtivos na nossa área. O conjunto de sua obra reúne milhares de páginas escritas publicadas em forma de livros, brochuras, artigos em periódicos nacionais e internacionais, encartes, matérias jornalísticas, etc. Segundo suas próprias anotações, feitas em 1985, entre 1938 e 1984, publicou 92 obras (fora os textos em periódicos e em jornais), totalizando 10.739 páginas assim ordenados: Direito e Legislação (4 obras); Direito (9 obras); Filosofia (7 obras); Folclore (1 obra); História (11 obras); Pedagogia, Didática e Metodologia (41 obras); Psicologia (8 obras) e Sociologia (1 obra), sendo as demais coletâneas de crônicas, poesias e obras literárias.

Frente a uma produção tão profícua, e dada a exigüidade do tempo para a organização e publicação desta coletânea, não foi possível verificar, com exatidão, o que dos materiais e textos encontrados no acervo do professor Inezil já foi publicado e o que ainda mostra-se como inédito. Depois de várias pesquisas e, em decisão conjunta com Alice Opala e Inezil Penna Marinho Júnior, decidimos compor esta publicação com cinco títulos: dois deles referentes a apresentação de trabalhos em eventos internacionais, uma palestra e os dois últimos textos que escreveu relacionados à Educação Física.<sup>8</sup>

A decisão de recuperar os textos publicados nas duas primeiras edições do Congresso Panamericano de Educação Física<sup>9</sup> alia-se com a perspectiva registrada, neste evento, de contemplar as iniciativas de cooperação internacional com os países da América Latina e Caribe. Ao pesquisar os Anais deste congresso pude perceber que o professor Inezil apresentou mais de um trabalho em cada uma das edições. No primeiro deles, por exemplo, apresentou dois textos, um na

---

7 Instrutor de Educação Física pela Escola de Educação Física do Exército (1938); Técnico Desportivo pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil (1941); Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFRJ (1943); Formado em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil (1941); Formado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil (1958); Livre-Docente da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil (1949).

8 Essa decisão esteve pautada, também, em função da própria caracterização do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte que, como uma entidade científica, atua no sentido da veiculação do conhecimento produzido.

9 Não conseguimos localizar os Anais da III Edição. Foram consultados os acervos do Centro de Memória do Esporte da UFRGS; o Centro de Memória Inezil Penna Marinho, da Escola de Educação Física da UFRJ, as Bibliotecas da USP e da UNICAMP e o acervo pessoal de Lamartine Pereira da Costa



seção “Pedagogia Aplicada à Educação Física”, e outro na seção “Biologia aplicada à Educação Física”. Este último, intitulado “O grupamento homogêneo e as considerações que o problema suscita” foi, posteriormente, desdobrado e publicado em diferentes periódicos.<sup>10</sup> Já o trabalho apresentado na seção de Pedagogia parece mostrar-se ainda inédito, não tanto com relação ao seu conteúdo, pois algumas de suas análises aparecem publicadas em outros trabalhos,<sup>11</sup> mas na disposição do texto e na forma como apresenta o que denomina de “ilustrações”. Nesse item, o professor Inezil descreve e comenta algumas situações onde diferentes pessoas são representadas como mais saudáveis, mais animadas, mais integradas socialmente a partir da prática de jogos e esportes. Este texto denomina-se “Do valor bio-psico-social do jogo em particular e dos exercícios em geral – a sua influência na formação do caráter e mesmo na sua modificação – observações a respeito” e inaugura esta coletânea.

No II Congresso Panamericano de Educação Física, o professor Inezil apresentou uma série de trabalhos. Diferentemente da publicação do congresso anterior, os organizadores do evento editaram um livro intitulado “Memória Oficial Del II Congreso Panamericano de Educación Física” no qual aparecem transcritas todas as sessões plenárias realizadas no decorrer do evento, bem como o registro da sua programação oficial. Compõe ainda essa publicação a reprodução dos resumos expandidos, escolhidos por decisão da assembléia, de alguns dos trabalhos apresentados nas diferentes sessões plenárias. Dentre eles encontram-se nove

---

10 MARINHO, I. P. Grupamento homogêneo: considerações em torno desse problema em educação física. *Educação Física*, Rio de Janeiro, n. 65, p. 15-16; 29-30 e 52-54, jun. 1942; MARINHO, I. P. Grupamento homogêneo: considerações em torno desse problema. *Educação Física*, Rio de Janeiro, n. 77, p. 57-61, mar. 1944; MARINHO, I. P. O eterno problema do grupamento homogêneo. *Boletim de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 11, p. 13-39 e p. 57-63, dez. 1944. MARINHO, I. P. O eterno problema do grupamento homogêneo. *Revista Brasileira de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p. 5-17, ago. 1944. MARINHO, I. P. O eterno problema do grupamento homogêneo. *Revista Brasileira de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, p. 2-4, fev. 1945. Fonte: NETO, Amarílio F. Catálogo de Periódicos de Educação Física e Esporte (1930-2000), Vitória:Proteoria, 2002.

11 MARINHO, I. P. O conceito bio-sócio-psico-filosófico da educação física em oposição ao conceito anátomo-fisiológico. *Boletim de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 10, p. 7-29, ago. 1944; MARINHO, I. P. O conceito bio-sócio-psico-filosófico da educação física em oposição ao conceito anátomo-fisiológico. *Revista Brasileira de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 23-38, fev. 1944. MARINHO, I. P. O moderno conceito bio-psico-socio-filosófico da educação física. *Revista Brasileira de Educação Física*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 46, p. 36-38, jan. 1948; MARINHO, I. P. *Educação Física, Recreação e Jogos*. Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora, 1957.

de autoria do professor Inezil, o único autor a ter mais de um resumo publicado. São estes: 1) “Condiciones que debe satisfacer un método de educación física”; 2) “Lugar de la educación física en el plan educacional”; 3) “Consideraciones para la elaboración de programas de educación física destinados a las escuelas primarias”; 4) “Consideraciones sobre un regimen de actividades físicas destinado a las escuelas secundarias”; 5) “Directivas para la educación física en los establecimientos de enseñanza industrial del Brasil”; 6) “La educación física para los portadores de defectos físicos”; 7) “Aportación para el estudio del problema de la educación física de los débiles mentales”; 8) “Educación física para los niños ciegos” e 9) “Educación física para surdomudos”.

Ao pesquisar no acervo pessoal do professor Inezil, deparei-me com a monografia que escreveu em 1945 para submeter ao Concurso de Trabalhos sobre Educação Física, promovido pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, Seção Técnico-pedagógica, intitulada “Lugar da Educação Física no Plano Educacional.”<sup>12</sup> Ao analisar esta monografia percebi ter sido o documento original o qual, posteriormente, foi desdobrado em vários textos, capítulos de livros e comunicações ou conferências apresentadas em congressos nacionais e internacionais. Não há dúvidas de que vários dos temas apresentados no Congresso do México foram elaborados tendo como base a investigação que faz para a tessitura desta monografia.

Para a composição desta coletânea, julguei ser importante publicar a monografia em questão não apenas porque está relacionada à publicação oficial do II Congresso Panamericano, cujos resumos estão em língua espanhola, como também porque se constituiu no primeiro estudo apresentado publicamente pelo professor Inezil sobre esse tema. Mesmo reconhecendo a relevância do

---

12 O texto apresenta 79 páginas datilografadas e encontra-se encadernado junto com outros trabalhos, num volume identificado pelo próprio professor Inezil como “Monografias Inéditas Diversas 1945-1946”. Está dividida da seguinte maneira: Prolegômenos; Plano; Capítulo I – O lugar da Educação Física nos mais importantes planos educacionais antigos, medievais e modernos; Capítulo II – A primeira tentativa de um plano nacional de educação no Brasil. O plano educacional de 1936. Interpretação e lugar da Educação Física; Capítulo III – Lugar da Educação Física no conjunto das atuais leis orgânicas; Capítulo IV – Sugestões para o lugar da Educação Física num plano nacional de educação; Capítulo V – Resumo dos assuntos tratados nos capítulos anteriores; Elementos de Consulta e Índice Onomástico.

documento na sua íntegra, optei por não incluir os capítulos II e III por considerá-los muito mais descritivos do que analíticos ou propositivos. Nestes capítulos, o autor reproduz vários trechos de documentos oficiais tais como planos de educação, bem como de leis orgânicas elaboradas pelo Ministério da Educação e Saúde. Feito essa supressão, o texto aqui publicado mantém o título original da monografia e privilegia as análises que o professor Inezil fez sobre o contexto educacional do período, bem como as proposições para que a Educação Física tivesse assegurado um importante lugar dentro de um plano nacional de educação.

O terceiro texto que compõe essa publicação intitula-se “Educação Física: filosofia, ciência e arte” e resulta da transcrição<sup>13</sup> de uma conferência ministrada no VI Encontro Nacional de Professores de Educação Física, realizada na cidade de Tramandaí, Rio Grande do Sul, em abril de 1980. Ouvir o professor Inezil e transformar o documento oral em escrito só foi possível porque, numa de minhas visitas à residência de Alice Opala, entre conversas e cafés, encontramos, nas estantes onde estão guardados os materiais do professor Inezil, uma fita ainda dentro do gravador no qual, há 25 anos atrás, Alice registrou a conferência, achado esse que se revela como um presente para todos nós.

Os outros dois textos aqui publicados são os últimos textos escritos pelo professor Inezil, ambos apresentados em congressos. O primeiro deles, intitulado “Nova denominação para o professor de Educação Física: Educação Física, uma expressão inadequada”, foi apresentado ao 1º Congresso Latino-americano de Educação Física, Desporto e Recreação e X Encontro Nacional de Professores de Educação Física, realizado em Tramandaí de 15 de a 21 de abril de 1984, e o segundo “Escólios axiológicos à problemática jurídica do lazer - o lazer como importante fator na “qualidade” de vida do trabalhador” foi apresentado e premiado na VII Conferência Estadual dos Advogados, realizada em Criciúma, de 9 a 12 de agosto de 1984.

Provavelmente, nenhum desses textos recebeu publicação sob forma de capítulo de livro ou em algum periódico nacional ou internacional e, mesmo que o tenha sido não perde seu ineditismo na medida em que, aqui, se alia a três outros trabalhos capazes de revelar o pensamento do professor Inezil em tempos bastante diversos.

---

13 A transcrição da fita foi realizada pela acadêmica Camile Romero, bolsista do Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS.



Apresentá-los ou reapresentá-los a você, leitor e leitora, é uma alegria e também uma honra dada a importância do conjunto de sua obra pois, ainda que muitas e diferentes análises possam ser feitas sobre o legado de Inezil Penna Marinho, rememorá-lo, aqui e agora, significa reconhecer um longo caminhar cujos passos marcaram muito do que hoje vivenciamos.<sup>14</sup>

*Silvana Vilodre Goellner*

*Vice-Presidenta do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte  
Coordenadora do Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS*

---

14 Todos os textos foram digitados conforme os originais mantendo a grafia, a forma de apresentar as citações e referências bibliográficas bem como as próprias marcações feitas pelo professor Inezil (itálico, negrito, entre aspas, palavras sublinhadas, etc). Agradeço a Johanna Coelho von Mulhen, Heloisa Carmona, Angelita Jaegger e Nina Sodré pelo precioso auxílio na digitação dos textos.

# Do valor bio-psico-social do jogo em particular e dos exercícios em geral

– a sua influência na formação do caráter e mesmo na sua modificação – observações a respeito<sup>1</sup>

## Tema V – O jogo como meio de educação física. Seu valor bio-psico-social

### 1. Moral – consideração a respeito

Ao falarmos de moral é preciso, antes de tudo, estabelecer a diferença entre moral individual e moral social, para que o problema fique situado nos devidos termos.

A moral individual traduz-se por um conjunto de qualidades que identificam o homem, diferenciando-o dos demais, emprestando-lhes traços que lhe são peculiares. A êsse conjunto de qualidades morais personalíssimas denominamos caráter.

A moral social está representada pelos preceitos que a sociedade em que vivemos estabeleceu e é a êsses preceitos que evitamos ferir para não a contrariar. Se as sociedades estão sujeitas a uma natural evolução, nada mais lógico que a moral social a acompanhe, variando dêste modo no tempo e no espaço. No tempo porque, para um mesmo grupo social, ela não é idêntica em épocas diferentes e no espaço porque, na mesma época, não é igual para grupos sociais diversos.

Muitas vêzes os conceitos de moral colocam-se em campos diametralmente opostos. Assim, vemos o ocidental vingando uma afronta com a morte do injuriador, isto é, com a execução do culpado por suas mãos, única maneira de salvar a honra ultrajada, e o oriental, para vingar a mesma afronta, auto-executando-se, rasgando o ventre de baixo para cima, no seu famoso sacrifício do *hara-kiri*, único meio também de repelir o ultraje à sua honra.

Se aquilo que é social é antes de tudo individual, a moral social certamente terá por base a moral individual. “É certo, que vastos

---

1 MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE. Anais do Primeiro Congresso Panamericano de Educação Física. Volume I. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1945, p. 6-33.

esquemas de aperfeiçoamento social têm sido projetados. Esqueçamos, entretanto, que tudo será inútil, se não cuidarmos da base, que são precisamente os indivíduos de que a sociedade se compõe. Não podeis esculpir em madeira podre, diz o provérbio chinês. Tão pouco podeis gravar no caráter decaído de um povo os duráveis alicerces de uma raça melhor”.<sup>2</sup> Isto significa que se desejarmos uma moral social elevada, temos de cuidar com especial carinho da educação moral de cada indivíduo.

E “a educação moral em si não é leiga nem religiosa”.<sup>3</sup>

Há um grande número de pessoas que não pode ouvir falar em moral sem associar o assunto imediatamente às questões religiosas e aos problemas de ordem sexual. Para elas a educação moral consiste unicamente em se envolver do maior mistério fenômenos fisiológicos da natureza humana e criar no espírito dos educandos um misticismo qualquer. E, obtido isso, consideram a obra educacional terminada. Jamais pensam em despertar qualidades verdadeiramente morais, começando pela educação da vontade.

Muitos indivíduos deixam de cometer delitos não porque a sua consciência os condene ou a sua vontade individual os impeça, mas unicamente porque receiam o juízo social, temem o castigo da sociedade em que vivem. E é apenas êsse freio – moral social – que os detém, porque a sua moral individual de nada os impede.

## 2. O caráter – sua conceituação

O vocábulo *caráter* provém do grego – *charrasco* – que significa, falando-se de moedas, eu gravo, entalho, cunho.

Sampaio Dória<sup>4</sup> define o caráter como “o cunho pessoal do indivíduo, ou sua maneira constante de agir ou reagir”.

“O caráter é uma das maiores fôrças motrizes do mundo”.<sup>5</sup>

Para Davi Carneiro<sup>6</sup> “as três qualidades ativas: coragem, prudência e firmeza, têm a denominação geral de caráter porque elas comandam atos, e daí o caracterizarem os sentimentos quaisquer que os impulsionaram, fôssem bons”. Êsse autor afirma ainda que

2 CARREL, A. – “Renove seu próprio Eu” in Seleções do Reader’s Digest – Tomo I – nº 2 – Março – 1942.

3 DÓRIA, S. – Educação Moral e Educação Econômica” – São Paulo – 2ª edição.

4 *Ob. cit.*

5 SMILES, S. – “O Caráter” – Rio de Janeiro.

6 CARNEIRO, D. – Ensaio de Interpretações Morais – Rio – 1937

por tôda a parte se nota uma grande falta de firmeza, provindo isso das constantes mudanças de opinião e da incerteza que reina no espírito dos homens. Êstes vacilam em seus atos e sentimentos por causa das reações do meio social sobre o cérebro de cada um.

“Quem quer que adquira êsses três hábitos, o de decidir por si mesmo, o de prever os resultados do que decide, e o de receber as conseqüências de seus atos ou omissões, termina naturalmente por ser correto. É sobretudo por se furtar à responsabilidade, por não ser premiado ou punido sempre que fôr o caso, que interminável é a cáfila dos imortais, dos brutos, dos indignos”<sup>7</sup>.

Podemos afirmar que raros são aqueles que mantêm os mesmos princípios ainda que contra os seus interesses; geralmente êstes se sobrepõem a tudo e, para atendê-los os indivíduos de acomodam às idéias e convicções daqueles de que dependem economicamente ou hierárquicamente. Se seus chefes mudam de opinião, acompanhamos sem o maior desembaraço, incapazes de renunciar aos cargos ou privilégios de que desfrutam, sem fôrças para repudiar as doutrinas ou normas de conduta que lhes inculcam.

“Energia, firmeza e constância da vontade associados ao hábito de conformar nossos atos aos dictames de uma consciência reta, eis as prendas de um caráter ideal”.<sup>8</sup>

Aristides Ricardo<sup>9</sup> diz bem quando afirma que “o caráter é o retrato psíquico do indivíduo, a sua fisionomia moral”. E continua: “Do mesmo modo que os indivíduos se diferenciam por seus atributos físicos, assim também o fazem por seus atributos morais”.

Há duas épocas na vida do homem que são muito importantes para a formação do caráter;<sup>10</sup> a primeira quando a criança adquire o uso da razão e a segunda quando o jovem entra em contato com a sociedade na luta pela vida. A puberdade é também uma fase perigosa, no que diz respeito aos vícios de ordem sexual. Este é o motivo por que, na nossa opinião, devemos prestar uma assistência muito

---

7 DORIA, S. – *Ob. cit*

8 GEENEN, H. – *Temperamento e caráter sob o ponto de vista educativo* – S. Paulo.

9 RICARDO, A. – *Biologia Aplicada à Educação* – São Paulo – 1936.

10 “Como épocas peligrosas del desarrollo vicioso deben señalarse no sólo los primeros meses, el segundo y tercer año de la vida y del período de la pubertad. Muy importante es también la época em que se afirma ya el uso de la razón (de los 7 a los 10 años) y la época de lucha de la edad adulta (de los 18 a los 26 años)” – *Diccionario de Pedagogía Labor* – Barcelona – 1936 – Vol. I.



cuidadosa aos indivíduos que atravessam êsse período, esclarecendo-lhes certos fenômenos naturais e orientando-lhes o instinto sexual para um desenvolvimento rigorosamente normal.

Dentre as qualidades morais que devem ser desenvolvidas para a formação de um caráter ideal, destacam-se a coragem, a tenacidade, a perseverança, a generosidade, o espírito de disciplina, de solidariedade e de cooperação, a energia, a confiança em si, a lealdade e a predisposição à luta.

E tôdas essas qualidades, indispensáveis à vitória do homem nos embates cotidianos da vida, podem ser obtidos por meio dos exercícios físicos que, adestrando o corpo, elucidam o espírito e, sobretudo, acrisolam o caráter.

A coragem é indispensável em qualquer empreendimento humano, pois aquele que admite a derrota antes da luta já está vencido sem nela ter ainda tomado parte. "A coragem é o órgão da atividade que determina as ações."<sup>11</sup> A prática sistematizada de exercícios cuja realização exige atitude pronta e resoluta aumenta progressivamente o grau de coragem dos indivíduos que àquela se submetem. Do mesmo modo, a tenacidade e a perseverança só podem ser alcançadas através de lutas contínuas, qualquer que seja a sua modalidade, e os desportos, individuais ou coletivos, são o meio indicado para a consecução de tal objetivo.

A generosidade é peculiar aos que conhecem o valor das suas forças e não as utilizam contra um adversário mais fraco, incapaz de resistir-lhes. A generosidade é própria dos fortes, dos que sabem lutar e vencer, daqueles que amparam os fracos contra a tirania dos déspotas.

O espírito de disciplina, de solidariedade e de cooperação só poderá ser despertado através dos jogos e dos desportos coletivos, em que cada indivíduo trabalha para uma causa comum: a vitória do seu grupo. Nessas formas de atividade física não se conhecem os pronomes eu, tu, êle, mas apenas nós, vós, êles.

A energia somente a possuem os indivíduos que não abandonam uma causa por mais perda que pareça, mas que, quando assim os outros a considerarem, redobram os seus esforços, e transformam a iminente derrota na mais estrondosa vitória. Só aqueles que não se abatem à superioridade numérica ou de posição do adversário, que preferem morrer num posto à cedê-lo, possuem caráter apreciável.

---

11 CARNEIRO, D. – *Ob.cit.*

E nas competições desportivas a preparação para êsse fim pode ser feita metódicamente, aumentando-se pouco a pouco a complexidade e a importância dos torneios.

A confiança em si, a lealdade e a predisposição à luta não a possuem os homens de espírito fraco. E a “fé em si é a condição da vitória, ainda que sem derrota de ninguém.”<sup>12</sup>

Só os indivíduos de ânimo forte, aqueles que confiam em suas próprias forças, que não utilizam meios desleais para levar de vencida um adversário, que não fogem à simples visão de um embate, que jamais abandonam a lição depois de iniciada a luta, só êstes são dignos de admiração, somente êstes merecem ser imitados. E “a melhor maneira de aprender a competir no jôgo da vida, está nas competições desportivas.”<sup>13</sup>

### 3. A educação da vontade

“A educação da vontade produz homens de ação. A educação da moral homens de bem. Mas recaem ambas sôbre a vontade. Por isto a educação moral é a educação da vontade”.<sup>14</sup> Uma vontade firme e decidida é por si só um grande bem. Quase todos os autores são unânimes em afirmar que a solução moral está baseada na educação da vontade.

Kerchensteiner<sup>15</sup> assevera que “la finalidad fundamental de tôda educación es determinar cada vez más claramente la voluntad del alumno, para proporcionarle un carácter firme, dispuesto por la costumbre y regido por principios concretos”.

Spencer<sup>16</sup> diz que os homens independentes são aqueles que não se curvam à vontade alheia, que mantêm os seus princípios em tôdas as circunstâncias e exemplifica com a diferença fundamental entre os sistemas educacionais da Inglaterra e da Alemanha.<sup>17</sup>

---

12 SAMPAIO, D. – *Ob. cit.*

13 GRIFFING, J. B. – O Corpo Civil de Conservação *in* Educação nº3 – Rio – 1939.

14 SAMPAIO, D. – *Ob. cit.*

15 KERCHENSTEINER, G. – El alma del educador y el problema de la formación del maestro – Barcelona – 1934 – (2ª edição).

16 SPENCER, H. – Educação Intelectual, Moral e Física – Cultura Moderna – São Paulo.

17 *Ob. cit.* – Pág. 193 – “O rapazito independente de hoje é o pai do cidadão inglês de amanhã, e, sem o primeiro, não poderemos ter o segundo. Dizem alguns professôres alemães que preferem ter a cargo uma dúzia de rapazes alemães a terem um só inglês. Devemos nós por isso desejar que os nossos rapazes tenham a maleabilidade dos alemães, e com ela a submissão e servidão política dos homens alemães? Ou não será melhor aos nossos rapazes aqueles sentimentos que os fazem livres a modificar os nossos métodos nessa conformidade?”

Um indivíduo de vontade educada é senhor de todos os seus atos, sabe o que deseja e controla-se nas mais difíceis circunstâncias, encontrando sempre solução aos intrincados problemas que lhe sejam propostos. Mas só por uma prática constante poderemos obter a subordinação dos nossos desejos ao poder da vontade. “A conquista de si mesmo não é fácil. Mas uma vez conseguida, traz àquele que a consegue a alegria real de viver.”<sup>18</sup> Conseqüentemente, podemos afirmar que “a educação moral é, em substância, educação da vontade.”<sup>19</sup>

E o melhor meio de educar a vontade está na prática sistematizada de exercícios físicos.

Suponhamos que um indivíduo se proponha a realizar cinquenta flexões simultâneas dos braços empunhando halteres de dois quilos. Se êle não está treinado para êsse fim, depois de trinta ou quarenta flexões sente ímpetos de desistir porque suas fôrças já quase não o atendem, mas, se persiste no seu objetivo de realizar as cinquenta flexões, a energia moral que a sua vontade lhe empresta se transforma em energia física e a tarefa é totalmente realizada. Do mesmo modo que o atleta que, sentindo fraquejarem-lhe as forças para atingir a meta final, consegue num esforço supremo alcançar a vitória, única e exclusivamente pelo poder da férrea vontade. “Aquele que hoje realiza um esforço titânico, empregando a última de suas energias, para alcançar em primeiro lugar a meta de chegada ou para transpor o sarrafo à máxima altura, é o mesmo que amanhã não tergiversará em sacrificar a última gota de sangue para manter uma posição, para garantir um assalto, para repelir um inimigo.”<sup>20</sup>

A educação da vontade baseia-se na educação do corpo. Ação é atividade muscular, mas é também atividade nervosa e mental. Educai, pois, o cérebro, exercitando os músculos... É para o bem do espírito que queremos a Educação Física.”<sup>21</sup>

Geralmente, nos indivíduos que gozam de pouca saúde, nota-se que o estado é quem comanda o espírito, subordinando-se êste inteiramente aos constantes caprichos daquele. O corpo, e assim pensa Rosseau<sup>22</sup>, deve portar-se como um servo obediente do espírito,

---

18 CARREL, A. – *Ob. cit.*

19 DÓRIA, S. – *Ob. cit.*

20 MARINHO, I. P. – “A significação dos IV Jogos Olímpicos Universitários” – Rio – 1942.

21 THIELE, A. – *Revista de Educação Física* – nº 27 – Rio – 1936.

22 ROSSEAU, J. J. – *Émile ou de l'Education* – Nouvelle Edition – Paris – Garnier.



para que o homem possa concretizar os seus sonhos e realizar tôdas as suas aspirações.

O espírito é o comandante que determina todas as grandes ações e o corpo o exército que as realiza; e qualquer um dos dois, sem o concurso do outro, jamais poderá atingir o objetivo colimado.

*“Comparem-se outrossim, os estados da alma de dois indivíduos, um fraco e mole, outro musculoso e bem exercitado em educação física; nos últimos as fibras musculares bem tonificadas e sempre em eminência de contração provocam um sentimento de fôrça, de leveza, de otimismo que o primeiro não conhece.”<sup>23</sup>*

Não resta, pois, a menor dúvida que a educação moral tem por base a educação da vontade, mas obter esta devemos tomar por ponto de partida a educação física.

#### 4. A questão sexual em face dos exercícios físicos

Forel<sup>24</sup> diz que é sôbre uma moral humana natural que devemos edificar a ética sexual e nada mais acertado. Querer basear os problemas sexuais numa moral tôda artificial é revestir a sociedade de um verniz de hipocrisia, é querer transformar a natureza humana num títere manejado por um pequeno número de mistificadores que utilizam o velho rifão do façam o que eu digo mas não o que eu faço.

“A moral individual e coletiva, criada artificialmente pelo homem, centraria a miúde as manifestações dêsse instinto que assim se recalca no fundo do subconsciente.”<sup>25</sup> Êsse recalçamento deve ser evitado a todo custo para que não se criem complexos de ordem sexual. Há certos indivíduos que tem permanentemente seus pensamentos, as suas palavras, os atos ligados sempre às questões de caráter sexual; qualquer assunto lhes sugere o indefectível trocadilho ou gracejo envolvendo uma imagem sexual. Em alguns o problema se agrava, transformando-se muitas vêzes em verdadeira obsessão.

O instinto sexual manifesta-se de várias formas e a sua satisfação pode operar-se das mais diversas maneiras. Há casos em que o desejo sexual se sublima com uma simples palestra, com mero apêrto de mão, com uma rápida contradansa e às vêzes com a fugaz visão do indivíduo do sexo oposto que o despertou.

---

23 ROUGES, J. V. – Educação do Caráter – Rio – 1936.

24 FOREL, A. – A Questão Sexual – Rio de Janeiro – 1939 – (9ª edição)

25 BRITO, L. A Questão Sexual nas Prisões

Os seres humanos que vivem debaixo de complexos sexuais, pela insatisfação dos seus desejos, – homens e mulheres obrigados a uma abstinência forçada, os primeiros por voto de castidade para o qual não se encontravam preparados e as últimas pela impossibilidade de conseguir matrimônio – necessitam, mais do que todos, de derivativos para a sua mente carregada de imagens eróticas. E os exercícios físicos sob as suas variadas e atraentes formas representam o meio mais indicado à consecução de tal objetivo.

Só quem já teve oportunidade de pisar um campo desportivo para tomar parte neste jogo ou naquela competição poderá dizer como pairam longe de sua mente as imagens de ordem sexual. Durante o jôgo o adulto dá livre expansão a todos os seus instintos, até aí recalçados pelas conveniências sociais; êle salta, êle grita, êle corre como se fôsse uma verdadeira criança<sup>26</sup>. “O esporte é pois uma necessidade vital, uma válvula de segurança para os instintos de agressão.”<sup>27</sup>

Podemos ter uma breve amostra da importância dos desportos no desenvolvimento regular do instinto sexual, com a transcrição do diálogo que se segue, travado entre Oscar Wilde e Frank Harris, o seu mais fiel biógrafo:<sup>28</sup>

– *Em Portora, noventa por cento dos rapazes apenas pensavam em foot-ball, cricket ou remo; quase todos eram seduzidos pelo atletismo – a corrida, o salto e coisas idênticas; nenhum parecia preocupar-se com coisas sexuais. Éramos uns sádios bárbaros. E eis tudo.*

– *Você participava dos jogos? Inquiri.*

– *Não, respondeu Oscar sorrindo; eu não gostava de dar coices nem ser escoiceado.*<sup>29</sup>

A atividade física intensa consome energias e, por conseguinte, exige um repouso que compense tal perda. O indivíduo passa então a alimentar-se e a dormir melhor, relegando o desejo sexual a um plano secundário. E êste só se manifesta por necessidade orgânica bem diferente das excitações eróticas, artificiais, que têm causa na mente povoada de ficções doentias daqueles que fazem do ato sexual o eixo do mundo.

26 “Os jogos... são a válvula de escapamento dos impulsos da criança” – RAMOS, A. – *A Criança Problema* – São Paulo – 1939.

27 CARVALHO, D. – *Sociologia Educacional* – São Paulo – 1933.

28 HARRIS, F. – *Oscar Wilde sua vida e confissões* – São Paulo – 1939 – Pág. 59.

29 Talvez se Oscar Wilde se houvesse dedicado à prática de dar coices e de ser escoiceado não tivesse descido à perversão sexual que lhe arruinou a carreira, conduziu-o por duas vêzes a um tribunal, levou-o a uma das prisões da Inglaterra, obrigou-o ao exílio e acarretou-lhe uma morte inglória.

### 5. *A Igreja e a Educação Física*

Algumas pessoas pouco esclarecidas das bases científicas sobre as quais a Educação Física repousa e ainda da verdadeira doutrina em que a Igreja se fundamenta têm procurado, abrigo não sabemos que intuítos, atirando esta última contra aquela. Alardeiam uma pseudo incompatibilidade entre ambas, explorando o fatos que, na maior parte das vezes, não se ligam ao assunto e mantêm-se obstinadamente dentro de um ponto de vista absurdo, sem admitir a clarividência de insofismáveis provas que, a todo instante, lhes são exibidas.

Entre nós, quando a Educação Física, reclamada pelas necessidades inadiáveis do Povo Brasileiro e exigida legalmente pelos poderes constituídos da República, iniciou os seus primeiros passos, “os conservadores intransigentes, que vêm em qualquer reforma um atentado à tradição”, “os rotineiros calejados, que já não têm capacidade de adaptar-se e revoltam-se na angústia dessa possibilidade”<sup>30</sup> levantaram-se dos pontos mais diversos e ocultos, crivaram-se de ferinas críticas, atordoaram-na com mil e um protestos e provocaram tôda sorte de polêmicas. Mas de cada embate que vinha de travar, mais força criava a idéia, mais adeptos ia conquistando, principalmente entre os seus próprios adversários, muitos dos quais se rendiam à evidência e reconheciam o lugar que de direito estava à Educação Física reservado.

Já em 1942, conseguia o Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo realizar na cidade de Santos, um campeonato de educação física entre estabelecimentos religiosos – católicos – exclusivamente femininos, logrando o maior êxito. Êsse fato deu ensejo a que a Divisão de Educação Física publicasse um opúsculo a respeito, cercado-o de judiciosos comentários.

A Igreja Católica, que reúne em seu seio quase tôda a população do Brasil, poderá cooperar decisivamente com os poderes públicos neste país nas demais nações americanas na campanha da Educação Física, a exemplo do que ocorre nos Estados Unidos da América do Norte. Na grande nação amiga, onde existem 22.556.242 católicos sobre uma população de 131.409.881 habitantes, as instituições católicas mantêm: 203 seminários com 17.545 seminaristas; 140 escolas superiores para homens, incluindo 79 universidades; 1.468 faculdades e academias para moças, incluindo 121 universidades; 1.468 ginásios, com 501.088 ginásianos; 7.701 escolas paroquiais, com

---

30 “A Igreja e a Educação Física” – Rio – 1943 – Divisão de Educação Física.



2.065.198 alunos e, finalmente, 300 orfanatos, com 31.363 órfãos. Essas informações nos permitem formar uma idéia da fôrça que dispõe a Igreja Católica nos Estados Unidos. E para demonstrar como essa fôrça trabalha pela educação física do povo americano, apresentamos, no próprio original, o seguinte relatório, preparado por solicitação nossa e com o empenho do "Coordinator of Inter-American Affairs of the United States of América", pelo Departamento de Educação da Conferência Nacional de Obras da Beneficência Católica com sede em Washington, D. C.\*

Concluindo, não nos parece fora de propósito lembrar aqui as palavras do ilustre sacerdote católico Cônego Assis Memória, do Cabido Metropolitano da Arquidiocese do Rio de Janeiro, preclaro jornalista e consagrado educador:

*Problema dos mais urgentes, por ser dos mais momentosos, e até o presente um tanto descurado criminosamente, a educação física se opõe a todos quantos queiram a Pátria e prezem os seus supremos destinos.<sup>31</sup>*

## 6. Ilustrações

Apresentaremos aqui alguns casos de nossa observação pessoal e o resultado de experiências levadas a efeito por outros pesquisadores, pretendendo, com isto, objetivar o benefício que a Educação Física tem trazido aos indivíduos, não apenas no que diz respeito ao seu desenvolvimento morfo-fisiológico, mas, sobretudo, no que interessa à sua formação moral e ao seu comportamento social.

I – Certo rapaz de nossas relações, cuja família dispunha de recursos para mantê-lo sem qualquer preocupação de ordem financeira, era assíduo freqüentador de um dos cassinos desta capital. Diversos fatores para isso concorriam, entre os quais o residir nas proximidades do mesmo e o hábito que adquirira de trocar a noite pelo dia. Segundo a sua própria expressão, nunca se poderia "deitar às dez ou onze horas pela absoluta falta de sono" e era isso, mais do que qualquer outra coisa – afirmava – que o fazia sair tôdas as noites.

---

\* No original o texto é interrompido nesse parágrafo incorporando, na íntegra, o relatório intitulado "Physical Education in the Catholic Schools of the United States" do Departamento de Educação da National Catholic Welfare Conference (p. 15 a 27). Como o objetivo dessa publicação é recuperar textos originais do professor Inezil não julguei importante a reprodução desse relatório (Nota da organizadora).

31 Carta aberta publicada em "Educação Física" – Rio de Janeiro.



Como conseqüência, apresentava uma grande palidez, profundas olheiras e, agravada pelo seu próprio tipo constitucional, uma magreza impressionante. Em virtude de sermos quase vizinhos, conseguimos influenciá-lo a levantar cêdo e a acompanhar-nos certo dia à praia. Participou conosco de alguns leves exercícios e mostrou-se interessado em aprender *volley-ball*, pois sentia-se “diminuído” em ser o único dos rapazes de “daquilo nada entendia”. O sol fizera-lhe bem e já à tarde a sua fisionomia era mais simpática. Confessou-nos então que sentia as pernas e os braços extremamente doloridos, pois não estava acostumado a qualquer atividade física, por mais leve que fôsse, e a reação operada em seu organismo obrigou-o a deitar-se cedo. Após quinze ou vinte dias de freqüência à praia, já tinha alguns conhecimentos de *volley-ball*, passando daí por diante a figurar nos jogos diários. Tomou gosto pelo exercícios e manifestou-nos o desejo de melhorar seu aspecto físico que julgava “feio”, submetendo-se então por mais de três meses a um regime severo de exercícios que o obrigavam a uma vida perfeitamente regular. A sua pele, pela ação dos raios solares, adquirira uma cor morena, mais atraente à vista; muito embora a sua constituição biotipológica permanecesse inalterada, o aumento de dois ou três quilos, distribuídos eqüitativamente pelo corpo, e o desaparecimento das profundas olheiras tornaram-lhe o aspecto físico bem mais atraente. O seu temperamento mesmo sofreu ligeira alteração e êle, de taciturno que era, passou a mostra-se mais sociável, detendo-se para palestrar com as moças quando as encontrava, coisa que jamais ocorrera anteriormente.<sup>32</sup>

II – Na Colônia infantil Dr. Álvaro Guião, em Santos, no Estado de São Paulo, tivemos a oportunidade de observar um fenômeno curioso. Quinzenalmente a Colônia recebia a média de 300 crianças oriundas de cidades do interior paulista e, nos três ou quatro primeiros dias de sua permanência ali, formavam-se espontaneamente para as diversas atividades da Colônia grupos distintos, cujos componentes eram exclusivamente de sua cidade natal. Mas os jogos, realizados na praia, os imprevistos do banho de mar e as diversas formas de exercícios físicos se encarregavam de dissipar os sentimentos regionalistas e irmanar as crianças de tal modo que muitos não se podiam apartar sem que as lágrimas lhes marejassem os olhos.

---

32 Conforme facilmente se depreende, tratava-se de um indivíduo que vivia sob um complexo de inferioridade, cuja causa estava na sua mesquinhez física. Daí a sua verdadeira ojeriza à praia, onde tinha de exibi-la flagrantemente, a sua timidez em relação ao sexo oposto, pelo receio do ridículo, e a necessidade de um derivativo, que o jogo nos salões do cassino lhe proporcionava.

E, mais uma vez, os exercícios físicos prestavam um relevante serviço social.

III – “Certo estabelecimento ensaiava seus alunos para um desfile, quando o diretor, aproximando-se de um menino, visivelmente coxo e que marchava com dificuldade, retirou-o de forma. Na verdade parecia um ato de desumanidade permitir que aquela criança marchasse dois ou três quilômetros na situação em que se encontrava. O menino saiu cabisbaixo, olhando para a sua perna mais curta e sentou-se no muro do colégio. Apercebendo-me que a desumanidade naquele caso não estava em fazer o aluno marchar dois ou três quilômetros, mas justamente em impedir que tomasse parte num desfile que para êle tinha a maior significação, porque, pelo menos momentaneamente, o fazia esquecer tôda a extensão do seu defeito físico, aquela enorme diferença que existia entre êle e os seus colegas, acerquei-me da pobre criança e indaguei se desejava continuar a marchar entre os companheiros. A sua fisionomia se iluminou e ela balbuciou, fixando-me o olhar marejado de lágrimas que a custo continha, um “Sim”, misto de alegria insopitável e profundo reconhecimento. Intercedi junto ao diretor, explicando-lhe a particularidade daquele caso e obtive que o menino retomasse o seu lugar na forma. Ao reiniciar a marcha o aluno olhou-me e, num sorriso, expressou a sua imensa gratidão”.<sup>33</sup>

E, ainda por esta vez, a mais simples das atividades físicas – a marcha – trouxe um dos maiores benefícios ao espírito atribulado de uma inocente criança.

IV – Tínhamos a nosso cargo uma turma de vinte e dois alunos do internato de um instituto primário em Botafogo (C.P.A.V.), entre os quais havia um débil mental, cujas atitudes eram as mais estranhas. Vivia segregado dos seus colegas para evitar as brincadeiras de mau gosto destês e as peças que lhe pregavam. Quase não falava e, nas primeiras vezes que lhe dirigimos a palavra, torcia os dedos, abaixava a cabeça e começava a rir. Possuía vários *tics* nervosos entre os quais os de cruzar os braços nas costas e esticar o pescoço para a frente; piscava amiudadamente e repuxava a boca para o lado esquerdo. O menino, soube depois, era filho espúrio de uma mulher de vida fácil; sua idade cronológica era de nove anos, mas a fisiológica correspondia ao máximo de sete. Durante dois meses e meio dedicamos a êsse aluno cuidados especiais, pois estávamos interessados em observá-lo. Havíamos terminado recentemente o nosso primeiro

---

33 MARINHO, I. P. – Psicologia da Educação Física Aplicada à Infância – Rio – 1940 – (2ª edição).

curso especializado de educação física e sentíamos-nos ansiosos para confirmar praticamente o que aprendêramos em teoria.

Nos primeiros dias a criança mostrou-se retraidíssima, incapaz de fazer qualquer movimento e, por ocasião dos jogos que ministrávamos diariamente, ficava a um canto imóvel.

Na segunda semana, embora não participasse das jogadas, torcia por esta ou aquela equipe, gritava e saltava entusiasticamente. Quando o jogo ministrado era *foot-ball*, na ocasião em que um dos participantes chutava a bola, o menino, instintivamente acompanhava o movimento com a sua perna direita, como se também fôsse chutar.<sup>34</sup> Ao fim de três ou quatro semanas começou a tomar parte ativa nos jogos e, no mês seguinte, a participar da atividade gímnica. Tivemos, por intermédio do diretor, de que o menino aguardava diariamente com ansiedade a nossa chegada e, por ocasião da nossa saída, acompanhava-nos sempre até o portão, despedindo-se sistematicamente com a invariável pergunta: “Amanhã o senhor vem não é?” Respondíamos afirmativamente, batendo-lhe amigavelmente nos ombros. Por ocasião das sessões de exercícios físicos me ministrávamos, podíamos observá-lo à vontade. Perdera o hábito de cruzar os braços às costas e de torcer os dedos, e, muito raramente, nos intervalos de um exercício para o outro, esticava o pescoço para frente, piscava os olhos e repuxava a boca no seu *tic* nervoso característico. As melhoras que apresentou foram tão sensíveis a ponto de chamar a atenção dos outros professores que lhe votavam especial cuidado. Temos a certeza de que, se outros afazeres não nos tivessem obrigado a deixar o estabelecimento em aprêço, os resultados de nosso trabalho ao invés de parcial, teriam sido totalmente satisfatórios.

V – Num outro colégio em que também tivemos exercícios havia um aluno paralítico de uma das pernas. O pai, que era médico, procurou-nos para que dispensássemos o menino dos exercícios, sob a alegação de que o mesmo se encontrava à cuidado de um grande médico e que o seu defeito físico o impedia de qualquer forma de trabalho. Objetamo-lhes que o fato do aluno assistir as sessões de exercícios físicos, sem nela tomar parte, poderia fazer dêle um recalçado e que não era justo, na nossa opinião, que a paralisia de um membro apenas relegasse ao abandono todo o organismo da criança, quando deveríamos, muito ao contrário, desenvolver quali-

---

34 Este reflexo é muito observado nos campos de *foot-ball*, onde alguns torcedores imitam quase todos os movimentos exigidos pelos diversos lances da partida, chegando muitas vezes a chutar o espectador da frente.



dades físicas que suprissem a deficiência que apresentava. O pai mandou chamar o menino e, na nossa presença, perguntou-lhe se “queria fazer ginástica com os outros”, obtendo resposta afirmativa. Iniciamos um regime de trabalhos físicos especiais, com flexionamentos de braços, exercícios respiratórios e de equilíbrio sôbre a perna sã; ensinamos-lhe as regras de vários jogos nos quais funcionava como juiz, dispondo, portanto, de grande autoridade sôbre os demais. Prestigiávamo-lo de tal modo que os outros o ouviam com religiosidade; e era quem escolhia os *teams*, organizava os jogos e dirigia tudo enfim. Êle, que antes vivia inteiramente desprezado pelos seus colegas como inútil, passou a ser por todos considerado e estimado. Muitos colegas começaram a ir à sua casa para com êle estudar e tal fato grande admiração causava a seu pai, que não podia compreender por que motivo aquela mudança se verificava. E, se nos dois meses que o tivemos sobre nossa orientação, nenhum melhoramento conseguimos para a sua deficiência física, o conforto moral que lhe prestamos nos dá a certeza de têmos realizado uma grande obra.

VI – O Tenente Coronel Inácio de Freitas Rolim também obteve resultados animadores na Casa de Correção por meio de exercícios físicos. São suas as seguintes palavras:

*Encarando mais um aspecto moral, vejamos como é deveras admirável verificar a ação moderadora dos exercícios físicos sôbre os impulsos sexuais desregrados. Esta afirmação foi comprovada pelas inúmeras observações em penitenciárias, onde a masturbação e a pederastia campeavam desbragadamente. A indolência da vida sedentária leva os detentos para os cúbilos sem a necessidade de um repouso compensador para as energias gastas durante o dia, surgindo, em consequência, os pensamentos maus que se manifestam de variadíssimas formas. O trabalho físico não só exige um repouso compensador das energias gastas como também é um derivativo para o pensamento, prendendo-o naturalmente aos jogos do campeonato dos diferentes desportos, aos lances mais sensacionais de determinadas provas, à melhor forma de composição das equipes, etc. “Uma outra observação também interessante, é como a vida das praias, das piscinas e dos estádios tem desviado a mocidade, que se entrega à prática dos desportos, dos vícios que degradam a humanidade. Vemos, também, a cada passo, o que caracteriza os seres que se entregam de corpo e alma à inatividade de uma vida sedentária; arrastam uma vida precária de energia geral, envelhecem prematuramente, curvam a espinha dorsal, os seus pulmões funcionam mal, o seu coração é débil, o conjunto das atividades vitais não os habita a reproduzirem-se normalmente, a fim de, por essa forma, cumprirem a lei elevada de seleção da espécie. As faculdades morais apresentam os fenômenos negativos. O seu caráter é sombrio; o amor pela humanidade cede lugar a um individualismo desmedido, criando em torno dêstes anormais um ambiente tendente exclusivamente*

*para o mal e para a uma debilidade moral incompatível com as necessidades do convívio social.*

VII – Quando da nossa viagem ao Estado de Santa Catarina, em missão oficial, visitamos, acompanhados do Dr. Paulo Araújo, médico assistente da Divisão de Educação Física, a Colônia de Sta. Tereza, monumental realização da administração Nereu Ramos, fomos testemunhas de um fato, cuja significação seria suficiente para a consagração das práticas desportivas. A Colônia está òtimamente estalada, a 60 quilômetros de Florianópolis, e sua construção obedeceu a todos requisitos da técnica moderna, podendo proporcionar uma vida realmente confortável aos doentes ali recolhidos. Dispõe de aparelhos de rádio em cada residência, igreja, cinema, e um magnífico estádio para diversas práticas desportivas. O Diretor da Colônia era quem nos servia de cicerone e, embora a mesma ainda não tivesse sido inaugurada, já abrigava um grande número de doentes. Encontrávamo-nos na pista do estádio, admirando-o, quando de nós se acercaram três ou quatro enfermos. Vinham pedir ao diretor que lhes mandasse fornecer uma bola de *foot-ball*, a fim de que pudessem se distrair, pois ainda não estavam acostumados ao isolamento a que os obrigava. E o que o rádio, o cinema e a própria igreja não tinham conseguido, uma simples bola de *foot-ball* lograva. Aquêles homens, muitos dos quais apresentavam horrendo aspecto físico, esqueciam a sua imensa dor, a diferença que entre êles e nós existia, abstraíam-se do negro mal que pouco a pouco, sorrateiramente, lhes ia carcomendo as carnes, encontrando um lenitivo, senão para o corpo pelo menos para o espírito, numa prática desportiva. E, durante o jôgo, corriam, saltavam, gritava, riam, felizes, esquecidos de tudo, libertando a alma do imenso peso que os acabrunhava, pelo menos por aquêles breves instantes.

Quanto pode uma simples bola de *foot-ball*!

Esquecemo-nos de dizer que a Colônia de Santa Tereza é um recolhimento para leprosos.

VIII – É “ao redor dos 20 anos de idade que o indivíduo se desenvolve mais fisicamente e psiquicamente, torna-se independente e procura fazer a sua vida. Surge, então, mais freqüentemente as dificuldades que, muitas vêzes, rompem o equilíbrio psíquico e levam à delinqüência”.<sup>35</sup>

---

35 MONTEIRO, A. – A diminuição da delinqüência pela introdução de programas de Educação Física” – Educação Física – nº 13 – Rio, 1937.

A delinqüência juvenil resulta em grande escala do uso impróprio das horas de lazer. A *Play Ground and Recreation Association of América* "coligiu em várias partes do país e publicou grande número de pareceres de juízes de menores, oficiais de menores, sociólogos e educadores os quais provam que a recreação convenientemente dirigida reduziu a delinqüência de 25 a 75% em regiões onde era elevada a percentagem de delinqüência.<sup>36</sup>

Em São Paulo, por ocasião de uma das visitas que fizemos ao Clube do Menores Operários D. Pedro II, o professor Alceu Maynard Araújo, a cargo de quem se encontrava a direção do referido Centro, apresentou-nos um adolescente, que atendia pela alcunha de "Espanhol", como sendo um dos seus mais prestimosos auxiliares. Relatou-nos depois que o menor por largo tempo se dera à prática do furto, chegando mesmo a ser, por vêzes, prêso, fora levado ao Centro por um vizinho, tendo êste tido o escrúpulo de relatar ao professor o péssimo costume do camarada. O "Espanhol" mostrou-se encantado com o Clube e após preencher algumas formalidades, nêle obteve matrícula. Durante algum tempo esteve sob observação, sendo encarregado de vários trabalhos de relativa responsabilidade, a título de experiência. Nunca cometeu qualquer deslize no C.M.O., chegando a ponto de auxiliar eficazmente o professor Maynard Araújo, de quem se tornou grande amigo e era o mais fervoroso admirador. Nos Clubes de Menores Operários, a par de outras atividades educacionais, predomina a prática dos exercícios físicos sistematizados e dos desportos. E o professor Maynard Araújo não poucas vêzes nos afirmou que o Clube já havia desviado da Penitenciária dezenas de jovens cuja falta de orientação para emprego das horas de lazer constituíam o maior perigo à sociedade.

## Conclusões

### *Conclusões gerais:*

1. Os jogos em particular e os exercícios físicos em geral constituem excelente meio para o suscitamento, desenvolvimento e *aprimoramento* de qualidades bio-psico-sociais.

---

36 Idem.



2. Notadamente sobre a formação do caráter, e mesmo na sua modificação, os jogos e demais exercícios podem influir decisivamente, uma vez que educam sobretudo a vontade.

3. Os jogos, assim como tôdas as formas de atividade física, permitem o consumo de energia acumulada no organismo, possibilitando, por transferência, a sublimação do instinto sexual.

4. A Igreja, principalmente a Católica, poderá colaborar de maneira eficiente na causa da educação física, certa de que, assim procedendo, estará trabalhando para elevar a moral social, pela melhor formação do caráter de cada indivíduo.

5. Os casos com que ilustramos êste trabalho evidenciam de maneira inofismável o valor bio-psico-social dos jogos e dos exercícios físicos em geral.

#### *Conclusão final:*

Pelas razões acima apresentadas, julgamos de inadiável necessidade que, nos países americanos onde o assunto ainda não foi estudado com a magnitude de que se reveste, seja o mesmo considerado e aí se estude a possibilidade da instituição de órgãos, ou o aproveitamento dos já existentes, para a difusão em grande escala, dentro naturalmente dos recursos de cada um, dos parques, campos de jogos ou praças infantis.

## Bibliografia\*

- BRITO, L. – A Questão Sexual nas Prisões – Rio – Livraria Jacinto.  
CARNEIRO, D. – Ensaio de Interpretações Morais – Rio – 1937.  
CARREL, A. – Renove se próprio Eu *in* Seleções do Reader's Digest – Tomo I – nº2 – Março – 1942.  
CARVALHO, D. – Sociologia Educacional – São Paulo – 1933.  
DÓRIA, S. – Educação Moral e Educação Econômica – São Paulo – (2ª edição) – Companhia Melhoramentos de São Paulo.  
FOREL, A. – A Questão Sexual – Rio de Janeiro – 1939 – (9ª edição).  
GEENEN, H. – Temperamento e Caráter sob o ponto de vista educativo – São Paulo – (2ª edição). – Companhia Melhoramentos de São Paulo.  
GRIFFING, J. B. – O Corpo Civil de Conservação *in* Educação nº 3 – Rio – 1939.  
KERCHENSTEINER, G. – El alma del educador y el problema de la formación del maestro – Barcelona – 1934 – (2ª edição).

---

\* Em todos os textos foram mantidas as anotações e os registros tais como feitos pelo professor Inezil.



- MARINHO, J. P. – Psicologia da Educação Física Aplicada à Infância – Rio – 1940 – (2ª edição).
- A Significação dos IV Jogos Olímpicos Universitário – Rio – 1942.
- Educação Física e Sociologia – Rio – 1942.
- MONTEIRO, A. – A diminuição da delinqüência pela introdução de programas de Educação Física *in* Educação Física nº 13 – Rio – 1937.
- PEIXOTO, A. – Medicina Legal – Rio 1938 – (8ª edição) – Vol. 1º.
- RAMOS, A. – Educação e Psicanálise – São Paulo – 1939.
- A Criança Problema – São Paulo – 1939.
- RICARDO, A. – Biologia Aplicada à Educação – São Paulo – 1936.
- ROLLIM, I. F. – A Educação Física na Casa de Correção – Revista de Educação Física nº 25 – Rio – 1935.
- ROUGES, J. V. – Educação do Caráter – Rio – 1936.
- ROUSSEAU, J. J. – Émile ou de l'Éducation – Nouvelle Edition – Paris – Garnier.
- SPENCER, H. – Educação Intelectual, Moral e Física – São Paulo – Cultura Moderna.
- SMILES, S. – O Caráter – Rio – Livraria Garnier.
- TEIXEIRA, A. – Educação Progressiva – São Paulo – 1934 – (2ª edição).
- THIELE, A. – Revista de Educação Física nº 27 – Rio.
- DICIONÁRIO DE PEDAGOGIA LABOR – Barcelona – 1936.
- A Igreja e a Educação Física – Rio – 1934 – Divisão de Educação Física.
- Educação Física – Rio – 19.. – nº

# Lugar da Educação Física no plano educacional\*

## Prolegômenos

Dentre os quatro temas previstos na Seção Pedagógica do Concurso de Trabalhos sobre Educação Física, promovido pela Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Saúde no corrente ano, figura o que escolhemos para assunto desta monografia e que parece dos mais interessantes.

Não se poderá, de forma alguma, considerar a educação física fora do plano educacional, representando ela, como soi ser, uma seção de oportunidades da educação. Não deverá ser ministrada como atividade extra-escolar, embora deva figurar como atividade extra-curricular, e isso porque representa uma prática educativa que, como as demais, deverá estar a cargo da escola, única das instituições onde a educação se processa sistematizadamente, obedecendo a um plano adrede concebido.

Teremos oportunidade de verificar que a inclusão da Educação Física no plano educacional, não é matéria apenas de nossos dias, mas que, através do tempo, tem sido considerada pelos povos que mais se distinguiram na história da civilização.

Procuramos situar bem o problema como foi e, presentemente, está encarado no Brasil. E a nossa contribuição ao tema foi cuidadosamente analisada e as fontes onde buscamos elementos carinhosamente procuradas.

## O lugar da Educação Física nos mais importantes planos educacionais antigos, medievais e modernos

A educação física sempre constituía elemento indissociável da educação em todos os planos educacionais elaborados pelos principais filósofos, pedagogos ou legisladores.

O plano educacional previsto por Platão<sup>1</sup> quatro séculos antes de Cristo, poderia ser assim resumido:

---

\* Monografia encadernada pelo autor juntamente com outros trabalhos num volume que intitula "Monografias Inéditas Diversas 1945-1946".

1 Platon – "L'État ou la République" – Traduction nouvel le par A. Bastien – Garnier Frères, Libraires – Editeurs.

Dos 7 aos 16 ou 17 anos a ginástica e a música se encarregavam de estabelecer a harmonia do corpo e da alma. Dos 17 aos 20 anos eram os jovens submetidos aos exercícios militares, acrescentando-lhes a leitura, a escrita, a aritmética, a geometria, etc. Segundo as suas aptidões, sofriam os jovens um processo de seleção em cada período desses. Dos 20 aos 30 anos, aqueles que demonstrassem superior capacidade intelectual consagravam-se ao estudo das ciências de modo sistematizado. Entre os 30 e 35 anos deviam os homens dedicar-se aos processos de investigação, após o que aqueles que evidenciassem uma capacidade superior podiam considerar como terminada a sua aprendizagem intelectual e científica, merecendo então que fossem tidos como filósofos. Aos 50 anos cabia ao sábio retirar-se à vida privada, isolando-se, a fim de entregar-se à meditação sobre as coisas justas e belas. E, desta forma, só lhe restava aguardar serenamente a morte.

Aristóteles,<sup>2</sup> pouco depois de Platão, isto é, três séculos a. C., quer na sua escola peripatética quer na sua monumental obra "A Política", cujo livro quinto é inteiramente dedicado à educação, admitiu que esta compreende três etapas distintas: a vida física, o instinto e a razão. Assim, a doutrina aristotélica constituiu um verdadeiro esboço de educação progressiva, sendo surpreendente a coincidência de suas idéias com as que modernamente predominaram. Da mesma forma que seu mestre Platão, dedicou extraordinária importância ao desenvolvimento físico das crianças, chegando ao ponto de afirmar que os casamentos deveriam ser regulados segundo as condições físicas dos pais.<sup>3</sup> Foi, portanto, um precursor da eugenia.

O plano educacional de Aristóteles prescrevia que, no período compreendido entre os dois e os cinco anos de idade, nada deveria prender a criança senão acostumar-se, por seus próprios instintos, a rejeitar tudo o que a pudesse molestar ou fosse incompreensível para a sua inteligência não desenvolvida. A verdadeira educação abrangeria o período que se estende dos cinco aos doze anos.<sup>4</sup> Entre os 7 e os

---

2 Aristóteles – "A Política" – Tradução de Nestor Silveira Chaves – Edição Cultura Brasileira S/A – São Paulo.

3 "Se, pois, o primeiro dever do legislador é garantir às crianças que se educam uma constituição robusta o mais possível, ele deve, antes disso, ocupar-se do casamento e das qualidades que os esposos devem trazer à união.

4 "A idade que se segue até os cinco anos não deve ser ainda aplicada aos estudos nem aos trabalhos pesados, a fim de não interromper o crescimento. É preciso apenas bastante movimento para impedir o entorpecimento do corpo e o melhor meio para isso é a ação e o exercício. Mas é preciso que esses exercícios não sejam indignos de uma condição livre, nem fatigantes, nem de uma facilidade exagerada." (Pág. 196).



# Lugar da Educação Física no plano educacional\*

## Prolegômenos

Dentre os quatro temas previstos na Seção Pedagógica do Concurso de Trabalhos sobre Educação Física, promovido pela Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Saúde no corrente ano, figura o que escolhemos para assunto desta monografia e que parece dos mais interessantes.

Não se poderá, de forma alguma, considerar a educação física fora do plano educacional, representando ela, como soi ser, uma seção de oportunidades da educação. Não deverá ser ministrada como atividade extra-escolar, embora deva figurar como atividade extra-curricular, e isso porque representa uma prática educativa que, como as demais, deverá estar a cargo da escola, única das instituições onde a educação se processa sistematizadamente, obedecendo a um plano adrede concebido.

Teremos oportunidade de verificar que a inclusão da Educação Física no plano educacional, não é matéria apenas de nossos dias, mas que, através do tempo, tem sido considerada pelos povos que mais se distinguiram na história da civilização.

Procuramos situar bem o problema como foi e, presentemente, está encarado no Brasil. E a nossa contribuição ao tema foi cuidadosamente analisada e as fontes onde buscamos elementos carinhosamente procuradas.

## O lugar da Educação Física nos mais importantes planos educacionais antigos, medievais e modernos

A educação física sempre constituía elemento indissociável da educação em todos os planos educacionais elaborados pelos principais filósofos, pedagogos ou legisladores.

O plano educacional previsto por Platão<sup>1</sup> quatro séculos antes de Cristo, poderia ser assim resumido:

---

\* Monografia encadernada pelo autor juntamente com outros trabalhos num volume que intitula "Monografias Inéditas Diversas 1945-1946".

1 Platon – "L'État ou la République" – Traduction nouvel le par A. Bastien – Garnier Frères, Libraires – Editeurs.

dos circos como alimento de famintas feras, aos olhos do povo romano embriagado pela sede sangue; depois, pela renúncia aos bens terrestres e cuidados corporais para merecer o reino celeste pelo aperfeiçoamento da alma. E assim,

*A conservação da força e da beleza corporal, os princípios higiênicos da saúde foram banidos completamente dando lugar ao espírito de sacrifício, ao sentimento de caridade, à exaltação da moral, ao abandono do próprio corpo e ao inebriamento do misticismo, visando a uma vida supra-terrestre.*<sup>10</sup>

Toda atenção ao desenvolvimento da personalidade e ao cultivo do gosto ou intelectual era um grande pecado”.<sup>11</sup>

*In ogni trattato apertivo trovavi chiara e decisa un'affermazione, che il ristianesimo cio è nell'oscuro Medio Evo suffocò col suo rigoroso ascetismo, com la sua vita contemplativa, com la macerazione della carne, ogni sentimento e impulso vitale per l'energia e la bellezza del corpo; la nota espressione dii Tertuliano Palaestrica diaboli negotium è come il motto, la parola d'ordine a cui obbedisce la vita di qual tempo.*<sup>12</sup>

Assim mesmo, o torneio e a justa, exercícios de cavalaria e, posteriormente, a caça, mantiveram em constante atividade física os guerreiros medievais, conservando-lhes a agilidade e a destreza.

No século XIV surgem os precursores de um movimento a favor das artes e das ciências em geral. Os séculos XV e XVI assinalaram o reerguimento da educação física. “Il Rinascimento è una vigorosa affermazione della educazione fisica in armonia com tutta l'altra aducazione.”<sup>13</sup>

Rabelais,<sup>14</sup> figura em primeiro plano na verdadeira revolução educacional que então se operou. Parece ter sido o primeiro a observar na pedagogia o realismo. Para melhor realçar as suas idéias renovadoras sobre educação, Rabelais nos apresenta Gargântua primeiramente educado pelos procedimentos do tradicional formalismo escolástico, sob a orientação do velho mestre teólogo Tubal Holofernes. Desta forma, o pai de Pantagruel durante muitos anos se preocupa em decorar o conteúdo de antigos tratados e copiar livros em caracteres góticos, mostrando-se incapaz de formular qualquer juízo ou resolver o mais simples problema. Finalmente, sob a direção de Ponócrates, mestre

10 Bonorino, L.L. e outros – *Ob. Cit.* na chamada n. 7, pág. 51.

11 Monroe, P. – *História da Educação* – Tradução de Nelson Cunha de Azevedo – Cia. Editora Nacional – São Paulo – 1939 – Pág. 18.

12 Franzoni, A. - *Ob. Cit.* na chamada n. 6 – Pág. 135 do I volume.13 – Franzoni, A. – *Ob. Cit.* na chamada n. 6 – Vol. I, pág.135.

13 Franzoni, A. – *Ob. Cit.* na chamada n. 6 – Vol. I, pág.135.

14 Rabelais, F. – “Gargântua” – Tradução de Paulo M. Oliveira – Athena Editora – Rio.

de ampla visão e idéias modernas, começa a refazer a sua educação, gradualmente, baseado nos princípios da natureza. O regime de trabalhos físicos que Rabelais prevê para Gargântua é dos mais intensos, em franca oposição ao desprezo pelas coisas do corpo que então predominava. O filho de Grandgousier montava a cavalo, manejava o machado para cortar lenha, jogava esgrima, empunhava a adaga, caçava, corria, saltava, nadava, trepava em árvores, transpunha fossos com o auxílio de uma vara, gritava em altas vozes para exercitar os pulmões, suportava grandes pesos durante muito tempo, brincava com a barra, atirava pedras o mais longe que pudesse e fazia tudo aquilo que lhe exercitasse os nervos e os músculos.

Rousseau<sup>15</sup> baseou o seu método educacional em quatro princípios:

1º) – o menino deve ser educado por e para a liberdade; 2º) – a infância na criança deve ser amadurecida; 3º) – a educação do sentimento deve antepor-se à educação da inteligência; 4º) – o saber importa menos que o exercício do juízo.

Pelo primeiro princípio Rousseau assevera que a liberdade é um direito inerente ao homem e o único que permite adaptar a educação à natureza. O menino deverá dispor não apenas de liberdade física, isto é, de movimentos, mas, e sobretudo, de liberdade em seus atos. Para que Emílio tivesse assegurada toda a liberdade compatível com a sua condição de menino, não lhe bastava a liberdade física; era preciso que conquistasse a sua liberdade interior ou moral constituída de dois elementos: autonomia de vontade e razão. Rousseau afirma que a autonomia de vontade só poderá ser alcançada se os meninos forem afastados de certas influências, por vezes perigosas, como a dos pais, a da sociedade, a dos livros e, principalmente, a da religião. Além dessas influências exteriores, há que combater ainda as interiores, uma vez que o hábito embota e adormece a vontade.

Pelo segundo princípio entende o autor de “Emílio” que não se deseja que o menino sinta, pense e aja como um homem, devendo, muito ao contrário, persistir dentro de sua natureza de menino. O fundamento de uma educação liberal está em permitir à criança que seja o que realmente é: uma criança. Defende a teoria da educação progressiva, considerando que o menino não é o mesmo em todas as idades; se o aparecimento de novas faculdades correspondente a certas fases do desenvolvimento, a educação forçosamente deverá ser progressiva.

---

15 Rousseau, J.J. – “*Èmile ou de l'Éducation* – Garnier – Paris.



Com o terceiro princípio Rousseau pretende que o importante *não seja tanto adquirir grandes conhecimentos, mas formar bons hábitos.*

Pelo quarto princípio o grande pedagogo francês preconiza que na educação do espírito importa menos a aquisição de conhecimentos que a formação do bom sentido; o saber é menos importante que a aptidão para aprender.

Tendo em vista esses fundamentos, o autor delinea para Emílio um programa de estudos que se inicia com a exploração da curiosidade da criança em torno dos fenômenos da natureza e das características do lugar em que vive para concluir com o cultivo dos clássicos.

Rousseau concede à atividade física um cuidado especial:

*É preciso que um corpo tenha vigor para obedecer à alma: um bom servo deve ser robusto. Eu sei que a intemperança excita às paixões; acaba extenuando o corpo: as macerações, os jejuns, produzem freqüentemente o mesmo efeito por uma causa oposta. Quanto mais fraco é o corpo mais ele comanda; quanto mais forte, mais obedece. Todas as paixões sensuais se alojam nos efeminados; daí ser sua irritação tanto maior quanto menos as puderem satisfazer. Um corpo débil enfraquece a alma.<sup>16</sup>*

*Para fortificar um corpo e desenvolvê-lo, a natureza possui meios que jamais devem ser contrariados. Não se deve obrigar um menino a ficar quando ele quer ir, nem constrangê-lo a ir quando quer ficar onde está. Quando a liberdade das crianças não é estragada por nossa culpa, elas nada desejam inutilmente. É preciso que elas saltem, que elas corram, que elas gritem quando tenham vontade. Todos os seus movimentos são necessidades da sua constituição que procura fortificar-se, deve-se suspeitar, porém, daquilo que elas desejam e não podem, elas mesmas, fazer e que outros são obrigados a fazer em seu lugar. Então é preciso distinguir com precisão a verdadeira necessidade, a necessidade natural, da necessidade de fantasia, que começa a originar-se, ou daquela que se origina tão somente na superabundância de vida, à qual já me referi.<sup>17</sup>*

*Quereis, pois, cultivar a inteligência de vosso aluno? Cultivai as forças que ela deve governar. Exercitai continuamente o seu corpo. Tornai-o robusto e são para o tornar sábio e sensato; que ele trabalhe, aja, corra, grite, esteja sempre em movimento; que ele seja homem pelo vigor e em pouco tempo o será pela razão.<sup>18</sup>*

A principal obra de Montaigne, e que interessa diretamente à pedagogia, são os "Ensaaios",<sup>19</sup> da qual, no curto espaço de oito anos (1580-1588), foram tiradas cinco edições, acontecimento raríssimo para a época. As suas idéias sobre educação se encontram mais ou menos

16 Pág. 24.

17 Pág. 66.

18 Pág. 111.

19 "Essais de Montaigne" – Librairie Garnier Freres – Paris – 4 tomes.

disseminadas em toda a obra, cumprindo que sejam destacados os capítulos XXIV – “Du pedantime” – e XXV – “De l’Institution des enfants” – do livro primeiro, e o capítulo VIII – “De l’affection des pères auz enfants” – do livro segundo. Critica acerbamente os principais defeitos da educação de sua época, que consistiam numa erudição estéril, cheias de citações confusas e anacrônicas, evocações da Antiguidade, sem o mínimo propósito, e o abuso da Dialética, especialmente das formas silogísticas. Montaigne recomendava para a educação das crianças “o que devessem fazer quando fossem homens”. Não identificava o saber com a educação, porque não se pode possuir a sabedoria real da vida por meio de escolas. E justificava: “Porque ainda que possamos ser instruídos lendo a outros homens, não será possível ser sábio senão pela própria sabedoria”. Propõe uma educação fundamentada em metódicos exercícios que facilitem o desenvolvimento da razão e alcancem a cultura do intelecto, sem esquecer, para tanto, o estudo dos clássicos. Diz ele: “Boa coisa é a ciência; mas não existe droga que não possa sofrer uma alteração e corrupção segundo o defeito da vasilha que a contém. Há quem tenha a vista clara, mão não reta, e, por conseguinte, vê o bem e não o pratica, vê a ciência e não faz uso dela.” Segundo os princípios que recomenda, a ciência deve ser assimilada e a ação imitada. “A criança não deve repetir a sua lição, mas pô-la em prática. Que a repita em suas ações.” E anatematiza o ensino verbal: “Saber somente de memória é não saber nada; é simplesmente guardar o que se tenha confiado à memória. Mas o que um homem sabe diretamente, poderá usar sem recorrer aos livros nem olhar o seu modelo.”

Para isso, recomenda, o estudo deverá fazer-se agradável à criança e deve-se evitar, tanto quanto possível, a dureza e rigidez no trato, como ocorre em algumas escolas, nas quais se crê que o rigor é necessário para estimular a aplicação e o hábito do trabalho.

*Não é bastante enrijar-lhe a alma; é preciso também enrijar-lhe os músculos: será muito oprimido se não for ajudado; e unicamente o que se tem a fazer é fornecer-lhe as duas ocupações. Sei quanto cansaço o meu em companhia de um corpo tão frágil, tão sensível, que se entrega tão fortemente a ele.*<sup>20</sup>

*A alma que aloja a filosofia deve, por sua saúde, tornar são também o corpo: deve fazer brilhar até o exterior em sua tranqüilidade e seu prazer; deve formar a seu feitio o porte exterior, e dotá-lo, por conseguinte, de uma graciosa arrogância, de um aspecto ativo e ágil, e de um semblante alegre e afável.*<sup>21</sup>

---

20 Tomo I, cap. XXV, pág. 160.

21 Idem, pág. 170.

Spencer,<sup>22</sup> adepto do evolucionismo, desenvolveu toda a sua filosofia em torno da Natureza, principal inspiradora das suas idéias. Defendeu o princípio de que somente o conhecimento científico pode ter verdadeiro e elevado valor para a atividade humana. A obra de Spencer, na qual o grande filósofo inglês procurou expor as suas idéias sobre educação, foi um ensaio a respeito da educação intelectual, moral e física. O trabalho consta de quatro capítulos: no primeiro se ocupa dos conhecimentos que oferecem um maior valor; o segundo, o terceiro e o quarto tratam respectivamente da educação intelectual, da educação moral e da educação física. Ao tratar desta última parte, Spencer lamenta que os jogos próprios da infância e os exercícios físicos sejam reservados exclusivamente aos meninos, quando meninas não os podem dispensar.

O quarto capítulo da obra de Spencer, consagrado à educação física, refere-se à alimentação das crianças, à sua indumentária e à ginástica e jogos.

Falando sobre os males que afligem a humanidade, assim se refere:

*A causa habitual dos nossos males físicos não é a obediência às nossas sensações, mas à desobediência a elas. O que faz mal não é comer quando há fome, mas comer quando não há. O vício não é beber quando há sede, mas continuar a beber depois de saciada a sede. O mal não está em respirar aquele ar fresco que tão agradável é às pessoas que gozam saúde; mas em respirar o ar viciado, apesar dos protestos dos pulmões. O mal não está em efetuar exercícios ativos para os quais, como se pode ver nas crianças, a natureza fortemente nos impele; mas em desprezar continuamente os ditames da natureza. Não é prejudicial a atividade espontânea e deleitosa; mas aquela que é continuada a despeito da febre e dos incômodos de cabeça. O exercício físico que é agradável ou indiferente não é o que prejudica; mas aquele que é continuado quando o cansaço proíbe.*<sup>23</sup>

Atualmente, os pedagogos são unânimes em dar à educação física um lugar de destaque dentro da concepção moderna de educação.

*A educação é uma ou já não é educação. Para ela estará concorrendo o professor de matemática, o professor de civismo e de moral, tanto quanto o diretor de desportos ou o professor de ginástica, se acaso um plano comum a tudo presida.*<sup>24</sup>

22 Spencer, H. – "Educação Intelectual, Moral e Física" – Revisão de Jan Gurges – Cultura Moderna – São Paulo.

23 Págs. 221 e 222.

24 Lourenço Filho, M.B. – "Psicologia e Educação Física" – Revista de Educação Física – Rio de Janeiro – 1935 – N. 23 – Pág. 1.



As expressões educação física, educação intelectual, educação moral, educação cívica, educação religiosa, educação social, educação econômica, educação política, etc., que usamos tem por finalidade apenas atender às “exigências da técnica de um complexo problema a ser resolvido, com os recursos tradicionais de que dispomos.”<sup>25</sup>

A educação física sempre possuiu o seu lugar em todos os grandes planos educacionais. E hoje, mais do que nunca, será impossível negar à educação física o direito que lhe cabe de integrar um plano educacional, principalmente se este é o nosso Plano Nacional de Educação.

## Bibliografia

- Aristóteles – “A Política” – São Paulo.
- Bonorino, L. L., Molina, A. M. e Medeiros, C. M. – “Histórico da Educação Física” – Vitória – 1931.
- Franzoni, A. – “Storia degli Sport” – Milano – 1933.
- Juvenal – “Sátiras” – São Paulo – 1943.
- Lourenço Filho, B. “Psicologia da Educação Física” – Rio – 1935.
- “ Educação e Educação Física” – Rio – 1942.
- Medeiros, C. M., Bonorino, L.L., Molina, A. M. – “Histórico da Educação Física” – Vitória – 1931.
- Molina, A. M., Medeiros, C. M., e Bonorino, L.L. “Histórico da Educação Física” – Vitória – 1931.
- Monroe, P. “História da Educação” – São Paulo – 1939.
- Montaigne – “Essais” – Paris.
- Platon – “L’État ou la République”.
- Rabelais, F. – Gargântua – Rio.
- Rousseau, J.J. – Émile ou l’Éducation – Paris.
- Spencer, H. – “Educação Intelectual, Moral e Cívica” – São Paulo.

---

25 Lourenço Filho, M. B. – “Educação e Educação Física” – in “Conferências sobre Educação Física” – Associação Brasileira de Educação Física – Publicação n.1 – Rio 1942 – Pág. 14

# Sugestões para o lugar da Educação Física num plano nacional de educação

Um plano nacional de educação não poderá deixar de considerar a educação física como elemento imprescindível aos objetivos a que se propõe. Teríamos então de considerar, como faremos neste capítulo, a situação da educação física em cada um dos graus e ramos de ensino, em cada um das seções de oportunidades de que se vale a educação.

Procuraremos situar a educação física, evidenciando o papel que ela desempenha:

- ◆ no ensino pré-primário;
- ◆ no ensino primário;
- ◆ no ensino secundário;
- ◆ no ensino industrial;
- ◆ no ensino comercial;
- ◆ no ensino normal;
- ◆ no ensino superior;
- ◆ no ensino emendativo;
- ◆ no ensino ginástico-desportivo;
- ◆ nas instituições de assistência social;
- ◆ nas instituições extra-escolares;
- ◆ na campanha de nacionalização.

## Papel da Educação Física no ensino pré-primário

A criança necessita, para o seu desenvolvimento físico e mental, de uma grande soma de atividade física; ela precisa movimentar-se, dar trabalho a todos os seus órgãos, de que eles, pela continuidade dos estímulos, desempenhem as funções que lhes são inerentes de modo plenamente satisfatório. Por outro lado, o seu mundo psíquico é bastante limitado, a sua faculdade de raciocínio é característica, a sua abstração pelo brinquedo tão completa que ela passa a viver um mundo inteiramente seu, alheia ao ambiente que envolve

o pequeno meio de que naquele momento se cerca. É preciso incentivar a sua imaginação, dar expansão à energia que nela se acumula, libertar os seus movimentos naturais, compreender as suas necessidades, adivinhar os seus interesses e corresponder aos seus desejos.

Numa permanência de quatro horas nos jardins de infância, a criança deve ter pelo menos uma hora consagrada à atividade física, que deverá ser tão livre quanto possível, tão do agrado dela quanto nos permitirem os recursos de que dispusermos.

Assim, a orientação da educação física no ensino pré-primário deverá ser essencialmente recreativa. Os exercícios artificiais (flexionamentos) só são indicados a título de ginástica corretiva.

## Papel da Educação Física no ensino primário

Ainda aqui não podemos cercar a liberdade de que tanto carece a criança de se mexer toda, inteiramente, ao mesmo tempo, e não primeiro os braços, depois as pernas, a seguir o tronco, com o se fossem bonecos, ou melhor, polichinelos. O que interessa nessa fase do desenvolvimento orgânico não é a forma, mas a função. Os efeitos obtidos pelos exercícios analíticos, quando não utilizados como ginástica corretiva, só poderão ser deformantes para a criança. A sua atividade deve ser a mais natural possível e representada sempre por exercícios sintéticos.

Em um dos nossos trabalhos, tivemos oportunidade de demonstrar como a falta de espaço nas nossas escolas, fenômeno que ocorre em grande número de outros países, contribuiu para que as formas analíticas de trabalhos físicos dominassem sempre na atividade e prescrita para as crianças.<sup>1</sup> E acabamos nos acostumando de tal forma a isso que hoje, com frequência, vemos, mesmo quando há espaço de sobra, um grupo de crianças no meio do relvado ou do campo de futebol, mexendo primeiro os braços, depois as pernas e a seguir o tronco, com se estivesse dentro de uma sala. E até achamos natural esse fato, nem nos apercebemos do erro que materializa.

A orientação da educação física na escola primária deverá ser recreativa e utilitária. Os exercícios analíticos só serão empregados como ginástica ou no caso de falta de espaço. Os jogos, a recreação acrescentados, conforme a idade, certos jogos e o voleibol, constitu-

---

1 Marinho, I. P. – “O Método Nacional de Educação Física – Origem” – Inédito – Dos arquivos da Divisão de Educação Física, do Ministério da Educação e Saúde.



em aparelhos – orientada, mas não dirigida – e os exercícios naturais – correr, trepar, saltar, lançar, etc. – são as formas de trabalho mais indicadas.

## Papel da Educação Física no ensino secundário

O nosso ensino secundário sempre se revestiu do caráter ornamental e, como não poderia deixar de suceder, a educação física também se subordinou a essa influência. Os nossos estabelecimentos de ensino secundário estão interessados apenas nas demonstrações, nos desfiles, nas paradas, isto é, utilizam apenas a educação física como propaganda comercial. E vai ser difícil combater essa mentalidade.

No ensino secundário aparece um novo problema. Os objetivos perseguidos para os alunos do sexo masculino e para os do sexo feminino não são idênticos, o que determina a diversidade de orientação e de meios a empregar. Surgem os interesses peculiares a cada sexo, desponta o desejo, naqueles, de parecerem homens e, nestes, de serem mulheres. A justa compreensão desses anseios deve presidir ao trabalho que lhes seja indicado, de modo que compreendam ser possível, por meio dele, atingir os objetivos que têm em vista.

Ainda aqui os exercícios analíticos não devem ter lugar ou ser usados com bastante moderação, pois todos reconhecemos que são bem pouco atraentes e seus efeitos só se farão sentir com uma repetição que a escola não permite. Os exercícios sintéticos alcançam os fins que visamos em menos tempo, proporcionando, além disso, o desenvolvimento do espírito de iniciativa, campo apropriado à florescência da personalidade e sucessivos estímulos à inteligência. O exercício analítico se automatiza, se realiza inconscientemente, sem a participação ativa do indivíduo no seu todo – corpo e espírito – e poderá, quando muito desenvolver a força, sem ensinar a utilização inteligente dessa força. Os desportos, quer individuais, quer coletivos, já terrestres, já aquáticos, também são excelentes formas de trabalho, explorando o espírito de competição que existe no homem. A jovem, por seu lado, traz uma acentuada preocupação estética e as atividades rítmicas são as que melhor correspondem a esse desejo.

Daí, conclui-se que a orientação da educação física no ensino secundário deverá ser utilitária e estética para os alunos do sexo feminino e utilitária para os do sexo masculino. Para os primeiros os exercícios naturais e as atividades físicas, aos quais poderão ser

em as formas de trabalho físico mais indicadas; para os últimos, os exercícios naturais, os desportos e certos jogos, de acordo com a idade, deverão constituir o quadro das atividades físicas.

## Papel da Educação Física no ensino industrial

A educação física nos estabelecimentos deste grau de ensino visa, como objetivo geral, a suscitar, desenvolver e aprimorar as qualidades físicas do educando, a estimular o funcionamento de seus órgãos, a assegurar-lhe a saúde, e, como objetivo especial, a proporcionar-lhe atividade de compensação e a desenvolver, excepcionalmente, certas qualidades físicas que a natureza da profissão escolhida exige para um rendimento de trabalho maior.

Assim, a educação física não será objeto de ensino, constituindo tão somente uma prática educativa.

Os educandos deverão ser reunidos em turmas homogêneas, segundo o seu sexo, idade, atividade profissional e aptidões gerais para os diversos desportos.

Os programas deverão comportar duas partes distintas.<sup>2</sup> A primeira terá por fim assegurar aos educandos um desenvolvimento harmonioso estabelecendo o perfeito equilíbrio morfo-fisiológico de seu organismo e a segunda procurará compensar a inatividade de certas sinergias musculares durante a aprendizagem da profissão e explorar qualidades específicas exigidas para o melhor desempenho das atividades profissionais escolhidas.

Segundo a profissão proferida, os educandos serão reunidos em três grupos:

I) Profissões que exigem precisão de movimentos (ou movimentos de precisão);

II) Profissões que exigem força nos movimentos (ou movimentos de força);

III) Profissões que exigem o adestramento no mar.

Conforme a posição em que permaneçam a maior parte do tempo, serão considerados os que trabalham de pé, sentados ou de cócoras.

---

2 Ainda não possuímos programas de educação física para os estabelecimentos de ensino industrial, sendo aí, até agora, adotados os do ensino secundário.

Para as práticas desportivas, os grupos serão subdivididos em turmas que comportarão: não iniciados, iniciados e adestrados nas referidas práticas.

Os exercícios analíticos e os de relaxamento serão bastante empregados na segunda parte do programa.

A orientação da educação física no ensino industrial será nitidamente profissional.

## Papel da Educação Física no ensino comercial

Embora exista a obrigatoriedade da educação física nos estabelecimentos de ensino comercial, prevista em lei, não é a mesma efetiva por dois motivos preponderantes: 1º) – falta absoluta de espaço nas escolas, quase todas situadas em acanhadíssimos sobrados; 2º) – falta de tempo no horário escolar.

As características de que se deveria revestir a educação física nos estabelecimentos de ensino comercial são idênticas às dos de ensino secundário, quer quanto aos objetivos, quer quanto aos processos a empregar.

A orientação da educação física no ensino secundário deverá ser estética e utilitária para os alunos do sexo feminino e essencialmente utilitária para os do sexo masculino.

## Papel da Educação Física no ensino normal

Dois são os aspectos que deverão ser atendidos neste ensino. Em primeiro lugar figura o que diz respeito à pessoa do aluno, ao seu desenvolvimento físico, à sua saúde, à sua harmonia de formas, cuidados esses que devem predominar notadamente no primeiro ciclo do ensino normal; a seguir, vem as noções imprescindíveis à professora primária,<sup>3</sup> que a habilitarão a cumprir integralmente o desempenho de suas funções, isto é, a atender à constituição física, formação moral e desenvolvimento intelectual da criança. Daí se infere que, no primeiro ciclo, a educação física seria prática educativa e no segundo disciplina, com atribuição de notas, exercícios, exames parciais e finais, enfim,

---

3 Está decrescendo de tal forma o número de professores normalistas do sexo masculino, que, tudo leva a crer, dentro de pouco tempo, eles não mais existirão. Alguns estabelecimentos de ensino normal, entre os quais o Instituto de Educação do Distrito Federal, não mais aceitam alunos do sexo masculino.



objeto de ensino. O programa para o primeiro ciclo poderia ser idêntico ao estabelecido para o ensino secundário e o do segundo ciclo deveria comportar quatro partes que reputamos essenciais:

- I) metodologia da educação física elementar;
- II) noções elementares de biometria e bio-estatística;
- III) noções de ginástica corretiva;
- IV) recreação, jogos e exercícios físicos sistematizados para o ciclo elementar (disciplina teórico-prática).

A orientação da educação física no ensino normal deverá ser:

No primeiro ciclo – estética e utilitária para os alunos do sexo feminino e utilitária para os do sexo masculino.

No segundo ciclo – profissional.

### Papel da Educação Física no ensino superior

A educação física no ensino superior deverá ter o caráter facultativo e o programa deverá prever atividades atlético-desportivas e excursões, que melhor correspondem aos interesses dos alunos neste grau de ensino. É preciso, no entanto, que essas atividades sejam organizadas de modo tal que delas participem o maior número possível de alunos; para isso se faz mister grupá-los sempre de acordo com as suas possibilidades atléticas e desportivas. As competições e torneios deverão ser desenvolvidos de acordo com os grupos, de modo que o valor da capacidade física<sup>4</sup> dos seus componentes seja sempre equivalente. Nos atuais campeonatos universitários, muitos jovens deixam de tomar parte nesta ou naquela prova, porque, de antemão, já sabem que fulano ou sicrano, campeão disto ou daquilo, é quem vai vencer. E, podemos afirmar, cada campeão cerceia as possibilidades de, pelo menos, cem universitários.

A orientação da educação física no ensino superior deverá ser atlético-desportiva.

### Papel da Educação Física no ensino emendativo

Aqui temos de considerar dois grandes grupos que estão reclamando maiores cuidados: os cegos e os surdos-mudos.

---

4 Capacidade física = aptidão física + treinamento.

É preciso combater o conceito de piedade, tão prejudicial à integração do cego na sociedade, da mesma forma que nos parece bastante injusto transformar o cego num operário especializado, explorando-lhe unicamente a habilidade manual. Nega-se ao cego o direito a uma cultura elevada, como se o seu espírito devesse sofrer as conseqüências de uma anomalia de ordem física. Proíbe-se ao cego qualquer produção intelectual, porque não lhe fornecemos os recursos de que carece, os instrumentos de que precisa para explorar a sua imaginação, a sua inteligência. E assim o condenamos a fabricar eternamente cestas e vassouras, vassouras e cestas. Os cegos são sempre introspectivos, naturalmente tímidos, evitam arriscar-se e não possuem grande espírito de iniciativa. O cego está quase sempre em guarda, desconfiado, em atitude de defesa passiva, retraído, e como que inseguro de si mesmo: má postura, a cabeça inclinada para a frente e ligeiramente torcida para o lado, a fim de colocar o ouvido em condições de captar com maior facilidade os sons e pressentir os obstáculos à sua frente, as espáduas arredondadas, o peito para dentro, a marcha lenta e insegura. Este é o retrato de quase 100% dos cegos. Carecem de coordenação muscular, apresentam movimentos voluntários sumamente limitados e certos movimentos involuntários da cabeça e das mãos, espécies de tics nervosos, difficílimos de corrigir. Se ao indivíduo normal e educação física é necessária, com muito maior razão o é para os cegos, cujo mundo está limitado pelo alcance de suas mãos. "A desgraça do cego não é a cegueira, mas a ociosidade".<sup>5</sup>

As regras a seguir na apresentação dos exercícios aos cegos deverão ser estas:

- I) iniciar o trabalho partindo sempre dos exercícios de dois tempos;
- II) dar a noção do movimento pelo tato;
- III) evitar o enunciado dos exercícios na forma clássica e, como é, impossível utilizar o célebre "façam como eu", uma vez que se trata de cegos, devemos lançar mão de imagens que possam ser prontamente concebidas pelos cegos; nada de "elevação vertical dos braços em diferentes planos", ou "circundação dos braços", etc., mas apenas "braços para cima", "braços para baixo", "levantar a perna direita com o joelho dobrado", etc.;
- IV) exercitação livre de cada um;

---

5 Keller, H. – "A História de Minha Vida" – Tradução do Prof. J. Espínola da Veiga – Livraria José Olímpio Editora – Rio de Janeiro – 1943.

- V) correção individual (os amblíopes poderão ser aqui utilizados como auxiliares com grande eficiência);
- VI) execução do exercício mediante ordem (reação ao estímulo);
- VII) execução do exercício dentro do ritmo normal (auxiliar com o apito, contagem ou cadência em tambor – quando possível realizar o exercício com música);
- VIII) introdução do movimento dentro da série já conhecida (as séries não deverão ser longas, para não exigir grandes esforços de memória).

A voz do professor deverá ser cheia, sonora, agradável, pois a criança cega simpatizará ou antipatizará conforme lhe seja agradável ou desagradável a voz do professor.

Os amblíopes poderão executar todos os exercícios recomendados para as crianças normais, desde que exista o cuidado de gradua-los em intensidade e complexidade.

Os cegos poderão realizar quase todos os exercícios destinados às crianças normais, desde que sejam obedecidas as regras acima expostas.

Uma das maiores preocupações, não só do professor de educação física mas também de todos os demais, deverá ser o cuidado com a correção da postura. Daí a necessidade do abundante emprego de exercícios analíticos, notadamente abdominais e de correção dos desvios da coluna vertebral.

Os jogos para os cegos exigem material adequado e devem ser adaptados às suas condições. Dos desportos individuais, os cegos poderão praticar o atletismo, a luta, a ginástica de aparelhos, o remo e a natação, sendo este último o mais complexo de todos. Dos desportos coletivos o remo em barcos de guarnição e o cabo de guerra (obedecidas as regras a que está subordinado como desporto) são o mais indicados.

Ainda não dispomos de programas de educação física para crianças cegas e, por este motivo, nos detivemos aqui em maiores detalhes.<sup>6</sup>

---

6 Para maior conhecimento do assunto, consultem-se: Marinho, I. P. – “Educação física para cegos – (subsídios para a solução do problema) – Inédito – Dos arquivos da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde. No prelo – Imprensa Nacional.



A orientação da educação física no ensino emendativo – para cegos – deverá ser corretiva, recreativa e utilitária. As formas de trabalho recomendadas são: exercícios analíticos, aplicações, jogos e alguns desportos.

Para os surdos-mudos, a educação física terá por finalidade possibilitar-lhes um desenvolvimento orgânico harmonioso e, especialmente, desenvolver-lhes capacidades e habilidades que, se não supram, pelo menos diminuam a falta que lhes faz o perfeito funcionamento dos órgãos afetados. A educação ministrada, quer aos surdos-mudos quer aos cegos, tem por objetivo principal impedir que eles se tornem desajustados ao meio social pela anomalia que apresentam. Representa, pois, a sua socialização e o meio de torná-los capazes de se manter a si próprios, dando-lhes profissão especial ou instrução geral.

Delgado de Carvalho assim se manifesta sobre a necessidade de assistir aos surdos-mudos:

*O surdo-mudo não educado é, em primeiro lugar, perigoso porque a um poder mental não desenvolvido corresponde a desenvolvida força física que se pode tornar anti-social. O surdo-mudo tem de ser suportado e mantido e, por isso, é preferível que esteja em condições de ter uma vida social e econômica normal. Do outro lado, se o surdo-mudo pode e deve, o mais cedo possível ser restituído ao convívio social dos normais, não resta dúvida que, durante o período de preparação, o convívio de seus semelhantes, surdos-mudos também, é mais conveniente e estimulante para seus esforços.<sup>7</sup>*

Também não possuímos programas especiais de educação física para os surdos-mudos. Estes deverão utilizar as seguintes formas de trabalho: exercícios analíticos, a título de ginástica corretiva, quando necessários; aplicações; jogos e desportos. Há que ter cuidados no sentido de evitar que os jogos ou os desportos tragam aos surdos-mudos grande excitação.

A orientação a ser seguida na educação física dos surdos-mudos deverá ser essencialmente socializadora e utilitária.

## Papel da Educação Física no ensino ginástico-esportivo

Aqui temos de atender à formação profissional dos licenciados em educação física. Os exercícios físicos serão objeto de ensino, de

---

Marinho, I. P. – “Educação Física para crianças cegas” – Trabalho apresentado no III Congresso de Medicina Desportiva realizado em Montevidéu, em 1945 – Inédito – Dos arquivos da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde.

<sup>7</sup> Carvalho, D. – “Sociologia Aplicada” – Cia. Editora Nacional – São Paulo – 1935 – Pág. 229.

notas, exercícios e exames; os alunos precisam aprender a sua técnica, conhecer os seus efeitos, estudar a cinesiologia, executá-los com habilidade. Deverá, portanto, uma parte essencialmente teórica e outra caracteristicamente prática da maior escala possível de exercícios físicos. A formação do licenciado em educação física precisa estar alicerçada em conhecimentos sólidos, revestir-se de um profundo cunho científico e técnico. O projeto de aumentar a duração do curso de dois para quatro anos possibilitará alcançar esse nível, que ainda não foi atingido entre nós.

O estudo dos exercícios analíticos, aplicações, jogos, brinquedos, desportos, individuais ou coletivos, terrestres ou aquáticos, a par de disciplinas de cultura geral ou técnica, será a base desta formação profissional.

A orientação da educação física no ensino ginástico-desportivo será técnica e científica. As atividades rítmicas, das mais elementares às mais complexas, deverão integrar o programa dos alunos do sexo feminino.

### Papel da Educação Física nas instituições de assistência social

A educação física nestas instituições desempenhará papel bastante valioso, figurando como oportunidade excelente para a integração daqueles que a comunidade tomou a seu cargo, por desamparo ou por conduta anormal.

As atividades físicas aqui enumeradas serão semelhantes às recomendadas para o ensino pré-primário, primário, secundário e superior, conforme os limites de idade dos internados em tais instituições. Uma das funções principais da educação física nestes estabelecimentos é a sublimação do complexo de inferioridade que geralmente acompanha as crianças e adolescentes neles internados. E se o indivíduo sair inferiorizado para a vida social, jamais poderá ser feliz ou alcançar a sua perfeita integração na sociedade.

A orientação da educação física nas instituições de assistência social será recreativa, utilitária e socializadora.

### Papel da Educação Física nas instituições extra escolares

Os play-grounds, parques infantis, colônias de férias, associações e clubes desportivos, centros de educação física, etc., estão reunidos sob este título. Nos play-grounds a educação física assume as-

pecto nitidamente recreativo; nos parques infantis a orientação é recreativa e higiênica; nas colônias de férias a idéia recreativa deverá dominar, associando-se a esta a de revigorar o organismo da criança ou adolescente; nas associações e clubes desportivos, ainda tão mal orientados entre nós, a educação física poderá ter caráter recreativo, utilitário e desportivo, conforme a idade de seus associados – infelizmente ele tem sido, até agora, só desportivo; nos centros de educação física, utilizados com agentes de educação supletiva, com programa sistematizado a cumprir, as características correspondem às das escolas de graus diversos, consoante as idades dos nele matriculados, equivalentes às previstas para as escolas em que estão ou deveriam estar freqüentando.

## Papel da Educação Física na campanha de nacionalização

O Decreto-lei nº 1.545, de agosto de 1939, que dispõe sobre a adaptação ao meio nacional dos brasileiros descendentes de estrangeiros, diz que incumbe ao Ministério da Educação e Saúde “estimular a criação de organizações patrióticas que se destinem à educação física, instituíam bibliotecas de obras de interesse nacional e promovam comemorações cívicas e viagens para regiões do país.”<sup>8</sup> As associações de educação física ou desportivas desempenham papel muito importante, quer na desnacionalização de brasileiros descendentes de estrangeiros, quer na desassimilação de estrangeiros.

“As associações culturais e desportivas são o coroamento da ação desnacionalizadora. As desportivas, com especialidade as germânicas, só utilizam exercícios nitidamente alemães, segundo o método de Jahn, isto é, ginástica de aparelhos.

Na nossa campanha nacionalizadora, devemos utilizar-nos desses mesmos meios: associações, igreja, escola e lar.”<sup>9</sup>

Das associações teremos de extirpar o caráter germanista das desportivas procurando introduzir jogos nacionais e exercícios sem a rigidez peculiar dos alemães.”<sup>10</sup>

---

8 Art. 4º, letra a.

9 O autor anteriormente havia declarado que a campanha de desnacionalização tinha por centros irradiadores: o lar, a escola, a igreja e as associações.

10 Marinho, I.P. – “Especialização – Fator preponderante na técnica da educação física – Rio – 1940 - Pág. 46.



A escolha desses jogos, desses exercícios, demanda cuidados especiais para que o objetivo que se pretende alcançar não seja invertido, tornando o trabalho contraproducente, o que viria agravar a situação.

Para que se tenha uma idéia da importância que votavam às associações de educação física ou desportivas os elementos encarregados da desnacionalização de brasileiros descendentes de alemães, basta atentar nos golpes eleitorais com que pretenderam filiar a Sociedade de Ginástica "Turnerbund" e a Federação Riograndense de Ginástica à respectiva Federação na Alemanha.<sup>11</sup> Entre os objetivos da União da Juventude Teuto-Brasileira encontramos incluído o atletismo com a seguinte justificativa: "O atletismo torna a juventude robusta e sadia, preparada para as lutas das armas e da vida."<sup>12</sup>

O relatório do inspetor técnico de educação física do estado de Santa Catarina demonstra o valor de uma orientação adequada, quando afirma: "É digno ressaltar que os conhecimentos Técnico-desportivos, ministrados no Curso,<sup>13</sup> tornaram-se elementos úteis aos professores que trabalham em zonas de colonização estrangeira, servindo mesmo como instrumento auxiliar de nacionalização."<sup>14</sup>

Um grande plano de nacionalização dos brasileiros descendentes de estrangeiros e de assimilação de estrangeiros é algo que merece ser considerado como de vital interesse para melhor garantia da integridade e segurança da Nação.

Cabe ainda ressaltar que não apenas as formas de trabalho deverão ser substituídas, mas, e sobretudo, o que se impõe é a substituição do professor estrangeiro pelo nacional.

O futuro Método Nacional de Educação Física não poderá deixar de encarar com especial cuidado esse problema.

E tal será o lugar da Educação Física num  
PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

---

11 Monroe, P. – "História da Educação" – Tradução de Nelson Cunha de Azevedo – Cia. Editora Nacional – São Paulo – 1939 – Pág. 18.

12 Idem, pág. 261.

13 Referência ao Curso Provisório de Educação Física do Estado de Santa Catarina, reconhecido pelo Decreto nº 7.366, de 10 de junho de 1941."

14 Dos arquivos da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde.

## Bibliografia

- Carvalho, D. – “Sociologia Aplicada” – São Paulo.
- Keller, H. – “A História da Minha Vida” – Rio de Janeiro – 1945.
- Marinho, I.P. – “Especialização – Fator preponderante na técnica da Educação Física – Rio – 1940.
- Educação Física para crianças cegas” – Inédito.
- “Educação Física para cegos” – Inédito.
- “O Método Nacional de Educação Física – Origem” – Inédito.
- Py, A. S. – “A 5ª Coluna no Brasil” – Porto Alegre – 1942.

## Resumo dos assuntos tratados nos capítulos anteriores

A educação física sempre constituiu elemento indissociável da educação em todos os planos educacionais elaborados pelos principais filósofos, pedagogos ou legisladores.

Platão, Aristóteles, Juvenal, Rabelais, Montaigne, Rousseau, Spencer e todos os modernos educadores tem considerado a educação física com elemento indissociável da educação. Não há, pois, que negar o direito que lhe cabe num plano educacional, principalmente ao tratarmos do nosso Plano Nacional de Educação.

Em 1823, foi proposto na Câmara dos Deputados que se instituíssem prêmios honoríficos e em espécie para quem apresentasse um tratado de educação física, moral e intelectual para a mocidade brasileira. Infelizmente esse projeto não vingou.

Em 1936, o Ministério da Educação editou e distribuiu um questionário, a fim de receber sugestões sobre o Plano Nacional de Educação.

No ano seguinte, foi encaminhado à Câmara dos Deputados o ante-projeto do Plano Nacional de Educação, elaborado pelo Conselho Nacional de Educação, no qual o título VIII da Parte I, era dedicado à educação física.

Nas leis orgânicas de ensino, já promulgadas, a do ensino industrial, a do ensino secundário e a do ensino comercial, a educação física figura como prática de caráter obrigatória até a idade de 21 anos.

No ante-projeto da lei orgânica do ensino primário, a educação física será considerada como prática educativa também de caráter obrigatório.

No ante-projeto da lei orgânica do ensino superior, a educação física terá caráter facultativo e utilizará como meios as atividades atlético-desportivas.

No ante-projeto da lei orgânica do ensino normal, a educação física será prática educativa para o primeiro ciclo e disciplina para o segundo, de modo tal que as futuras professoras normalistas egressem das escolas em condições de assistir integralmente à criança.

Na futura lei orgânica do ensino ginástico-desportivo, o curso de educação física será aumentado para quatro anos, o de técnica desportiva será suprimido, e os de massagem, especialização para médicos e especialização para normalistas terá a duração de um ano. As disciplinas do curso de educação física serão de cultura geral e de cultura técnica.

Num plano nacional de educação, a educação física deverá desempenhar o seguinte papel:

- a) no ensino pré-primário – orientação essencialmente recreativa; os exercícios artificiais (flexionamentos) só serão indicados a título de ginástica corretiva;
- b) no ensino primário – orientação recreativa e utilitária; os exercícios analíticos só serão empregados como ginástica corretiva ou no caso de falta de espaço; os jogos, a recreação em aparelhos, e os exercícios naturais são as formas de trabalho mais indicadas;
- c) no ensino secundário – orientação utilitária e estética para os alunos do sexo feminino e orientação utilitária para os do sexo masculino; para os primeiros os exercícios naturais e as atividades rítmicas, certos jogos e o voleibol constituem as formas de trabalho mais indicadas; para os últimos os exercícios naturais, os desportos e certos jogos deverão constituir o quadro das atividades físicas;
- d) no ensino industrial – a orientação será nitidamente profissional; serão utilizados exercícios analíticos, de relaxamento, aplicações, desportos e jogos;
- e) no ensino comercial – orientação e formas de trabalho idênticas às preconizadas para o ensino secundário;
- f) no ensino normal – a orientação para o primeiro ciclo será estética e utilitária para os alunos do sexo feminino e utilitária para os do sexo masculino; a orientação para o segundo ciclo será profissional;
- g) no ensino superior – orientação atlético-desportiva, com práticas de caráter facultativo;
- h) no ensino emendativo – para os cegos, orientação corretiva, recreativa e utilitária, com o emprego de exercícios analíticos, aplicações, jogos e alguns desportos; para os surdos-mudos, orientação e essencialmente socializadora e utilitária;

E esse será o lugar da educação física num

#### PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



## Elementos de consulta

- Aristóteles – “A Política” – São Paulo.
- Bonorino, L.L., Molina, A.M. e Medeiros, C.M. – “Histórico da Educação Física” – Vitória – 1931.
- Carvalho, D. – “Sociologia Aplicada” – São Paulo.
- Franzoni, A. – “Storia degli Sport” – Milano – 1933.
- Juvenal – “Sátiras” – São Paulo – 1943.
- Keller, H. – “A História de Minha Vida” – Rio de Janeiro – 1945.
- Lourenço Filho, B. – “Psicologia e Educação Física” – Rio – 1935.
- “Educação e Educação Física” – Rio – 1942.
- Marinho, I.P. – “Especialização – Fator preponderante na técnica da Educação Física” – Rio – 1940.
- “A Educação na Evolução Constitucional no Brasil” – Rio – 1944.
- “Educação Física para crianças cegas” – Inédito. “Educação Física para cegos” – Inédito.
- “O método Nacional de Educação Física – Origem” – Inédito.
- Medeiros, C.M., Bonorino, L.L., Molina, A.M. – “Histórico da Educação Física” – Vitória – 1931.
- Moacyr, P. – “A Instrução e o Império” – São Paulo.
- Molina, A.M., Medeiros, C.M., Bonorino, L.L. – “Histórico da Educação Física” – Vitória – 1931.
- Monroe, P. – “História da Educação Física” – São Paulo – 1939.
- Montaigne – “Essais” – Paris.
- Planton – “L’État ou la Republique”.
- Py, A.S. – “A 5a. Coluna do Brasil” – Porto Alegre – 1942.
- Rabelais, F. – “Gargântua” – Rio.
- Rousseau, J.J. – “Émile ou l’Éducation” – Paris.
- Spencer, H. – “Educação Intelectual, Moral e Física” – São Paulo.
- Veríssimo, J. – “A Educação Nacional” – Rio de Janeiro – 1906.
- “Plano Nacional de Educação – Questionário para um Inquérito” – Rio de Janeiro – 1936.
- “Plano Nacional de Educação” – Câmara dos Deputados – 1937.
- Decreto-lei nº 4.224, de 9 de abril de 1942.
- Decreto-lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942.
- Decreto-lei nº 6.141, de 28 de dezembro de 1943

# Educação Física: filosofia, ciência e arte<sup>1</sup>

Nós achamos que a educação física é, naturalmente, uma das formas primitivas de maior expressão dentro da cultura humana. O homem sobreviveu graças exatamente à possibilidade de exercitar as capacidades para as quais estava ele estruturado, da mesma forma que um pássaro está estruturado para voar, um peixe o está para nadar, o homem está estruturado para andar, para caminhar, para correr, para saltar, para lançar, para arremessar. E coube, exatamente, à Educação Física e seus distintos estágios pelos quais o homem passou, permitir-lhe a sobrevivência.

Primeiramente, na época pré-histórica, antes do aparecimento da filosofia no seu classicismo, nós encontramos três fases que caracterizam a interpretação filosófica da Educação Física na vida do homem primitivo. Primeiro lugar: onde ele habitava ainda as grutas, ou nos lagos ocupava as suas residências palafitas, ele dispunha só e exclusivamente de seus recursos naturais. E ele marchava, ele caminhava, ele corria, ele arremessava, ele lutava, naquela luta cotidiana, naquela luta diária para buscar o seu sustento, para defender-se daqueles que [palavras inaudíveis] com a natureza. E a filosofia que dominava a sua Educação Física era uma filosofia profundamente naturalista. Era aquele contato íntimo diário e constante com a natureza que fazia com que ele pudesse se exercitar, desenvolver as suas capacidades, utilizar a sua inteligência no manejo desse potencial de que dispunha e sobrepujar os outros animais que eram mais fortes, de maior porte, mais destros, mais pesados, mais velozes e com uma força bruta inacreditavelmente superior. Mas o homem mobilizou a sua inteligência, colocou-a a serviço de sua sobrevivência e ele dispunha de um gesto que os outros animais não tinham, que era o gesto de atirar e, a este gesto atávico, deve-se sobretudo a sobrevivência do homem. Podendo atirar, ele arremessava os calhaus, arremessava o seu machado, arremessava, mais tarde, os seus dardos, podendo atingir aqueles que a ele se opunham antes de entrar na luta corpo-a-corpo. E o gesto de atirar, é de todos, talvez, o atavicamente mais marcado, que faz com que a criança em seus primeiros anos de vida busque exercitá-lo, atirando ao chão os objetos, procurando alcançar com precisão os alvos que imagina. E ainda na atividade esportiva de hoje, os senhores verificarão que no gesto de

---

1 Palestra ministrada no VI Encontro Nacional de Professores de Educação Física, realizado na cidade de Tramandaí, Rio Grande do Sul, em abril de 1980. A fita original foi cedida ao Centro de Memória do Esporte.

atirar estão as atividades desportivas mais disseminadas, mais difundidas e mais prazerosas. O voleibol, o basquetebol, o futebol, o tênis e uma quantidade imensa de atividades desportivas, pólo aquático, etc., estão baseados no gesto de atirar. E atirar em precisão, e atirar dominando as coordenações neuromusculares para que este gesto seja perfeito e acabado e a satisfação daquele que, arremessando a bola de basquetebol, a coloca na cesta, ou aquele que desferindo a sua cortada, marca o ponto no voleibol, caracterizam o gesto perfeito e completo capaz exatamente de assinalar o prazer que motiva todos os gestos, toda a nossa conduta, buscando como a Educação Física, a perfeição na atitude e no gesto.

Depois desta fase que nós denominamos de filosoficamente naturalista, o homem deixa de habitar as grutas, deixa de ser nômade, ele se torna estável, constrói as suas fortificações, ergue a sua estrutura rural domesticando os animais, semeando e plantando. E ele aprende a se fixar à terra. Ele constitui a sua família e ele utiliza os animais domésticos, mas outros bandos nômades o pilham, o assaltam, o roubam, violentam as suas mulheres e matam os seus filhos. E ele sente a necessidade de se preparar para defender a vida daqueles que dele dependiam, para defender a sua colheita, para defender a messe que arrecadava no campo após a sua plantação. E ele se adentra para essa defesa. E ele se prepara para a guerra, e a filosofia da Educação Física se reveste de características guerreiras e, então, aqueles gestos com os quais ele se exercitava na natureza, obedece a um novo objetivo, de colocá-los à serviço da sua defesa da preservação de seu patrimônio. E então, o homem se prepara para a guerra, o homem se prepara para a defesa e a Educação Física assume uma característica guerreira. Mas o homem fortifica as cidades em que ele vive, ergue muralhas inexpugnáveis e se mantém dentro delas e então, aqueles que viviam de pilhar, de assaltar, não têm mais condições de vencer as defesas que tinham sido erguidas. Mas era indispensável que o homem continuasse a exercitar as suas capacidades físicas, para que elas não regredissem, para que elas não lhe faltassem no momento em que ele delas precisasse. E, em tempo de paz, dentro de suas muralhas fortificadas, o homem se adentra em combates simulados, em exercícios que substituem as vicissitudes da guerra. E nascem os desportos, que nada mais eram do que guerras de faz-de-conta, em que eles se defrontavam não para se exterminar, mas para se exercitarem e não permitirem que se atrofiassem as suas capacidades físicas. E a filosofia da Educação Física reveste-se das características desportivas e nesta evolução, nós sentimos passar de uma interpretação naturalista, a



uma guerreira, para chegar à Educação Física desportiva. Isto tudo ocorre no período que nós denominamos: o período pré-histórico.

Depois, com Heródoto, no século V A.c (o século de Péricles), em que florescem os filósofos e que a filosofia da Grécia está dominada pela trilogia mais importante que chega aos nossos dias com um legado extraordinário de obras. E Sócrates, e Platão, e Aristóteles, contribuem com a força de sua razão, para interpretar pelo pensamento aquilo que era oferecido aos nossos olhos e aos nossos sentidos. E passa, então, a existir a interpretação da natureza e o homem passa a formular as suas teorias. Teorias capazes de explicar os fenômenos com os quais eles se defrontavam e que permitiam nas suas palestras no ágora, a praça do mercado grego, a praça do mercado de Atenas, permitiam que as filigranas do pensamento tornassem cada vez mais sutil a inteligência de que o homem era dotado. E as teorias foram sendo formuladas e nasce, então, com Aristóteles (aquele sábio a que se referiu a professora Leia<sup>2</sup> na primeira palestra, com o qual se inauguraram esses trabalhos) a formulação da teoria de Educação Física. E no hedonismo de Aristóteles nós encontramos os dois princípios fundamentais que, baseados no prazer, observando ele que todo animal foge da dor e busca o prazer. E sendo um homem o animal, ele deveria naturalmente ter o prazer como a motivação de todos os seus gestos, de todas as suas atitudes, de todo o seu comportamento. E cria o hedonismo aristotélico, que vai impregnar a nossa escola, chegando ao hedonismo pedagógico de nossos dias. E diz Aristóteles, que existe para cada animal, um prazer que lhe é próprio, resultante da sua natureza, da sua estrutura. E a sucessão dos gestos, dos movimentos, das atitudes que nos levam a satisfazer as exigências da nossa estrutura, os movimentos de que nós dependemos para exercitá-la e para nos tornarmos cada vez mais perfeitos. É essa busca, essa necessidade de prazer, que nos leva à perfeição do gesto, à perfeição da atitude, à perfeição dos movimentos. E diz ele, que para cada espécie animal, existe um prazer que lhe é próprio. E é na busca desse prazer que cada espécie animal se exercita na sua infância, para que possa utilizar na idade adulta as capacidades condizentes com a sua estrutura. Estas idéias de Aristóteles se entrosam perfeitamente na teoria do jogo de Karl Gross, formulada em 1896, quando ele diz que há um jogo específico, próprio para cada espécie animal e ele observa que, é por intermédio do jogo, que se faz a preparação para a vida adulta. E diz que um gatinho brincará com seus movimentos de preensão (quando

---

2 Nome sujeito à confirmação.

nós utilizamos uma bola de papel amarrada a um cordão), da mesma maneira de que em sua vida adulta ele necessitará desses movimentos de preensão para captar o ratinho com o qual ele se defrontará. E que um carneirinho brincar com os seus movimentos de dar marradas, dos quais ele dependerá para se defender na sua vida adulta. Jamais um gatinho brincar de dar marradas, jamais um carneirinho brincar de movimentos de preensão! E esta é a razão pela qual, nos jogos, os exercícios naturais vão preparar a criança para o desenvolvimento da atividade de que ele dependerá na sua vida adulta.

Depois, o segundo princípio aristotélico: o prazer completa e aperfeiçoa o ato. Não existirá ato completo e perfeito sem que o homem busque e encontre o prazer. [Pausa]<sup>3</sup>

“A senhora não se incomoda de deixar de ler o jornal? É que perturba o conferencista. [Aplausos da platéia] É que dá uma imagem negativa... O conferencista precisa sempre do estímulo do auditório senão suas idéias se vão e ele não se mantém!”

Então, Aristóteles lhes diz, que o prazer completa e aperfeiçoa, e a Educação Física, mais do que qualquer outra atividade, está impregnada desta necessidade de prazer que nos leva a buscar os atos completos e perfeitos. Quando nós olhamos uma criança nas suas tentativas, seja de engatinhar como se referiu a professora Leia, seja quando ela se levanta oscilante para iniciar os primeiros passos de sua caminhada, e ela, a cada momento que vence uma dificuldade, que realiza um gesto completo e perfeito, ela alcança aquele prazer que ela buscava para poder atingir a perfeição pretendida. E assim somos nós! E assim são os ginastas que treinam diariamente buscando o ato completo e perfeito. E assim é o campeão que treina como atleta com sacrifício, realizando tarefas que são verdadeiros trabalhos forçados, para alcançar exatamente aquele prazer que o título de campeão lhe consagra. E que é um campeão? O campeão é aquele que, na sua modalidade, é capaz de realizar o gesto mais completo e perfeito que o distingue dos outros. E é isso o que lhe dá um prazer, um prazer que nós chamaríamos de êxtase, um prazer quase divino. E por falarmos em prazer divino, nós lembraríamos aos senhores que Deus criou o mundo e depois Deus criou o homem a sua forma e semelhança e sopró-lhe dando vida. E criou, então, a sua obra-prima, motivado pela necessidade e prazer da perfeição e em seu êxtase divino, ele contempla a obra criada. E Deus sub-rogou ao homem esse poder verdadeiramente divino de gerar a vida, de

---

3 Nesse momento o professor Inezil dirige-se a uma pessoa que está na platéia.



criar exatamente outro ente a sua forma e sua semelhança. E nós lembraríamos que cada um de nós, que cada um dos senhores, foi gerado em um momento de êxtase, em um momento de prazer, traduzindo exatamente a sub-rogação dos poderes de Deus, para que pudéssemos realizar uma obra completa e perfeita representada pela criação da vida, na perpetuidade dos nossos genes, pelos nossos filhos, pelos nossos netos, pelos filhos e pelos netos de nossos netos. E, então, nós poderíamos dizer que este é o trabalho, é a obra fundamental do homem, é a obra que o enche de êxtase e de prazer divino.

Vejam, portanto, os senhores como a Filosofia marca a Educação Física e marca, nesse sentido, altamente positivo de que a Educação Física é um dos instrumentos capazes de contribuir para levar o homem à criação do perfeito. Propiciar-lhe aquele prazer do qual ele depende para realizar as suas obras-primas. E um artista, um escultor que cinzela um bloco de mármore e lhe dá vida, criando uma estátua, criando a sua obra-prima, é semelhante ao técnico desportivo que, pegando exatamente um indivíduo com força bruta, o manipula, o cinzela, o lapida e o transforma em um campeão, desenvolvendo-lhe a expressão corporal que estava latente neste indivíduo e que não poderia ser revelada se o trabalho não houvesse do técnico desportivo. E o professor de Educação Física que toma as crianças ou os adolescentes e que depois nos exibem uma demonstração primorosa, ele fez com que cada uma dessas crianças, cada um desses adolescentes se aprimorassem, dominassem as suas ordenações neuromusculares e fosse levado à perfeição da expressão corporal. Esta é a forma pela qual a filosofia assinala e marca a sua presença na Educação Física. Mas nós não poderíamos viver apenas de idéias e ideais em Educação Física, nós teríamos exatamente de dar uma aplicabilidade a esses ideais, a essas idéias, a essas formulações teóricas. E então, no estudo do movimento, ou seja, da expressão corporal, que traduz exatamente no exercício de todas as capacidades para as quais nós estamos estruturados e a ciência vem e procura aperfeiçoar cada vez mais esses movimentos, eliminando os fatores negativos e permitindo que pudesse o homem, sobretudo na atividade esportiva, lutar contra o tempo e o espaço. Outrora, a filosofia era a universalidade dos conhecimentos, depois o homem foi acumulando tantos conhecimentos, colocando-os em torno de determinados objetos e as ciências foram nascendo, caracterizando-se pelo seu objeto próprio, pelo seu método próprio, pelo seu conteúdo próprio. E nasceram a Biologia, a Psicologia, a Cinesiologia, a Física, etc., que se desintegraram da Filosofia para assinalar a sua autonomia.



A partir do século passado, sobretudo quando as atividades desportivas começaram após a Renascença a interessar o homem para que ele não atrofiasse as suas qualidades e suas capacidades físicas, os cientistas começaram a voltar-se para a atividade física. E os primeiros métodos de Educação Física que apresentaram um cunho científico, foram chamados sistemas culturistas. Esses sistemas culturistas eram uma formulação de exercícios físicos imaginados pelo seu autor e quase sempre com um fundamento científico principal, que era o do desenvolvimento do músculo pela repetição da contração muscular. Assim nasceram os sistemas culturistas. Os que tiverem interesse no livro “Sistemas e Métodos de Educação Física”, de nossa autoria, encontrarão o estudo desses métodos culturistas e a contribuição da ciência para eles. E esses métodos culturistas foram, então, os mais variados: [Palavra inaudível]<sup>4</sup> deu um aspecto miogênico, isto é, preocupados com o músculo e, sobretudo, preocupado com a fisiologia da respiração. E Ling,<sup>5</sup> o criador sistema sueco, traz exatamente para a Educação Física de sua época a experiência que existia na *yoga* com os exercícios de respiração. Müller<sup>6</sup> desenvolve uma série de sistemas baseados na respiração. Respirar é viver, este era o princípio, mas havia uma diferença extraordinária entre o respirar oriental e o respirar ocidental. Boigey<sup>7</sup> e Demeny<sup>8</sup> e outros fisiologistas demonstraram que esses exercícios respiratórios dependeriam, sobretudo, de que se criasse o déficit de oxigênio, para que pudesse o oxigênio ser absorvido pelas hemácias constituindo o composto oxi-hemoglobina, que seria levado à intimidade de nossos tecidos. Esses estudos são longos, levam a conclusões distintas, mas o importante está em distinguir a razão do respirar nos sistemas de *yoga*, da razão do respirar nos sistemas ocidentais ginásticos. Segundo os nossos fisiologistas, nós respiraríamos, teríamos necessidade de respirar após o exercício físico para, exatamente, fixar este oxigênio nas hemácias e irrigar, por intermédio da corrente sangüínea, os tecidos que tivessem déficit de oxigênio. Mas no *yoga* não: nós respiramos exatamente para absorver o *prana*, ou seja, a energia cósmica que existe e sem a qual nós não poderíamos sobreviver. E, então, mesmo dentro do aspecto científico, a Filosofia chega e dá uma interpretação distinta entre o respirar oriental e o respirar ocidental. Mas, com o desenvolvimento dos Jogos

---

4 Miroslav Tyrš (1832-1884).

5 Per Henrik Ling (1776-1839).

6 J. P. Müller.

7 Maurice Boigey.

8 Georges Demeny (1850-1717).

Olímpicos, os cientistas voltaram a sua atenção para o rendimento das atividades desportivas e a ciência foi colocada a serviço dos desportos para abreviar os tempos ou para aumentar as distâncias. Enunciarei apenas algumas das contribuições científicas, para que os senhores sintam bem como a ciência se tornou importante para o rendimento da atividade esportiva. Em 1896, nos primeiros Jogos Olímpicos, quando os senhores analisam a saída dos corredores de 100 metros, vão encontrá-los nesta posição, aguardando o tiro de partida e o tempo, então, foi de 12 segundos. Havia alguma forma para melhorar o rendimento deste tempo. E os cientistas observaram que a velocidade do homem através dos milênios não tinha diminuído, nem aumentado. Que aquele *déficit* poderia ser melhorado de tempo se nós abreviássemos o lançamento do atleta na sua velocidade inicial. E, então, houve necessidade de se criar o ponto de apoio para o pé que impulsionava o corpo. E passaram-se a fazer-se as marcas nas pistas onde o juiz dizia: "Atenção os atletas, preparar as marcas." E em cada raia havia uma pá de pedreiro em que se chegava e se fazia, se escavava um triângulo na pista. Eu e o Targa<sup>9</sup> ainda apanhamos essa época de fazer – não está muito longe de nós – de fazer essa...

#### [FINAL DO LADO A DA FITA]

... e indo para trás tirava uma resultante oposta à resultante do lançamento da velocidade inicial, que era para frente. Ora, firmando-se os pés, nós somamos aquela força que ia para trás, nós a adicionamos em lançar o corpo para frente, aumentando a velocidade inicial, mas quando nós escavávamos na pista para colocar o pé de apoio, nós baixávamos o nosso centro de gravidade e baixando o centro de gravidade, diminuíamos o pêndulo responsável pelo lançamento na velocidade inicial. Então para corrigir isto, inventaram os blocos de partida que os senhores hoje encontram na pista acima da superfície do solo.

Graças aos blocos de partida, foi possível diminuir em dois segundos, de 1896 aos dias atuais, a marca dos 100 metros de corrida. Mas onde a contribuição da ciência foi, talvez, mais expressiva, foi no remo. A aplicação da física ao remo foi extraordinária. Outrora os barcos tinham a forquilha (e aqui no Rio Grande havia muitos, não sei se ainda há). As forquilhas eram na borda do barco e na forquilha se fazia o apoio do remo e, o braço do remo, empunhado pelo remador, era muitíssimo mais curto que o outro braço onde a pá mergulhava

---

9 Jacyntho Francisco Targa. Um dos fundadores da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

na água. Isto exigia do remador um esforço grande para que ele pudesse levantar o remo da água e realizar e nova remada. Então, o problema estaria em tanto quanto possível colocar o ponto de apoio fora do barco. Esta é a razão pela qual os barcos de hoje têm exatamente a forquilha fora da borda do barco, com isso aumentou-se o braço da alavanca em que se apoiava o remador. Diminuiu-se o peso do braço que entrava na água, aumentando o rendimento do esforço do remador. Mas não foi só esse o progresso que a ciência trouxe ao remo. Era claro que os nossos braços têm uma massa de musculatura inferior às nossas coxas; se nós conseguíssemos somar a potência dos músculos das nossas coxas à força de nossos braços, a remada seria mais eficiente. Então, outrora remava-se em bancos fixos em que os pés tinham apoio na chamada "chulipa" e remava-se, só e exclusivamente, à custa do tronco e dos braços. Então inventaram-se os bancos de carrinho, que permitem flexionar as pernas e depois estendê-las somando a força da extensão das pernas à força da tração dos braços. E os rendimentos no remo tornaram-se muitíssimo melhor.

E a contribuição da ciência na atividade esportiva não parou aí. Verificou-se que no lançamento do disco, mais importante do que a força de impulsão neste lançamento, seria a força centrífuga da qual o disco pudesse estar animado no momento de ser lançado. E a preocupação dos técnicos passou a ser de aumentar a velocidade de rotação do discóbolo, para que pudesse ele arremessar o disco a uma distância maior. E este acréscimo se deveu, exatamente, ao adicionamento da força centrífuga à força de impulsão. O mesmo ocorre no lançamento do martelo, por exemplo, em que esta força centrífuga deve ser utilizada ao máximo possível, opondo-se a ela a força centrípeta, representada pelo peso do lançador do martelo. Esta é a razão pela qual os lançadores de martelo devem ser indivíduos corpulentos com grande massa para exatamente contrapor-se pela sua força centrípeta à força centrífuga quando o martelo está girando na maior velocidade.

Assim têm os senhores uma idéia sucinta de como as ciências vieram contribuindo para o desenvolvimento da Educação Física. E hoje, mais do que nunca, nas atividades desportivas nós encontramos nas universidades americanas ou nas universidades soviéticas, os laboratórios com pesquisas científicas para melhorar as marcas desportivas. Há vários outros exemplos como o do salto em altura, etc. Nós poderíamos sintetizando dizer que o rendimento desportivo depende, fundamentalmente, de quatro ciências, que são: em primeiro lugar, a Física que permite o conhecimento de todas as leis do



movimento; em segundo lugar, da Biotipologia que nos permite a escolha da figura mecânica mais adequada à realização de cada atividade esportiva; depois da Fisiologia que nos permite a adaptação do organismo à natureza do esforço que lhe vai ser exigido e, finalmente, da Psicologia, porque sem a Psicologia nós não podemos criar as condições de realização da prova ainda não vivida pelo atleta. No último campeonato Pan-americano nós tivemos o fracasso de uma de nossas nadadoras que não estava psicologicamente preparada e que se manteve imóvel ao tiro de saída de sua prova. Ora, há um autor francês, criador de um método desportivo que resume o treinamento desportivo a dois princípios: primeiro, o melhoramento do gesto. O que é o melhoramento do gesto? É a aquisição do estilo. E depois, o melhoramento fisiológico, que o melhoramento fisiológico é o maior rendimento do organismo à natureza do esforço que lhe vai ser exigido. Aí tem senhores, rapidamente, a contribuição das ciências para a nossa Educação Física.

Nós poderíamos, à margem disso, fazer um comentário na parte da Filosofia. Estava assinalado aqui demonstrando que, filosoficamente, na cultura de todos os povos existem os jogos, as danças e os desportos. Por mais primitivo que seja um povo, por mais distante, por mais atrasado que se encontre em sua cultura, nós nos defrontamos com os jogos, com as danças e com os esportes adequados exatamente àquela adaptação para a preparação da vida adulta. E quando analisamos psicanaliticamente o futebol, por exemplo, nós encontramos uma explicação multimilenar para a força que o futebol traz dentro de si. Outrora, milênios e milênios, quando os inimigos se defrontavam em guerras sem quartel, os vencidos eram degolados e suas cabeças rolavam ao chão e os vencedores as chutavam, fazendo com que rolassem como se fosse uma bola. Isso traduzia a força mística de uma das religiões mais antigas que é o bramanismo, segundo a qual, os homens teriam sido criados em quatro castas: os sacerdotes proveriam da cabeça de Brama; os guerreiros, do peito de Brama; os comerciantes e artesãos proveriam do abdômen de Brama e, finalmente, os parias proviriam dos pés de Brama. E nestes combates, com a parte mais vil de seu corpo (os pés), os vencedores chutavam a parte mais nobre de seus inimigos (a cabeça), demonstrando exatamente o desprezo que por eles manifestavam, fazendo rolar com chutes sucessivos a cabeça dos vencidos. E nas cenas do Coliseu romano – quando os senhores vêm em quadros célebres, o vencedor, o gladiador vencedor colocando o pé sobre o peito do vencido utilizava um gesto que os senhores ainda hoje, multiseccularmente repetem. Se o gladiador vencido devesse ser poupado, o gesto de

César seria este. E se o vencido devesse ser sacrificado, o gesto seria este. E ainda hoje quando os senhores querem significar que tudo foi mal, os senhores usam este gesto multiseular. E quando querem dizer que tudo foi bem, os senhores usam o gesto com o qual outrora se salvava a vida do gladiador vencido.

Passamos, então, ao terceiro aspecto de nossa palestra. A contribuição das artes para a Educação Física. A primeira contribuição notável é a contribuição de Noverre.<sup>10</sup> Nós devemos dizer-lhes que a contribuição das artes está expressa fundamentalmente pelas danças, pelo teatro e pela música. Os que tiverem interesse na dança, a contribuição fundamental é de Noverre e está na sua obra “Cartas sobre a Dança”.

Noverre procura libertar exatamente o bailarino daqueles movimentos que lhe eram previamente indicados, com os quais deveria interpretar seus sentimentos, suas idéias e seus ideais. E os diretores de cena, os coreógrafos impunham ao bailarino os gestos e movimentos que ele deveria executar na interpretação de sua arte. Noverre rompe contra isso e defende o princípio de que estes gestos deveriam nascer do íntimo do bailarino e exteriorizar-se em uma forma que hoje nós chamamos de expressão corporal. E, então, a primeira contribuição para a Educação Física, para a expressão corporal, é a contribuição de Noverre, permitindo que os movimentos se realizassem de dentro para fora e não que fossem inculcados de fora para dentro.

Depois vem a contribuição de Delsarte.<sup>11</sup> Delsarte se dedica ao teatro e ele quer libertar o artista daquelas máscaras do teatro grego da época de Ésquilo, de Sófocles ou de Eurípides em que, para exprimir alegria, o artista apanhava uma máscara em que a fisionomia era sorridente para, assim, transmitir a idéia de alegria àqueles que assistiam a interpretação da comédia e do drama. E se fosse um sentimento de dor, o artista apanharia uma máscara de dor. Era assim o teatro grego de outrora, quase sempre interpretado por um único artista que se chamava protagonista. Expressão que os senhores ainda hoje ainda usam. Depois, pela necessidade dos diálogos sobretudo nas comédias, apareceu o segundo artista, que se denominava deuteragonista. “Deutero” é segundo em grego. E finalmente criou-se o triângulo sobre o qual se baseiam todas as tragédias, todos os dramas modernos, isto é, o trionista. Então, nós ficamos com esses três artistas no teatro grego.

---

10 Jean Georges Noverre (1727-1810).

11 François Delsarte (1811-1871).

Ora, Delsarte vai... Se tiverem interesse, aqui há uma obra dele: "A expressão corporal do comediante"... Ele observa nos enterros o sinal de dor, ou o desespero de um acidentado que acabava de ser atropelado, com suas contrações faciais, ou a alegria numa festa de bodas de casamento, ou de aniversário, etc. E analisa aquelas expressões e chega a conclusão de que o que o artista deveria era viver aquela emoção, para que a sua expressão fisionômica brotasse naturalmente dessa vivência expressiva. Esta é a contribuição de Delsarte.

Depois vem a contribuição da música, a contribuição de Dalcroze.<sup>12</sup> Dalcroze era professor de música e de solfejo e ele sentiu necessidade de poder transmitir as suas alunas, algo que marcasse os compassos na música. Algo que educasse o ouvido para um sentido musical e, então, criou os gestos com os quais as suas alunas deveriam acompanhar as notas musicais. E com a reprodução destes gestos, as alunas passaram a se interessar muito mais pelos gestos, do que pelo próprio ensino da música. E ele criou a chamada rítmico-plástica, que era a utilização da música para expressão do movimento corporal. E nasce, então, a chamada Ginástica Feminina Moderna que sofre uma evolução com várias correntes. As moças que tiverem interesse, encontrarão no livro "Sistemas e Métodos de Educação Física" um capítulo bastante substancioso sobre a evolução da ginástica feminina, outrora chamada Ginástica Feminina Moderna. Com suas várias correntes: corrente sueca, corrente francesa, corrente dinamarquesa, corrente finlandesa, de Elli Björkstén e a corrente americana.

Bom, este movimento das artes corresponde também a um movimento das artes plásticas em geral, porque o advento da fotografia tinha esvaziado a pintura, não permitia mais a reprodução dos objetos pelos artistas uma vez que a máquina fotográfica era muito mais fiel na reprodução deste objeto. E os artistas passam da sua pintura objetiva para pintura subjetiva, indo naturalmente do impressionismo, ao expressionismo, ao simbolismo e a outras formas de artes modernas. E então, o quadro não exprime mais a forma do objeto. O quadro exprime a emoção provocada naquele ao qual o objeto é apresentado. O quadro traduz as idéias, os ideais, as sensações e as emoções e não mais os objetos que provocariam essas idéias, esses ideais, essas emoções ou essas sensações. E a expressão artística assume, em diferentes manifestações, características que lhe são próprias e que nós denominamos de arte moderna.

---

12 Emile-Jacques Dalcroze (1865-1950).



Vejamos o que ocorre com a Educação Física. Quando os senhores estudam a lei<sup>13</sup> que está em vigor... A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Lei nº 9.652/71 divide as matérias do ensino secundário em três grupos que são: A) Comunicação e Expressão; B) Estudos Sociais; C) Ciências. E a Educação Física foi situada dentro do grupo A: Comunicação e Expressão. Por que a Educação Física está dentro do grupo de matérias Comunicação e Expressão? Porque a expressão corporal que nós hoje tanto valorizamos é uma das formas mais fortes, mais eficientes de expressão. E poderíamos dizer que um debate ou uma conferência está para a expressão pela linguagem, ou seja, a expressão verbal, da mesma forma que uma demonstração de ginástica ou uma atividade desportiva está para a expressão corporal. Então, de um lado (isso é importante os senhores fixarem) está a expressão verbal e de outro lado está a expressão corporal. Vamos aproveitar o exemplo da professora Leia em sua primeira conferência quando se inauguraram os trabalhos deste encontro. Ela pediu a um dos alunos que descrevesse sem reproduzir o gesto, o que seria engatinhar. Descrever é uma expressão verbal e engatinhar é uma expressão corporal. É difícil descrever-se uma expressão corporal utilizando uma expressão verbal. Esta foi a razão pela qual o professor que participou errou, quando disse que se deslocavam ao mesmo tempo o braço esquerdo e o joelho esquerdo. Não, os animais se deslocam em diagonal com os segmentos alternados e a criança jamais faria uma tentativa de se deslocar na forma pela qual ele indicou, porque isso contrariaria as leis naturais das quais o homem depende e que nele se encontram intrinsecamente viventes.

Quando nós usamos um livro de poesias, nós usamos uma expressão verbal e procuraremos talvez, por exemplo, neste "Amor e Lembrança", nós procuramos descrever sentimentos e emoções por intermédio de imagens verbais. Nunca jamais essas expressões verbais poderão traduzir na realidade nossos sentimentos, nossas emoções, nossas idéias ou nossos ideais. Então a expressão corporal é a única forma pela qual nós poderemos realmente falar a nossa linguagem do corpo. A linguagem no corpo tem um alfabeto próprio que é o alfabeto dos gestos que nós manipulamos e combinamos para alcançarmos os termos por intermédio dos quais nós nos manifestamos. Há um livro dos irmãos Marrazzo "Mi cuerpo es mi lenguaje."<sup>14</sup> Depois da conferência feita eu coloquei uma nota de introdução de rodapé, quando ela for publicada incluirá esta nota fazendo esta análise e permitindo um pensamento muito bonito dele que diz:

---

13 Solicita a alguém da mesa que lhe alcance os óculos.

14 MARAZZO, MC y TM. Mi cuerpo es mi lenguaje. Ciordia. Buenos Aires, 1975.

*pelo cuerpo es el medio obligado de expresión del ser humano e es a través del que se comunica con sus semejantes. El conjunto de sus gestos trascienden las limitaciones de la lengua. Comunica todos los seres entre si cualquiera que sea su idioma original. El gesto expresivo es la lenguaje universal del hombre.*

O gesto expressivo é a linguagem universal do homem e esta é a razão pela qual povos que falam línguas distintas conseguem comunicar-se. No Rio, atualmente em um dos teatros, realiza-se uma peça da Marilena Ansaldi, que foi bailarina do Municipal e ela toma "Um sopro de vida", o romance de Clarice Lispector, e a expressão verbal deste livro é transmitida pela expressão corporal dela em sua magnífica e extraordinária interpretação. Então, vejam os senhores, que a linguagem verbal foi transformada de uma forma mais eficiente na linguagem corporal.

Para finalizar, nós chegaríamos a conclusão de nosso trabalho onde nós dizemos que a arte viva expressa pela técnica deslumbrante dos campeões é realmente o que caracteriza a expressão corporal no seu gesto completo e perfeito, capaz de gerar e permitir que possamos alcançar o prazer. E, finalmente, a Educação Física nos ajuda a descobrir a beleza da vida. Que o descobrir da beleza da vida é nós sermos tocados por este sentimento estético que nos permite que nos extasiemos ante a beleza de uma flor, ante uma gota de orvalho sobre uma planta, o aljôfar da madrugada, ou a beleza de um gesto ou de uma forma estatuária animada sobretudo pelo movimento que a Educação Física e a técnica desportiva propicia.

Se os senhores olharem um saltador de trampolim, estarão vendo exatamente uma estátua viva na realização dos movimentos mais harmoniosos e mais lindos e então, aquilo que a estatuária grega fixou como um momento, como o discóbolo de Miron, ou como o cânon de Policeto, hoje nós podemos fixar pela máquina fotográfica, pela cinematografia, pelos recursos audiovisuais os movimentos constantes e contínuos de um atleta que se desloca e que executa os movimentos mais completos e perfeitos da sua especialidade. E nós concluiríamos lendo o último parágrafo do nosso documento que diz o seguinte: "Ao terminar este trabalho em que analisamos a contribuição da filosofia, da ciência e da arte para a Educação Física contemporânea, indispensável setor na quefaçamosdaescola uma instituição de prazer, porque como disse Aristóteles, o homem ama o prazer porque ama a vida. E a criança há de amar a escola, por ser ela um veículo de prazer do qual a educação física é uma das fontes. O prazer lhe é indispensável na vida e a Educação Física lhe ajudará a descobrir a beleza da vida".

Muito obrigado pela atenção!

# Nova denominação para o professor de Educação Física – Educação Física, uma expressão inadequada<sup>1</sup>

## Apresentação

A temática deste trabalho – substituir a denominação PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA por outra expressão melhor adequada à sua formação científica, técnica e didática – dormita em nossa mente há quatro décadas, desde quando não alcançaram êxito as tentativas feitas para se instituir a “Ordem” ou “Conselho Federal” dos Professores de Educação Física.

Aqui, estamos apresentando um estudo histórico sobre o assunto, bem como indicando um caminho prático, para alcançar o respectivo objetivo, ilustrando-o com objetivos do ocorrido em outras profissões.

A primeira divulgação destas idéias, em âmbito nacional, foi feita por ocasião do 1º Simpósio Brasileiro de Educação Física, realizado em Brasília, de 15 a 21 de dezembro de 1983. A repercussão e a receptividade encontradas animaram-nos a ampliar o estudo, dando-lhe maior envergadura, para submetê-lo, como ora o fazemos, à apreciação crítica da classe reunida neste magno certame de Tramandaí.

Julgamos um imperioso dever de consciência, tal como fizemos instituindo a “GINÁSTICA BRASILEIRA”, legar as idéias, que floresciam em nossa mente, aos pósteros, para que as enriqueçam e as incorporem ao acervo da cultura brasileira.

## 1. Prolegômenos

1.1. O professor de Educação Física carrega uma pesada cruz, que é a sua própria denominação, socialmente pejorativa e profissionalmente estigmatizada. No presente ensaio, estamos apreciando as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao 1º Congresso Latino Americano de Educação Física, Desporto e Recreação e X Encontro Nacional de Professores de Educação Física, realizado em Tramandaí – RS, de 15 a 21 de abril de 1984.



origens de tal denominação, a forma pela qual se disseminou não apenas entre nós, mas, também, mundialmente, concluindo por apresentar sugestões para a sua substituição por outra denominação mais adequada, mais condizente com o conteúdo científico de sua formação.

1.2. Aceitar a denominação de professor de Educação Física, para os que se dedicam a educar a expressão corporal do homem, a desenvolver a potencialidade e a riqueza de movimentos com que a Natureza o dotou, parece-nos o mesmo que chamar os psicólogos de professores de educação da alma ou da mente. É este o absurdo a que nos propomos a apreciar, atrevendo-nos a sugerir designação capaz de melhor e mais fielmente traduzir as características do trabalho a que ele se propõe, denominação mais erudita e respeitosa, que realmente dignifique a sua atividade profissional.

1.3. E para tanto indispensável se torna regredirmos no tempo e no espaço para buscar na cultura grega o respeito e a consideração que outrora merecia não apenas o ginasiarca, mas também, o (γυμναστής) ou seja o mestre de ginástica.

## 2. O conceito de Ginástica

*Grego clássico*

*Néo-clássico*

*Pós-renascentista*

### 2.1. *Grego clássico*

2.1.1. O vocábulo ginástica é de origem grega (γυμναστική) e significa a arte de exercitar o corpo, mais precisamente o corpo nu (γυμνός). O célebre dicionário de Bailly<sup>2</sup> registra quarenta e cinco palavras oriundas do mesmo radical, das quais estão incorporadas ao nosso idioma e são de uso corrente as seguintes: ginasiarca (γυμνασιάρχης), ginásio (γυμνάσιον), ginásta (γυμναστής), gímnico (γυμνιχός), ginástico (γυμναστικό).

2.1.2. É interessante assinalar que a língua castelhana incorporou ao seu vocabulário a palavra grega, na sua forma pura, gimnasia (γυμνασία), apenas deslocando a acentuação tônica, o que a tornou proparoxítota.

---

2 BAILLY, A. - "Dictionnaire Grec Français" – Librairie Hachette-Paris – 1950.

2.1.3. O vocábulo ginasiarquia (γυμνασιαρχία), que significa o ofício do ginasiarca, não figura no “Novo Dicionário da Língua Portuguesa”, do mestre Aurélio.<sup>3</sup> O adjetivo ginástico (γυμναστικός), é mais comum do que gímnico, este usado em linguagem mais erudita.

2.1.4. É importante considerar que, quando Platão recomenda a ginástica para o corpo e a música para a alma,<sup>4</sup> refere-se aos exercícios que os jovens gregos praticavam no ginásio, dos quais a obra “The Olympic Games”<sup>5</sup> nos dá uma nítida idéia na hábil reconstrução de K. Ilickis.<sup>6</sup> No século V a.C, o chamado Século de Péricles, os exercícios praticados pelos jovens atenienses eram os seguintes: corrida (δρόμος, σταδιον), salto (άλμα), luta atlética (πάλη), lançamento do disco (δισκοβολέω), lançamento do dardo (άχοντίζω), pugilato (πυγμαχία), pancrácio (παγ-χρότιχω). Em Esparta o pancrácio não era praticado e em Atenas só foi introduzido a partir de 650 a.C.

2.1.5. Como acabamos de verificar, o que os gregos chamavam de ginástica eram exercícios físicos, que hoje incluímos na categoria de esportes.

## 2.2. – Néo-Clássico

2.2.1. O Renascimento surge como um raio de luz no obscurantismo que a Idade Média assinalara para as manifestações culturais: é uma reação que se processa em todos os setores de atividades, contra a opressão e as limitações impostas ao espírito. Os humanistas redescobrem as civilizações grega e romana e se extasiam ante as manifestações da cultura de tais povos. A filosofia, a literatura, as artes, as ciências recebem um magnífico influxo e encontram campo próprio à sua florescência. Petrarca, Boccaccio, Verrochio, Signorelli, Perugino, Leonardo da Vinci, Miguel Angelo, Rafael, Caravaggio, Girogione, Bosch na pintura; Miguel Angelo e da Vinci, na arquitetura; Galileu e Harvey nas ciências e dezenas de outros nomes simbolizam uma época bastante expressiva no domínio cultural.

3 FERREIRA, A . B. H. – “Novo Dicionário de Língua Portuguesa” – Editora Nova Fronteira – Rio – 1ª edição.

4 V. “Os clássicos e a Educação Física” – I. P. Marinho – Cia. Brasil Editora – SP – 1945.

5 YALOURIS, N. – “The Olympic Games” – Ekdotike Athenon S/A – Athens – 1976.6

6 *Ob. Cit.* Pág. 56/57.

2.2.2. Nascia o homem moderno, com uma nova concepção do mundo e da vida. Ele descobre a sua consciência racional e valoriza o pensamento ao sentir a sua força criadora. É o berço da Heurística.

2.2.3. Também a Educação Física esteve representada no Renascimento por Vittorino da Feltre (1378-1446) com a sua célebre escola "La Giocosa da Mantova" e Maffeo Veggio (1407-1458), considerado o mais completo pedagogo de sua época.

2.2.4. Com o Renascimento, os sistemas educacionais assimilaram a nomenclatura das instituições gregas e surgiram o ginásio na Alemanha, o liceu na França e a academia na Inglaterra.

2.2.5. Compayré assim se referiu a esta época:

*A educação da Idade Média, excessivamente rígida e repressiva, que condenava o corpo a um regime demasiadamente severo e a mente a uma disciplina demasiadamente estreita, foi sucedida, pelo menos em teoria, por uma educação mais ampla e mais liberal, que concedeu a devida atenção à higiene e aos exercícios físicos....., que busca o desenvolvimento do homem integral, mente e corpo, gosto e conhecimento, coração e vontade.<sup>7</sup>*

### 2.3. – Pós-renascentista

2.3.1. O desenvolvimento do Cristianismo, durante a Idade Média, caracterizou-se por um profundo desprezo às coisas do corpo, sendo este considerado uma fonte de luxúria e de pecados. Os longos jejuns, as macerações, as flagelações, indispensáveis para a purificação da alma, fizeram com que o homem ficasse profundamente debilitado. Braços finos, pernas finas, pescoço fino reclamavam exercícios localizados, miogênicos, para a recuperação da estrutura orgânica, de força muscular, das funções circulatória e respiratória, enfim a restauração do homem, para alcançar a plenitude de sua forma e vigor.

2.3.2. E surgiram os exercícios analíticos, de efeitos localizados, destinados a fortalecer as pernas, engrossar os braços, enrijecer o pescoço. E as marombas, as massas, os halteres, passaram a ser utilizados como contrapesos capazes de fazer aumentar o esforço muscular e, conseqüentemente, restaurar órgãos debilitados. Os chamados métodos e sistemas culturistas aí tiveram a sua origem e a sua justificação, alcançando o seu apogeu no século XIX, incluindo mais as duas primeiras décadas do século XX. Constituem a fonte do atual halterofilismo.

---

7 V. "História Geral da Educação Física" – I. P. Marinho – SP – 1980 – pág. 80.



### 3. O surgimento da expressão Educação Física e a sua generalização

3.1. A expressão “Educação Física”, com o sentido que ainda hoje lhe emprestamos, é realmente moderno, tendo surgido primeiramente na Inglaterra, de onde o seu uso se disseminou pela França e outros países europeus, dos quais foi levada para a América e outros continentes.

3.2. Coube a John Locke (1632-1704), em sua obra “Alguns pensamentos sobre Educação”,<sup>8</sup> quebrar o dualismo “mente são em corpo são”, estabelecido por Juvenal (60 – 140) em suas “Sátiras”,<sup>9</sup> substituindo-o pelo tríplice aspecto: intelectual, moral e física. Assim, nasce a expressão “Educação Física”, que, com Spencer, consolidou-se e estendeu-se aos países do continente europeu e aos Estados Unidos. Locke exerceu enorme influência sobre os enciclopedistas franceses do século XVIII; precursor do empirismo moderno, desenvolvido depois de Berkeley e Hume, influenciou o desenvolvimento das teorias associacionistas e sensualistas na Inglaterra, França e outros países.

3.3. Herbert Spencer (1820-1903) desenvolveu a sua filosofia em torno da natureza, principal inspiradora de suas idéias. O seu célebre ensaio “Educação Intelectual, Moral e Física”<sup>10</sup> teve larga repercussão no Brasil, inspirando, à época, numerosas teses de doutoramento em Medicina, nas faculdades da Bahia e Rio de Janeiro, encontradas em nossa Biblioteca Nacional. A partir de Spencer, a expressão “Educação Física” generalizou-se por todo o mundo para exprimir a parte da educação que tinha por objeto o corpo.

3.4. Até o século XIX, inclusive, a expressão “gymnastique” foi utilizada, na França, para traduzir a utilização dos exercícios corporais. De Rabelais a Rousseau, estava presente a consciência de que exercícios dessa natureza eram indispensáveis na educação das crianças e adolescentes. No início do século XX, mais precisamente a 22 de dezembro de 1904, por decreto do Presidente da República Francesa, foi instituída uma comissão interministerial para tratar da unificação dos métodos nas escolas primárias, ginásios e regimentos. Dessa comissão, presidida pelo general Castex, faziam parte entre os

---

8 “Some Thoughts concerning Education” – London – 1693.

9 JUVENAL – “Satyres” – Societé d’Education “Les Belles Lettres” – Paris – 1951.

10 “Education Intellectual, Moral e Physical” – London – 1861.

seus treze membros, Démeny e Racine, resultando dos trabalhos da mesma o “Manuel d’Exercices Physiques et de Jeux Scolaires”.<sup>11</sup>

3.5. Após várias tentativas, ensaios de alguns novos regulamentos, baseados sempre nos anteriores, com pequenas modificações; depois de muitas discussões em que tomaram parte Tissié e Hérbert, com a experiência advinda da guerra de 1914-18, com o interesse de todos pela momentosa questão, surgiu, em 1919, um complemento ao “Manuel d’Exercices Physiques et de Jeux Scolaires”. Embora tivesse sido classificado como um complemento do manual anterior, era, na verdade, um manual inteiramente novo, com o título “Projet de Règlement Général d’Education Physique”. Foi esta a origem do Regulamento Geral de Educação Física nº 7, adotado no Brasil, pois o Projeto foi consolidado em 1927, quando surgiu a edição definitiva do “Règlement Général d’Education Physique”,<sup>12</sup> reimpresso em 1932.

3.6. Concluindo, vemos que o termo “Gymnastique” evoluiu para “Exercice Physique”, o que somente ocorreu em 1921, diferentemente da Inglaterra, onde, desde o século XIX, corrente se tornará a expressão “Physical Education”. E sob essa influência inglesa que Rui Barbosa, em 1882, tituló o §7º do seu projeto de “Educação Física”.<sup>13</sup>

3.7. É interessante assinalar, como contribuição histórica, que logo após a proclamação da independência do Brasil, na sessão da Assembléia Constituinte de 4 de junho de 1823, o deputado pela província de Minas Gerais, Padre Belchior Pinheiro de Oliveira, em nome da comissão de instrução pública, leu uma proposta em que se indicavam os meios de estimular os gênios brasileiros a elaborar um tratado completo de educação. Requereu o Sr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado, deputado pela província de São Paulo, urgência para a matéria e a proposta foi então devolvida para que a comissão redigisse o assunto em forma de projeto de lei. Quinze dias depois, foi o mesmo apresentado nestes termos:

*1º será reputado benemérito da pátria, e como tal condecorado com a Ordem Imperial do Cruzeiro ou nela adiantado, se já a tiver, aquele cidadão, que até o fim do corrente ano, apresentar à Assembléia melhor tratado de educação física, moral e intelectual para a mocidade brasileira;*

*2º uma comissão composta de sete cidadãos de reconhecida literatura e patriotismo,*

11 “Manuel d’Exercices Physiques et de Jeux Scolaires” – Ministère de l’Instruction Publique – Librairie Hachette – Paris.

12 “Règlement Général d’Education Physique” – Ministère de La Guerre – Charles La Vaouzelles & Cie. – Editeurs militaires.

13 MARINHO, I. P. – “Rui Barbosa – Paladino da Educação Física no Brasil” – Horizonte Editora – Brasília – 1980 – 2ª edição .”

*nomeados pela Assembléia, decidirá qual dos tratados oferecidos merece preferência;*

*3º não havendo concorrência e aparecendo um só tratado ainda assim verificar-se-á o prêmio determinado se a comissão o julgar digno de impresso.<sup>14</sup>*

O Sr. José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, deputado pela província do Ceará, apresenta a seguinte emenda de projeto:

*1º a pessoa que apresentar no prazo de um ano, contado da promulgação deste projeto, um plano de educação física, moral e intelectual, se for cidadão do Brasil, será declarado benemérito da Pátria e como tal, atendido aos postos e empregos nacionais, segundo a sua classe e profissão; se for estrangeiro terá os agradecimentos da Nação e um prêmio pecuniário; e quer seja estrangeiro ou cidadão do Brasil, dar-se-lhe-á uma medalha distintiva;*

*2º criar-se-á um segundo prêmio pecuniário para aquele que apresente um plano de educação somente física ou moral ou intelectual.*

Após vários debates e votações, ficou deliberado que o projeto, à vista do grande número de emendas, voltasse à comissão para que esta o redigisse novamente. E o projeto... nunca mais voltou ao plenário.

#### 4. A “Educação Física” na legislação educacional brasileira

4.1. Sob a influência da Missão Militar Francesa, que atuava junto ao Exército brasileiro, após a Segunda Guerra Mundial, o termo ginástica foi oficial e definitivamente substituído pela expressão “Educação Física”, sobretudo na nossa legislação educacional.

4.2. Após a Revolução de 1930, que levou o Sr. Getúlio Vargas ao poder, criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, ocupado pelo Sr. Francisco Campos, em 18.04.31, foi assinado o Decreto nº 19.890, conhecido como Reforma Francisco Campos, que, em seu art. 9º, estabelecia: “Durante o ano letivo haverá ainda nos estabelecimentos de ensino secundário, exercícios de educação física para todas as classes”.

4.3. Em 30.06.31, o Ministério da Educação e Saúde Pública expediu os programas do curso fundamental do ensino secundário,

---

14 MOACIR, Primitivo – “A Instrução e o Império” – Companhia Editora Nacional – São Paulo – 1º volume – pág. 79 e 80.

15 O inteiro teor deste programa consta da obra “História da Educação Física e dos Desportos no Brasil” – I. P. Marinho – Ministério da Educação e Cultura – Rio de Janeiro – 1952/56 – vol III – pág. 16/20.



incluindo o de “educação física”.<sup>15</sup> O programa em apreço estava inspirado no “Reglement Général d’Education Physique” (Méthode Francaise).

4.4. Em 17.04.39, coroando os esforços que de há muito vinha fazendo a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, o Decreto-Lei nº 1212<sup>16</sup> cria a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, integrando a Universidade do Brasil:

*Art. 1º- Fica criada, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos que terá por finalidade:*

- formar pessoal técnico em educação física e desportos;
- imprimir ao ensino da educação física e dos desportos, em todo o país, unidade teórica e prática;
- difundir, de modo geral, conhecimentos relativos à educação física e aos desportos;
- realizar pesquisas sobre a educação física e os desportos, indicando os métodos mais adequados à sua prática no país.

4.5. O art. 32 desse diploma legal estabeleceu:

*Art. 32 – Aos alunos que concluírem o curso superior de educação física, ou curso normal de educação física, o curso de técnica desportiva, o curso de treinamento e massagem ou o curso de medicina da educação física e dos desportos, na forma desta lei, serão conferidos respectivamente os diplomas de licenciado em educação física, de técnico desportivo, de treinador e massagista ou de médico especializado em educação física e desportos.*

4.6. Uma vez registrado o seu diploma de licenciado em educação física no órgão competente do Ministério da Educação (então Divisão de Educação Física, subordinada ao Departamento Nacional de Educação), o seu portador fazia jus ao título de “PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA”, denominação que o aflige e o afronta até hoje.

## 5. Considerações sobre uma nova denominação para designar o atual professor de Educação Física

5.1. Na Grécia Antiga, no apogeu de sua cultura, isto é, no século V a. C. – o chamado Século de Péricles – denominava-se ginasiarca o magistrado encarregado de dirigir os ginásios e de assegurar o serviço dos jogos gímnicos e ginasiarquia o seu ofício. O mestre de ginástica

<sup>16</sup> Também o inteiro teor do decreto-lei nº 1212/39 figura na obra citada na chamada anterior – vol. IV – pág. 51/66.

tinha função inteiramente distinta da do pedótriba, pois incumbia-lhe o ensino aos atletas e ele era chamado γυμναστής, denominação para a qual não temos equivalente em português.

5.2. No século passado, na França, o atual professor de Educação Física denominava-se maître de gymnastique, pois, como já demonstramos, somente depois de 1920 o termo gymnastique foi substituído por instruction physique e, mais tarde, por éducation physique.

5.3. Enquanto isso ocorria, a Psicologia ampliava cada vez mais o seu campo, absorvendo os jogos, apresentados por Claparède<sup>17</sup> como “fenômeno de derivação pela ficção” e sobre os quais foram formuladas diferentes teorias.<sup>18</sup> Os cursos de Psicologia, a partir de 1939, quando foram oficialmente implantados em nosso país, por intermédio das Faculdades de Filosofia, passaram a outorgar o título de Psicólogo aos que se diplomavam em estudos sobre os fenômenos da mente do homem, enquanto os que estudavam os fenômenos do corpo humano em movimento eram impropriamente intitulados de licenciados em Educação Física. Assim, o “mens sana in corpore sano” de Juvenal<sup>19</sup> passou a compreender os psicólogos para o “mens sana” e os professores de Educação Física para o “corpore sano”, dando aos primeiros uma denominação adequada, nobre e valorativa e aos últimos um título impróprio, socialmente estigmatizado e quase pejorativo.

5.4. Parece-nos, agora que os esportes se tornaram um fenômeno social mais importante na vida de todos os povos, oportuno desfraldar a bandeira de uma nova denominação, para os que se dedicam ao estudo da expressão corporal nas suas formas ricas e variadas ou seja o corpo humano em movimento.

5.5. O Prof. Manoel Sergio Cunha Vieira do Instituto Nacional de Educação Física de Portugal, que nos visitou recentemente, propõe que a expressão “Educação Física” seja substituída por QUINANTROPOLOGIA,<sup>20</sup> dando lugar a uma nova ciência e de onde resultaria denominar-se de Quinantropólogo o atual professor de Educação Física. Para discutir o tema, a Associação de Professores de Educação Física de Brasília promoveu um painel, cabendo-nos a insigne honra de ser um dos debatedores.

---

17 CLAPARÈDE, E. – “Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental”. Livraria Francisco Alves – Rio – 1940.

18 MARINHO, I. P. – “Os Jogos – Principais Teorias” – Caderno de Divulgação Cultural – Rio – 1956.

19 JUVENAL – “Satyres” – Societé d’Education “Les Belles Lettres” – Paris – 1951 – versos 453/4: “Orandum est ut sit mens sana in corpore sano?. Fortem posce animum mortis terrore carentem”.

20 “Uma nova ciência do homem – A Quinantropologia” – Separata de “Desportos” – Lisboa.20; “Uma nova ciência do homem – A Quinantropologia” – Separata de “Desportos” – Lisboa.

Em princípio, sugerimos que a denominação, por questão lingüística, fosse abrandada para Cinantropologia, com o que prontamente concordou o seu eminente autor. A discussão desse tema abriu-nos a oportunidade de trazer a público um problema que, de há muito, nos atormentava. Mas as suas proporções e suas conseqüências se nos afiguravam tão gigantescas, que, por diversas vezes, nos perguntamos se valeria a pena incendiar um debate de tais proporções, tão complexo e que envolvia tantos interesses. Por fim, decidimo-nos a, com a feitura deste ensaio, provocar a discussão do assunto.

5.6. Não há dúvida em que a denominação, hoje mundialmente difundida, de professor de Educação Física é inadequada, para traduzir o título que deverá ostentar, ao lado dos psicólogos – que se ocupam da mente do homem – aqueles que estudam gestos, atitudes e movimentos do corpo humano, permitindo-lhe uma expressão corporal tão importante como a expressão verbal. A palavra está para a manifestação do pensamento como o movimento o está para a do corpo. Por esta razão, achamos que Cinesiologia é o termo que faz par com a Psicologia, assim como Cinesiólogo encontra a sua correspondência com Psicólogo. É bem verdade que o “Novo Dicionário da Língua Portuguesa” de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira,<sup>21</sup> não contempla o vocábulo cinesiólogo e nem tão pouco cinesiologia, mas o “Dicionário Ilustrado de Língua Portuguesa”,<sup>22</sup> editado pela Academia Brasileira de Letras, consigna Cinesiologia (Ciência do movimento, em suas relações com a educação, a higiene e a terapêutica), embora não faça referência a Cinesiólogo.

5.7. No atual currículo das escolas de Educação Física existe uma disciplina chamada cinesiologia, cujo conteúdo é, na verdade, de biomecânica. Este vocábulo poderia ser utilizado para designar o estudo da disciplina em tela, passando cinesiologia a ter um sentido mais amplo e envolvente ou seja a contemplar o estudo dos movimentos do corpo humano ou do corpo humano em movimento, em última análise, o estudo dos movimentos do homem ou do homem em movimento.

5.8. Outras denominações poderão ser apresentadas para substituir adequadamente a de professor de Educação Física, como, por exemplo, Cinesiodidata, passando a Educação Física para

---

21 FERREIRA, A. B. H. - “Novo Dicionário da Língua Portuguesa” – Editora Nova Fronteira – Rio de Janeiro – pág. 328.

22 “Novo Dicionário Ilustrado de Língua Portuguesa” – Academia Brasileira de Letras – Bloch Editores – Rio de Janeiro – 1976, Vol. II, pág. 378.



Cinesiodidática. Ambos os termos constituiriam neologismos, com componentes de origem grega:  $\chi\iota\nu\eta\sigma\iota\varsigma$ ,  $\epsilon\omega\varsigma$  (ação de mover ou mover-se, movimento) e  $\delta\iota\delta\alpha\chi\tau\iota\chi\omicron\varsigma$ , (próprio para instruir, didático).

5.9. O Dr. Ruy Gaspar Martins, antigo professor de Cinesiologia da Escola de Educação Física da UFRGS, que é um entusiasta defensor do nosso movimento para a substituição da expressão Professor de Educação Física por um neologismo que melhor exprima a sua formação científica e a sua atividade profissional, sugere, para escolha, um dos seguintes termos: ANTROPOCINEÓLOGO ou ANTROPOCINESIÓLOGO ou CINEANTROPÓLOGO.

5.10. A propósito desta nova cruzada, não seria demais lembrar que os dentistas só conseguiram livrar-se dos “práticos”, que tanto os atormentavam, quando passaram a “odontólogos”, criando especializações bastantes sonoras como ortodontólogo ou pedodontólogo.

5.11. Outras profissões, que também lutavam contra denominações pouco eruditas, buscaram suas saídas, como, por exemplo:

**Calista** – agora quirópodo, de Quiropodia

**Provador de vinhos** – enólogo, de Enologia

**Massagista** – cinesioterapeuta, de Cinesioterapia

**Professor de surdos-mudos** – fonoaudiólogo, de Fonoaudiologia.

5.11. A título de contribuição ao estudo do assunto, a seguir apresentaremos uma lista profissões modernas, que caracterizam o seu conteúdo científico pela terminação “logos”:<sup>23</sup>

Antropólogo	Epidemiólogo	Ictiólogo	Paleontólogo
Arqueólogo	Espeleólogo	Mitólogo	Paleozoólogo
Arqueólogo	Etimólogo	Museólogo	Psicólogo
Bibliólogo	Etnólogo	Musicólogo	Sociólogo
Biólogo	Filólogo	Numerólogo	Taxiólogo

<sup>23</sup> Estão assinalados com um asterisco os termos que não constam do “Novo Dicionário Aurélio”, de autoria do Prof. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira – Editora Nova Fronteira - Rio de Janeiro, 1ª ed.

Craniólogo	Fonoaudiólogo*	Nutrólogo	Taxólogo
Ecólogo*	Gastrólogo	Oceanólogo	Teatrólogo
Egiptólogo	Geólogo	Onirólogo	Teólogo
Enólogo	Hipólogo	Palenatrólogo	Xilólogo
Entomólogo	Iconólogo	Pelaólogo	Zoólogo

## 6. Caminho para criar um órgão oficial representativo da classe

6.1. Por diversas vezes, desde 1946, quando o autor deste trabalho fez a primeira tentativa, repetida mais tarde pelo saudoso Prof. Manoel Monteiro Soares, procuraram os Professores de Educação Física criar a sua "Ordem" ou "Conselho" ou pelo menos o seu "Sindicato", sem lograr êxito, pois a "Consolidação das Leis do Trabalho" não autoriza órgãos de classe adjetivos. Não seria possível ter um Sindicato de Professores de Educação Física, como também, impossível seria formar um Sindicato de Professores de Geografia ou de Geometria. A profissão era adjetiva e não substantiva.

6.2. Os professores de Educação Física só poderão ter a sua "Ordem" ou "Conselho Federal", que discipline e defenda os seus interesses profissionais, quando se tornarem uma profissão substantiva, como, por exemplo, ocorreu com os Biólogos, que criaram o seu Conselho Federal de Biologia, como nos informa a notícia abaixo:<sup>24</sup>

### **Biólogos elegem Conselho Regional**

Em eleição que começa às 10 e termina às 20h, mais de três mil biólogos e professores de Biologia do Rio escolhem hoje os dez integrantes do Conselho Regional de Biologia, em fase final de criação. Os nomes escolhidos serão encaminhados ao Ministro do Trabalho e ao Conselho Federal de Biologia.

Poderá votar quem apresentar qualquer documento que comprove o exercício da profissão de biólogo. As urnas estão na UFRJ, Uerj, Universidade Santa Ursula, Universidade Rural, Museu Nacional, Jardim Botânico, Feema, Sudepe, Cedae, Fiocruz, Sindicato dos Professores e IBGE. A comissão coordenadora da votação é presidida pelo professor Ricardo Monteuro, da UERGS.

24 "O GLOBO" – Rio – 12.12.1983.

6.3. Também os Fonoaudiólogos já possuem o seu Conselho Federal, segundo afirma este aviso:<sup>25</sup>

**COMUNICADO**

OS FONOAUDIÓLOGOS DO DF comemoraram sexta-feira, dia 09/12/83, o dia do FONOAUDIÓLOGO, profissão regulamentada nesta data do ano em 1981 e que já conta com seu Conselho Federal e várias Associações de classe em todo o país. Parabéns à Diretoria da AFBF que tanto tem feito na divulgação desta tão nobre profissão à nossa população.

6.4. Antes de formularmos as nossas sugestões, para encontrar o caminho que possibilite criar um órgão oficial representativo da classe (atuais Professores de Educação Física), indispensável se torna conhecer a Portaria Ministerial nº 3.654, de 29.11.77, do Ministério do Trabalho, publica no Diário Oficial da União de 30.11.77, que aprovou a "Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)", bem como a Portaria Ministerial nº 13, de 16.06.78, que "divulga, para utilização gradativa a partir de 1º de julho de 1978, a estrutura agregada da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)".

6.5. No item 4, referente às características ocupacionais dos grandes grupos, diz a última P. M. acima indicada:

*Seguem-se alguns comentários sobre as características ocupacionais básicas dos grandes grupos, tendo em vista facilitar a utilização do documento, que em relação à localização de categorias ocupacionais já definidas, quer em relação à inclusão de novas.*

4.1. – Grande grupo 0/1 – Trabalhadores de profissões científicas, técnicas, artísticas e trabalhadores assemelhados.

*Neste grande grupo classificam-se, principalmente, os trabalhadores que possuem formação de nível superior e desempenham atribuições de caráter intelectual nos domínios da física, da química, da engenharia, da medicina, biologia e farmacologia, da economia, do direito, do ensino, da assistência social, da psicologia, da sociologia e de outros campos de investigação científica e sua aplicação. Estão incluídos também os técnicos que, geralmente sob supervisão de profissionais de formação superior, desempenham tarefas análogas, porém de amplitude e responsabilidades menores. Este grande grupo reúne ainda trabalhadores relacionados com o desenho, a criação artística, as comunicações, os esportes profissionais e outros cujas funções apresentam estreita vinculação com as ocupações já mencionadas.*

25 "Correio Brasiliense" – Brasília – 10.12.1983.



*Buscou-se classificar os trabalhadores não apenas por suas características ocupacionais básicas, mas também de acordo com outros fatores significativos, notadamente a atividade, especialização e ramo científico. É o caso de engenheiros, técnicos, médicos, professores, desenhistas, entre outros. Embora esse tipo de correlação interesse apenas a parcelas de usuários de CBO, exprime com mais propriedade, os diferentes contextos ocupacionais.*

6.6. Na “Classificação Brasileira de Ocupações”, encontramos:

1.39. Professores de ensino superior não classificados sob outra epígrafe:

1.39.15 – Diretor de estabelecimento de ensino superior

1.39.20 – Professor de topografia (ensino superior)

1.39.30 – Professor de geologia geral (ensino superior)

1.39.35 – Professor de meteorologia (ensino superior)

1.39.40 – Professor de astronomia (ensino superior)

1.39.50 – Professor de engenharia rural (ensino superior)

1.39.60 – Professor de pesquisa operacional (ensino superior)

1.39.65 – Professor de fundamentos específicos da comunicação (ensino superior)

1.39.70 – Professor de ensino de plástica (ensino superior)

1.39.80 – Professor de metodologia da educação física e dos esportes ( ensino superior)

1.39.90 – Outros professores de ensino superior não classificados sob outras epígrafes.

1.41. Professores de ensino de segundo grau

1.41.15 – Professor de Língua portuguesa e literatura brasileira (ensino de 2º grau)

1.41.20 – Professor de Línguas estrangeiras modernas (ensino de 2º grau)

1.41.25 – Professor de geografia (ensino de 2º grau)

1.41.30 – Professor de história (ensino de 2º grau)

1.41.35 – Professor de organização social e política do Brasil (ensino de 2º grau)

1.41.40 – Professor de psicologia (ensino de 2º grau)

1.41.45 – Professor de matemática (ensino de 2º grau)

1.41.50 – Professor de física (ensino de 2º grau)

1.41.55 – Professor de química (ensino de 2º grau)

1.41.60 – Professor de biologia (ensino de 2º grau)

1.41.65 – Professor de disciplinas pedagógicas (ensino de 2º grau)

1.41.70 – Professor de técnicas industriais (2º grau)

1.41.75 – Professor de técnicas comerciais (2º grau)

1.41.80 – Professor de técnicas agrícolas (ensino 2º grau)

1.41.85 – Professor de técnicas enfermagens (2º grau)

1.41.90 – Outros professor de ensino de 2º grau.

1.42 – Professores de ensino de primeiro grau

1.42.20 – Professor de 1ª a 4ª série (ensino de 1º grau)

1.42.30 – Professor de comunicação e expressão em língua portuguesa (ensino de 1º grau)

1.42.40 – Professor de matemática (ensino de 1º grau)

1.42.50 – Professor de ciências naturais (ensino de 1º grau)

1.42.60 – Professor de estudos sociais (ensino de 1º grau)

1.42.90 – Outros professores de ensino de primeiro grau.

6.7. Como acabamos de verificar, entre os professores de ensino de segundo e primeiro graus não figura o Professor de Educação Física.

6.8. Se a classe escolher um substantivo para defini-la seja Cinantropólogo, Cinesiólogo, Antropocinesiólogo, ou qualquer outra denominação – teria de ser elaborado um projeto de lei, instituindo, oficializando e regulamentando a nova profissão, que deverá ser incluída no Grande Grupo 0/1 da “Classificação Brasileira de Ocupações - CBO”. Cumpridas estas etapas, estaria aberto o caminho para a criação do Conselho Federal dos Cinantropólogos ou Antropocinesiólogos ou algo semelhante, que teria a seu cargo disciplinar o cumprimento dos direitos e deveres inerentes ao exercício da profissão recém criada, com Secções Estaduais, tal como ocorre em outras profissões.

6.9. Aqui ficam as nossas sugestões práticas e objetivas, para tornar realidade um sonho de muitas décadas, alimentado pelos nossos atuais Professores de Educação Física.

## 7. Sugestões para a reestruturação da base curricular dos cursos para a formação dos futuros professores de Educação Física com a sua nova denominação

7.1. O currículo para a formação dos futuros cinantropólogos ou cinesiólogos, ou cinesiodidatas, ou qualquer que seja a nova denominação que lhes venha a ser atribuída, deverá estar representada pela integração de três partes, que constituirão um todo: embasamento científico, aprimoramento técnico e formação didática.

7.2. O embasamento científico representa o  $\lambda\sigma\gamma\omicron\varsigma$ , que dará ao novo profissional o domínio das ciências, permitindo-lhe conhecer o porque de todas as coisas.

7.3. A  $\tau\epsilon\chi\nu\eta$  o habilitará a fazer, a executar, desenvolvendo-lhe a arte da expressão corporal, seja na atividade gímnica em si, seja na desportiva ou ainda na dança.

7.4. Finalmente a  $\delta\iota\delta\alpha\chi\tau\iota\chi\eta$  vai dotá-lo dos recursos que lhe permitirão ensinar, ou seja dominar a didática, tornando-o  $\delta\iota\delta\alpha\chi\tau\iota\chi\acute{o}\varsigma$ .

7.5. – A formação do novo profissional resultará, assim, da conjugação dos três seguintes fatores:  $\lambda\acute{o}\gamma\omicron\varsigma\varsigma + \tau\epsilon\chi\nu\eta + \delta\iota\delta\alpha\chi\tau\iota\chi\eta$ .

## 8. Conclusões

8.1. O professor de Educação Física carrega uma pesada cruz, que é a sua própria denominação, socialmente pejorativa e profissionalmente estigmatizada.

8.2. Na Grécia Antiga, o que hoje chamamos de Educação Física era conhecido por ginástica e o mestre que ministrava tinha o nome de  $\gamma\upsilon\mu\nu\alpha\sigma\tau\eta\varsigma$ , sem o equivalente em português.

8.3. Na sua evolução histórica, a ginástica passa por três conceitos, que definem o seu conteúdo: grego clássico, neo-clássico e pós-renascentista.

8.4. A expressão “EDUCAÇÃO FÍSICA”, com o sentido que dela hoje temos, surge na Inglaterra, com Locke (1632-1704), e é reafirmada por Spencer (1820-1903). Na França, ela só aparece em 1921 e no Brasil se torna corrente a partir do célebre parecer de Rui Barbosa, em 1882, embora já em 1823 a Assembléia Constituinte a tivesse mencionado em um dos seus projetos.

8.5. Na legislação educacional brasileira, de natureza federal, a expressão “EDUCAÇÃO FÍSICA” é mencionada no art. 9º do Decreto nº 19.890, conhecido como Reforma Francisco Campos, embora, em 1905, o deputado Jorge de Moraes já tivesse apresentado na Câmara dos Deputados um projeto para a criação de duas escolas de Educação Física, sendo uma civil e outra militar.

8.6. Pelo Decreto-Lei nº 1.212, de 17.04.39, foi criada, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, cujo art. 32 previa a concessão de diploma de licenciado em Educação Física aos que concluíssem o Curso Superior de Educação Física. Esse diploma, uma vez registrado na Divisão de Educação Física do Ministério da Educação, concedia aos seus portadores o título de todas as prerrogativas do Professor de Educação Física.



8.7. Enquanto os cursos de Psicologia das Faculdades de Filosofia preparavam os psicólogos, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos e suas congêneres estaduais formavam professores de Educação Física. Aquela se relacionava com o “*mens sana*” de Juvenal e esta com o “*corpore sano*”.

8.8. Parece-nos, agora que os esportes se tornaram o fenômeno social mais importante da vida de todos os povos, oportuno desfraldar a bandeira de uma nova denominação, para os que se dedicam ao estudo da expressão corporal nas suas formas ricas e variadas ou seja o corpo humano em movimento.

8.9. O Prof. Manoel Sergio Cunha Vieira, do Instituto Nacional de Educação Física de Portugal, propõe que a expressão “Educação Física” seja substituída por quinantropologia, dando lugar a uma nova ciência e de onde resultaria denominar-se QUINANTROPÓLOGO o atual professor de Educação Física. Nós lhe sugerimos, e ele aceitou, que, por questão lingüística, se fizesse o abrandamento do vocábulo para Cinantropologia e Cinantropólogo, respectivamente.

8.10. Não há dúvida em que a denominação, hoje mundialmente difundida, de professor de Educação Física é inadequada, para traduzir o título que deverão ostentar – ao lado dos psicólogos, que se ocupam da mente do homem – aqueles que estudam gestos, atitudes e movimentos do corpo humano, permitindo-lhes uma expressão corporal tão importante como a expressão verbal. A palavra está para a manifestação do pensamento como movimento o está para a do corpo.

8.11. Pela razão acima exposta, achamos que CINESIOLOGIA é o termo que faz par com a Psicologia, assim como CINESIÓLOGO encontra correspondência com PSICÓLOGO. Se a Psicologia se dedica ao estudo dos fenômenos psíquicos, a CINESIOLOGIA tem por objetivo o estudo dos fenômenos do corpo em movimento.

8.12. Outras denominações poderão ser apresentadas para substituir adequadamente a de professor de Educação Física, como por exemplo, CINESIODIDATA, passando a Educação Física a chamar-se CINESIODIDÁTICA.

8.13. A nossa preferência é substituir a EDUCAÇÃO FÍSICA por CINESIOLOGIA e professor de Educação Física por CINESIÓLOGO, pelas razões que foram expostas e devidamente justificadas.

8.14. A “ORDEM” ou “CONSELHO FEDERAL”, órgãos há várias décadas sonhados pelos Professores de Educação Física, só se

poderá tornar realidade quando estes deixarem de representar uma profissão adjetivada e passarem a integrar uma profissão substantiva, como por exemplo Cinantropólogos ou Cinesiólogos ou Antropocinesiólogos ou algo semelhante. Para isso, o primeiro passo estaria na elaboração e apresentação de um Projeto de Lei, instituindo, oficializando e regulamentando a novel profissão.

8.15. O currículo para a formação dos futuros CINANTROPÓLOGOS ou CINESIÓLOGOS ou CINESIODIDATAS, ou qualquer que seja a nova denominação que lhes venha a ser atribuída, deverá estar representada pela integração de três partes, que constituirão o todo: embasamento científico, aprimoramento técnico e formação didática. Em conseqüência, a formação do novo profissional resultará da conjugação dos três seguintes fatores:  $\lambda \omicron \gamma \omicron \varsigma$  + τέχνη + διδασκαλική.

## Bibliografia \*

- BAILLY, A. - "Dictionnaire Grec Français" – Librairie Hachette-Paris – 1950 (1).  
 CLAPARÈDE, E. – "Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental". Livraria Francisco Alves – Rio – 1940 (16).  
 FERREIRA, A. B. H. – "Novo Dicionário de Língua Portuguesa" – Editora Nova Fronteira – Rio – 1ª edição (2 e 20).  
 JUVENAL – "Satyres" – Societé d'Education "Les Belles Lettres" – Paris – 1951 (8 e 18).  
 LOCKE, J. - "Some Thoughts concerning Education" – London – 1693 (7).  
 "Manuel d'Exercices Physiques et de Jeux Scolaires" – Ministère de l'Instruction Publique – Librairie Hachette – Paris (10).  
 MARINHO, I. P. "Os clássicos e a Educação Física" – I. P. Marinho – Cia. Brasil Editora – São Paulo – 1945 (3).  
 "História Geral da Educação Física" – Cia. Brasil Editora – São Paulo – 1980 – (6).  
 "Rui Barbosa – Paladino da Educação Física no Brasil" – Horizonte Editora Brasília – 1980 – 2ª edição (12).  
 "História da Educação Física e dos Desportos no Brasil" – Ministério da Educação e Cultura – Rio de Janeiro – 4 volumes - 1952/56 (14 e 15).  
 "Os Jogos – Principais Teorias" – Cadernos de Divulgação Cultural – Rio – 1956 (17).  
 "Novo Dicionário Ilustrado de Língua Portuguesa" – Academia Brasileira de Letras – Bloch Editores – Rio de Janeiro – 1976 (21).  
 PRIMITIVO, M. – "A Instrução e o Império" – Cia. Editora Nacional – SP (13).  
 "Règlement Général d'Education Physique" – Ministère de La Guerre – Charles La Vaouzelle & Cie. – Editeurs militaires (11).

---

\* Na presente bibliografia, figuraram apenas as obras indicadas nos rodapés. Para facilitar qualquer remissão, após a referência, encontram-se, entre parênteses, os números das chamadas que lhes são pertinentes.

SPENCER, H. –“Education Intellectual, Moral e Physical” – London – 1861 (9).

VIEIRA, M. S. C. –“Uma nova ciência do homem – A Quinantropologia” – Separata de Desportos – Lisboa (19).

YALOURIS, N. – “The Olympic Games” – Ekdotike Athenon S/A – Athens – 1976 (4 e 5).



# Escólios axiológicos à problemática jurídica do lazer

## – o lazer como importante fator na “Qualidade de Vida” do trabalhador<sup>1</sup>

### 1 Raízes do lazer

#### 1.1. Etimológica

Lazer deriva do latim *licere*, que significa ser lícito, ser permitido. A forma arcaica era *lezer*, que originou outros derivados como *lezeira*, ex: Eu hoje estou com *lezeira*, significando preguiça, pouca vontade de trabalhar.<sup>2</sup>

O mesmo verbo *licere* (to be permitted) originou em inglês a palavra *leisure*<sup>3</sup> e, em francês, *loisir*,<sup>4</sup> significando o tempo que fica disponível depois das ocupações usuais<sup>5</sup>, ambas de uso corrente. É interessante assinalar que em espanhol não encontramos o termo *lazer*, mas tão somente *ócio*, o que também ocorre em italiano (*ozio*, *ozio*cidade).

Parece-nos importante estabelecer a diferença entre *lazer* e *ócio*, também de origem latina (*otium*), significa, a rigor, retirado do *negotium* (*negotium*). Assim, o *otium* e *negotium* são opostos. Entre os romanos, quando alguém se retirava da vida pública tinha direito ao *otiumcum dignitate*, equivalente à nossa aposentadoria. Poderemos

- 
- 1 Tese apresentada à 7ª Conferência Estadual dos Advogados de Santa Catarina, realizada em Criciúma, de 9 a 12 de agosto de 1984, enquadrada no tema “O Direito e a Qualidade de Vida”. Aprovada por unanimidade e premiada pela Comissão Julgadora da VII Conferência Estadual dos Advogados.
  - 2 Machado, J.P. - “Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa” - Editorial Confluência Ltda. Lisboa – 1969 - 2ª, Edição - Vol. II - Pág. 1390.
  - 3 “Webster’s Third New International Dictionary of the English Language Unabridged with Seven Language Dictionary”- Encyclopaedia Britannica, In.- Copyright- 1976 - by G. & C. Merriam Co.- Chicago, London, Toronto, Geneva, Sydney, Tokio, Manila- Vol. II - pág.1292.
  - 4 V. “Dictionnaire de la Langue Française”- Gallimardi Hachette - Paris 1964- Tome 4 - pag. 1699 -“Etat dans lequel il est permis de faire ce qu’ on veut”. V. também “Larousse du XX Siècle”- Librairie Larousse- Paris - 1931-Vol.4.
  - 5 É curioso assinalar que esse é exatamente o sentido que os romanos emprestavam ao verbo *licere* (“Grande Dicionário Francês- Português”, de Domingos de Azevedo- Lisboa- 4ª. Edição).

distinguir lazer de ócio, dizendo que aquele é o tempo liberado de quem trabalha. Assim, o trabalhador desempregado não tem horas de lazer, mas de ócio e isto porque o lazer é próprio somente daquele que trabalha.

Os gregos não conheceram o lazer como hoje entendemos, mas tão somente o ócio, que na língua grega corresponde a *σχολη*.

Para concluir este bosquejo etimológico, o que nos impressionou em nossas pesquisas foi o fato dos dicionários modernos de latim não mais incluírem o verbo *licére*, dentre os quais o importante "Dictionnaire Illustré Latin-Français", de autoria de Félix Gaffiot.<sup>6</sup>

### 1.2. Histórica

Segundo Santo Agostinho, Adão, no Jardim de Éden, não se mostrava ocioso, pois entregava-se à agradável ocupação da agricultura, oportunidade oferecida pela exuberante natureza em que vivia.<sup>7</sup>

No mundo contemporâneo, o lazer só começou a existir quando a jornada de trabalho foi, pouco a pouco, diminuindo e a sua duração passou de 15 para 14, para 12 e depois para 10 horas. A este respeito, escreve Bertrand Russel:

*Na Inglaterra, logo no princípio do século XIX, quinze horas era o dia comum de trabalho para o homem. Algumas vezes as crianças trabalhavam outro tanto, mas ordinariamente, doze horas era o seu dia de trabalho.*<sup>8</sup>

Os trabalhadores das minas de carvão da Inglaterra, na última década do século XIX, reivindicavam a jornada de trabalho de oito horas e a fixação de salário mínimo, entoando uma canção, cujos versos diziam:

*Eight hours to work,  
Eight hours to play,  
Eight hours to sleep,  
Eight shillings a day*

6 Gaffiot, F. "Dictionnaire Illustré Latim - Français"- Librairie Hachette Paris – 1934 - V. também "Dicionário Português Latino, por Francisco Torrinha- Editorial Domingos Barreira- Porto – 1939 - 2ª.edição.

7 Augustine - "The Confessions"- "The City of God"- "On Christian Doctrine"- Britannica Great Books - Chicago/London/Toronto"-1952- Vol.18.

8 Russel, B. "O Elogio do Lazer"- Cia. Editora Nacional - São Paulo- 1959

Deve-se observar que, já no século VI, os monges beneditinos, no mundo que haviam criado e disciplinado, passavam oito horas dormindo, oito horas rezando e as outras oito em trabalhos braçais, principalmente na agricultura.

Com o estabelecimento, no mundo moderno, da jornada de trabalho de oito horas, a instituição do repouso semanal remunerado, a criação da chamada “semana inglesa” (meia jornada aos sábados) a garantia de férias anuais, o lazer surge como fenômeno mundial, constituindo problema não apenas individual, mas social, e do mais relevante interesse direto para o Estado. Afirma Toynbee:

*“O crescente progresso tecnológico tem gerado cada vez mais tempo de lazer compulsório. Para o homem da era industrial, a faculdade de ocupar essas horas de lazer é atrofiada, e a vida coletiva comunitária se desintegrou”.<sup>9</sup>*

Em 1920, realizou-se em Hamburgo um congresso mundial para aproveitamento das horas livres, quando a recreação foi considerada tão importante quanto o trabalho e a educação. E as décadas que seguiram a 1920 caracterizam-se pelo cuidado dos psicólogos em considerar e explicar o jogo como um dos mais importantes fenômenos da Psicologia. Para Claparède,<sup>10</sup> não existe entre jogo e o trabalho uma fronteira absoluta, conforme demonstra a curva a seguir:



Evolução do jogo ao trabalho. A linha mais grossa figura o curto circuito escolar, atalho pelo qual o menino é bruscamente conduzido do domínio do jogo inferior ao do trabalho forçado.

9 Toynbee, A. - "A Sociedade do Futuro" - Zahar Editores- Rio de Janeiro - 1976 - pág. 105.

10 Claparède, E. - "Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental" - Livraria Francisco Alves - Rio de Janeiro- 1940-2ª.Ed. - pág. 401/424



E o grande historiador Toynbee, assim pinta o quadro psicológico da monotonia do trabalho nas fábricas modernas:

*Além do mais, a minoria da raça humana que tornou-se rica, comprou a sua riqueza a um alto preço em termos da perda de sua liberdade e alegria. O caçador do paleolítico, era muito mais livre do que o camponês do neolítico, mas este ainda encontrava prazer em seu trabalho, amando as colheitas e os animais domésticos. O artesão, que trabalhava exclusivamente com suas mãos e não à máquina, também encontrava prazer em seu trabalho e orgulhava-se por apresentá-lo bem feito. Mas o atual trabalhador de uma fábrica ou de um escritório é muito menos livre do que seus antecessores, o artesão e o camponês, e o seu trabalho monótono. Ele não vive para seu trabalho, mas para o dinheiro que este lhe proporciona e para a recreação. Essa palavra tem muito significado. O termo recreação sugere que o trabalho não realiza o homem, que o torna subumano ou desumano que, conseqüentemente, ele tem de despende um tempo fora de seu trabalho para tornar-se humano de novo.<sup>11</sup>*

Lazer é hoje um termo impregnado de sentido sociológico porque, como diz Toynbee, na sociedade do futuro ele desempenhará um papel preponderante.

O conceito de lazer superpôs-se ao conceito de recreação, (do inglês "recreation") tão difundido nos Estados Unidos nas últimas décadas do século passado e na primeira metade deste. E isto ocorre não apenas nos Estados Unidos, como também em nosso país, onde, a partir da década de 60, a idéia de lazer vai absorvendo o conteúdo da recreação.<sup>12</sup>

O primeiro trabalho publicado em nosso país, cujo título utiliza a palavra lazer, é de autoria do Prof. Acacio Ferreira: "O lazer Operário".<sup>13</sup> Em 1979, o autor desta tese publicou "Raízes Etimológica, Histórica e Jurídica do Lazer",<sup>14</sup> cujas idéias básicas passam a ser desenvolvidas neste trabalho.

O antigo Serviço de Recreação Operária do Ministério do Trabalho, depois transformado em Serviço de Recreação e Assistência

11 Toynbee, A. *Ob. cit.* pág. 44.

12 O próprio autor teve ensejo de publicar algumas obras subordinadas ao título Recreação, destacando-se:

- "Manual de Recreação Operária" (Em colaboração com A. Sussekind O. Goes) – Rio de Janeiro – 1952- 60 pág.

- "Cursos de Fundamentos e Técnicas da Recreação" – Rio de Janeiro – 1955 (Em colaboração com diversos) 240 pág.

- "Curso de Psico-Pedagogia Hedonista"- Rio de Janeiro – 1956, 180 pág.

- "Educação Física, Recreação e Jogos" - Rio de Janeiro – 1957– 232 pág.

13 Ferreira, A – "O lazer Operário" Coleção Estudos Sociais - Livraria Progresso Editora - Salvador – 1959.

14 Marinho, I. P - "Raízes Etimológica Histórica e Jurídica de Lazer" Brasília – 1979.

Cultural e entregue a direção do Dr. Arnaldo Sussekind, mais tarde Ministério do Trabalho, também constitui uma etapa que não pode ser esquecida nesta síntese histórica.

### *1.3 Jurídica*

Na escravidão primitiva, entre os povos orientais e mesmo entre gregos, os escravos não tinham momentos de folga, trabalhando incessantemente. Os romanos, ao fim da República, com a influência recebida do estoicismo grego, que se opunha à escravidão admitida por Platão e Aristóteles, e depois por força do Cristianismo, durante o Império, adotaram várias medidas protecionistas, dentre as quais a mais importante foi a Lei Petrônica, que proibiu aos senhores destinar seus escravos para as lutas com as feras, nos circos, salvo quando o fizessem como penalidade e com autorização do magistrado. Antonio Pio estabeleceu que o senhor que tirasse a vida ao próprio escravo seria considerado homicida; Claudio retirou ao senhor o direito de propriedade sobre o escravo, que o abandonasse velho e doente; Justiniano conferiu a cidadania ao escravo doente, abandonado por seu senhor. O instituto da manumissão (*manumissio*) regulamentou o processo de obtenção de liberdade pelo escravo. Os romanos racionalizaram o trabalho dos escravos, procurando preservá-los e valorizá-los, facultando-lhes o desenvolvimento das habilidades de que, por ventura, fossem dotados. Para isso, permitiram-lhes que, após suas tarefas habituais ou trabalhos específicos, dispusessem de um tempo liberado, para cuidarem de si próprios, para zelarem por suas coisas, para cultivarem suas artes e dons. Estas eram as horas de lazer (*licére*), isto é, as horas disponíveis para as atividades voluntárias, que nada tinham a ver com a jornada de trabalho a que o escravo estava obrigado ou a atividade que lhe era própria. Este direito ao lazer tornou-se consuetudinário, principalmente entre os gladiadores. Assim, entre os romanos, o lazer (*licére*) passou a ser o tempo de que o escravo dispunha livremente para as suas atividades voluntárias.

## 2. Componentes axiológicos do direito ao lazer

### *2.1 Tempo liberado*

Como ponto de partida, distinguimos o tempo livre do tempo liberado, coincidindo neste aspecto com Dumazedier<sup>15</sup>. Para nós, o

---

15 V. J Dumazedier- "Questionamento Teórico do Lazer"- CELAR- Pontifícia Universidade Católica do RS - Porto Alegre – 1975 - pág. 19.

tempo livre é todo aquele que corresponde ao não trabalho, enquanto o tempo liberado é aquele especificamente reservado para que o trabalhador compense o trabalho alienado, automatizado, predeterminado, industrialmente programado, com a atividade de sua livre escolha, capaz de satisfazer às suas imperiosas necessidades bio-psico-sociais, com a qual estimula a sua criatividade e o seu pensamento heurístico,<sup>16</sup> evitando a sua robotização. O desempregado, por exemplo, tem todo o seu tempo livre, da mesma forma que o aposentado, mas somente o trabalhador, na plenitude de sua atividade, poderá dispor de tempo liberado.

Da jornada de trabalho remunerado, a última hora deverá ser liberada para o lazer, oferecendo-se ao trabalhador um leque de oportunidades e de atividades, nas quais buscará a satisfação da sua necessidade de prazer.

## 2.2. Prazer

Hedonismo é o sistema filosófico que tem como fundamento o prazer ( $\eta\sigma\omicron\nu\nu\eta$ ) e encontra as suas raízes na teoria platônica da felicidade, expressa pela conciliação do prazer e da ciência e exposta na obra "Filebo ou do Prazer".<sup>17</sup> Aristóteles, em "Moral para Nicômaco",<sup>18</sup> mais precisamente nos livros sétimo e décimo, estuda a natureza do prazer, as diferentes teorias que o explicam e afirma que todo animal foge da dor e busca o prazer. No livro décimo expõe a sua teoria do prazer pela qual sustenta que o prazer completa e aperfeiçoa o ato. O hedonismo encontra a sua maior expressão com Epicuro:<sup>19</sup>

*Os animais são os espelhos fiéis da natureza e todos os seus movimentos tendem a conservar o prazer, quando se apresenta; se uma dor aparece, eles se movimentam rapidamente para fugir dela.*

O Hedonismo serviu entre os romanos para justificar sua vida de dissipações e prazeres, o que desacreditou irremediavelmente esse sistema filosófico, ainda que se levantassem contra isso algumas vozes.

16 V. "Contribuição da Metodologia Científica para o Pensamento Heurístico", Inezil Penna Marinho - Brasília- 1980.

17 Platon - "Philèbe ou Du Paisir" in "Oeuvres Complètes"- Librairie Garnier Frères - Paris - Tome V- pag. 295/417.

18 Aristóteles - "Moral a Nicômaco" in "Obras Completas" Ediciones Anaconda - Buenos Aires - 1947- Tomo I- pág. 27/389.

19 Cresson, A.- "Epicure - Sa vie, son oeuvre"- Presses Universitaires de France - Paris - 1947.- Farrington, B.- "A Doutrina de Epicuro"- Zahar Editores - Rio de Janeiro - 1968.



Sêneca (4-65) foi o grande defensor de Epicuro, combatendo tenazmente àqueles que exploravam a sua doutrina filosófica para entregar-se a banquetes e excessos sexuais. Na sua obra “Da vida bem aventurada”, escreve textualmente:

*Não é impelidos por Epicuro que se entregam ao gozo licencioso; ao contrário, entregues ao vício escondem sua luxúria no regaço da filosofia e concorrem à cátedra onde escutam o panegírico do prazer. Nem sequer a quilatam quão sóbria e austera é e assim de boa fé o sinto eu, pelo menos aquela voluptuosidade preconizada por Epicuro, a cujo só nome acodem em busca duma autorização e um véu para suas sensualidades.*

*Eu tenho a convicção e direi, a despeito dos meus companheiros de escola, que Epicuro dava preceitos retos e honestos e se olharmos mais de perto, austeros, pois esse prazer se reduz a algo muito pequeno e tênue e a lei que o aponta ao deleite é a mesma que nós consignamos à virtude: sua obediência à Natureza.*

*Não direi eu, pois, como a maioria dos nossos que a seita de Epicuro seja má, que induza ao vício, se não que tem má reputação, que é difamada, sem merecê-lo.*

Durante a Idade Média, o Hedonismo desapareceu sufocado pelas doutrinas ascéticas, ressurgindo durante o Renascimento. Manifestou-se em numerosas correntes modernas, havendo sido adotado por quase todas as direções do materialismo francês do século XVII, assim como por grande parte do utilitarismo inglês. Deu origem, ainda, à doutrina psicológica, segundo a qual todos os atos do homem estão motivados pelo desejo do prazer, e a aversão ao desprazer e à dor. A criança, como qualquer animal, foge da dor e busca o prazer. E repetimos com Freud: “O curso dos processos anímicos é automaticamente regulado pelo princípio do prazer”.

Não se poderá negar que a Pedagogia, na renovação de seus valores filosóficos, sofreu grande influência do Hedonismo, ao defender para a criança uma vida mais feliz, com menos coisas desagradáveis, ao advogar que ela não deve fazer o que quer e sim querer o que faz.

Concluindo, há uma diferença fundamental entre as teorias hedonistas antigas e modernas. Aquelas só olhavam o prazer do indivíduo, enquanto que estas, como as de Hume, Bentham e Mill, se baseiam numa concepção mais ampla de prazer e felicidade. Em primeiro lugar, está o prazer ou o bem estar da comunidade. O Hedonismo Moderno recebe a denominação de utilitarismo, porque deixa de fazer parte de uma Ética individual ou egoísta para se integrar numa Ética Social – “A maior felicidade para o maior número.”

Dentro da Psicologia, a Escola Hedonista defende o princípio de que a ação voluntária e o desejo são determinados pelo prazer e não

que o prazer dependa do resultado da vontade espontânea. Este também é um ponto de vista de Freud, quando afirma: “Na teoria psicanalítica, supomos que o curso dos processos anímicos é regulado automaticamente pelo princípio do prazer”.<sup>20</sup>

Marcuse, em sua obra “Eros e a Civilização – Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud”,<sup>21</sup> estuda o antagonismo entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, exposto por Freud, dedicando-lhe capital importância.

Para um estudo mais detalhado sobre a filosofia do prazer, poderá ser consultado o trabalho que este autor publicou sobre o Hedonismo.<sup>22</sup>

### 2.3. Atividade

Podemos afirmar, sem exagero ou receio de equívoco, que não existe uma entidade a que se possa chamar o prazer, mas apenas propriedades sensíveis ou intelectíveis, que provocam uma reação de ordem afetiva. Prazer, na linguagem corrente, tem um sentido amplo, que dá margem à livre interpretação individual, mas, do ponto de vista científico, é um termo com significado impreciso ou, quando se lhe quer dar uma significação concreta, necessário se torna restringi-lo ou precisá-lo.

Segundo a escola hedonista, que adotamos, e ainda com o respaldo de Freud, “o curso dos processos anímicos é regulado automaticamente pelo princípio do prazer”. Assim, a necessidade de prazer, que, segundo Aristóteles, completa e aperfeiçoa o ato, impele o indivíduo a buscar a atividade, seja de que natureza for, por intermédio da qual satisfaz à sua necessidade de prazer. A diferença entre a escola clássica e a escola hedonista, na eleição da atividade, poderá ser assim representada:

Escola clássica: Sujeito → interesse → atividade → prazer

Escola hedonista: Sujeito → prazer → interesse → atividade

De um ponto de vista prático, para facilitar a organização de atividades, que podem ser oferecidas ao trabalhador, sugerimos a seguinte esquematização:

20 Freud, S. – “Más allá del Principio del Placer” – in “Obras completas”- Editorial Biblioteca Nueva – Madrid – 1948 – Vol I – pag. 111/1139.

21 Marcuse, H. - “Eros e a Civilização – Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud” – Zahar Editores – Rio de Janeiro – 1968.

22 Marinho, I, P. – “O Hedonismo – de Platão e Aristóteles a Freud e Marcuse” – Brasília – 1971.

ATIVIDADES	Físicas	jogos motores desportos
	Intelectuais	leitura jogos de salão e passatempos xadrez <sup>23</sup> cursos <sup>24</sup>
	Artísticas	música teatro dança desenho e pintura cinema
	Sociais	reuniões (bate-papo ou festas) clubes excursões acampamentos

Para melhor apreciação desse item, recomendamos a obra do autor "Curso de Fundamentos e Técnica da Recreação".<sup>25</sup>

### 3. Subsídios para a codificação do direito ao lazer

#### 3.1. Direito ao trabalho

Segundo a tradição bíblica, o trabalho apresenta-se, nas suas mais remotas origens, como maldição divina. Quando Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, assim lhes disse o Senhor, dirigindo-se a Adão: "Tu comerás o teu pão no suor de teu rosto" (Gênese, III, 19).

O trabalho, como símbolo da maldição divina, atravessou séculos, sendo reservado aos párias, aos escravos, aos servos, aos vencidos, aos subjugados, aos condenados. O trabalho era uma consequência da derrota e a ociosidade o prêmio da vitória. Os pedagogos, por exemplo, eram recrutados nos mercados de escravos, onde se encontravam filósofos e artistas, oriundos das colônias que orlavam o mar Egeu, destruídas pelas armas dos conquistadores e seu preço era bem mais alto que o alcançado na venda dos trabalhadores braçais, por mais robustos que fossem.

23 O xadrez é indicado, por excelência, para desenvolver o pensamento heurístico.

24 Os cursos deverão ser eventuais, quando houver interesse manifesto, e nunca terão caráter compulsório.

25 Marinho, I. P. - "Curso de Fundamentos e Técnica da Recreação" – Baptista de Souza & Cia. Editores – Rio – 1955.



Somente no Renascimento, com os idealistas, o trabalho foi investido de dignidade. Leon Battista Alberdi (1404-1600), Marsílio Ficino (1433-99), Tommaso Campanella (1568-1639), Giordano Bruno (1548-1600) figuram entre os humanistas italianos que dão ao trabalho um novo status. Com a "Utopia,"<sup>26</sup> de Thomas Morus, o trabalho passa a ser um dever de todo habitante dessa ilha paradisíaca, onde os homens viveriam felizes, porque não haveria propriedade privada, nem trabalho assalariado. A este propósito, observa Toynbee:

*Quando do Renascimento as utopias voltaram a florescer. Essas novas utopias ocidentais inspiraram-se nos mesmos modelos e adotaram as mesmas sociedade imaginárias de Platão e Aristóteles. Seus propósitos, porém, eram diferentes. As utopias modernas, compostas numa época de otimismo, não pretendiam restaurar o passado, mas sim libertar-se dele na esperança de construir um futuro diferente, no sentido de melhor. O termo utopia não foi criado pelos gregos, apesar de ser um vocábulo grego.*<sup>27</sup>

A idéia de trabalho estava outrora nitidamente ligada à terra e o camponês era seu símbolo. A classe operária só surgiu com o advento da industrialização, portanto já bem próximo de nossos dias e, paulatinamente, assumiu a grandiosidade representativa que hoje traduz. A revolução comunista, levantando o proletariado da Rússia dos czares, escolheu como símbolo de sua bandeira a foice e o martelo, representando o camponês e o operário, ou seja o trabalho, quer no campo, quer nas fábricas. O coroamento da experiência soviética está retratado na sua Constituição de 1977<sup>28</sup> pela qual "o trabalho constitui a principal origem dos recursos do cidadão" e isso faz lembrar Hesíodo, quando afirma que "o trabalho é penoso, mas é a única fonte de riqueza".<sup>29</sup> O Estado desenvolve uma filosofia de trabalho entre a juventude.<sup>30</sup>

A reestruturação da sociedade<sup>31</sup> e a complexidade da vida moderna democratizaram o trabalho, que passou a ser uma necessidade para todos, qualquer que seja a situação social de cada um.

Na sociedade brasileira, só com o advento da "Consolidação das Leis de Trabalho", em 1943, outorgada por Getúlio Vargas, foram

26 Do grego ou + topos = lugar que não existe.

27 Toynbee, A. "A Sociedade do Futuro" – Zahar Editores – Rio – 1976 – pág. 92. 28 "Constituição – Lei Fundamental – Da União Das Repúblicas Socialistas Soviéticas" – Edições Progresso – Moscovo, 1977.

29 Hesíodo – "Théogonie – Lês Travaux et lês Jours" – Societé d' Editions Lês Belles Lettres – Paris – 1972.

30 V. a respeito "La Juventud, el Trabajo y la Ley" – Editorial Progreso – Moscu – 1975.

31 V. "Justiça Social e Sociedade Justa", de Inezil Penna Marinho – Instituto de Direito Natural – Brasília – 1982.

institucionalizados os direitos do trabalhador. Mas, infelizmente, a grande percentagem de desempregados atesta, de forma veemente, que ainda não alcançamos a maturidade social capaz de tornar efetivo o Direito ao Trabalho para todos os cidadãos brasileiros.

### 3.2. *Direito ao Não-Trabalho*

O admirável e admirado Prof. Miguel Reale, em sua obra “Estudos de Filosofia e Ciência do Direito”,<sup>32</sup> inseriu importante capítulo intitulado “O direito de não trabalhar”, no qual tece relevantes considerações sobre o lazer, às quais nós nos reportaremos no item subsequente, quando versaremos “O Direito ao Lazer”. Nós, pessoalmente, estabelecemos uma profunda diferença entre o “Direito ao Não-Trabalho” e o “Direito ao Lazer”, entendendo que o primeiro já está regulamentado pela “Consolidação das Leis do Trabalho”, enquanto o segundo ainda não saiu do plano das idéias.

Para comprovar o que estamos afirmando, pedimos vênha para indicar os institutos do não-trabalho, especificando os dispositivos da CLT,<sup>33</sup> que os regulam:

- ◆ período mínimo de descanso - art. 66
- ◆ repouso semanal – arts. 66 a 69
- ◆ feriados – art. 70
- ◆ intervalo para repouso e alimentação – art. 71
- ◆ férias – arts. 129 a 153
- ◆ licença para gestante – art. 392
- ◆ nojo, gala, nascimento de filho,
- ◆ doação voluntária de sangue, alistamento como eleitor e serviço militar – art. 473
- ◆ seguro-doença ou auxílio-enfermidade – art 476
- ◆ aviso prévio – 2 horas – art. 487

Há que assinalar, ainda, a regulamentação da greve (arts. 722;725), a licença para tratamento de saúde (art. 6º da Lei nº 605, de 05.01.49) e a concessão de aposentadoria (Lei da Previdência Social). E é esse o nosso atual retrato do Direito ao Não-Trabalho.

---

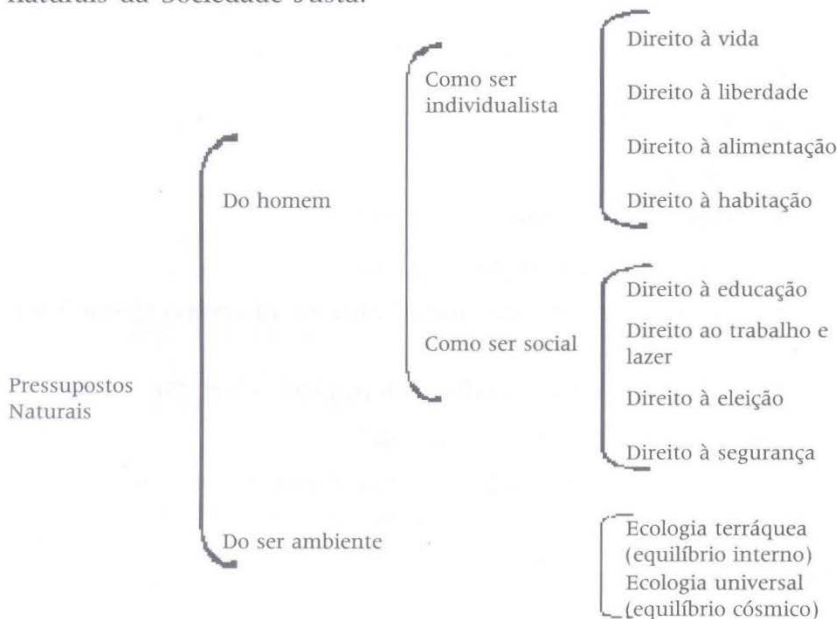
32 Reale, M. “Estudos de Filosofia e Ciência do Direito” – Edição Saraiva – 1978 – pág.102/107.

### 3.3. Direito ao Lazer

A “Declaração Universal dos Direitos do Homem”, aprovada em Resolução da III sessão Ordinária da Assembléia Geral das Nações Unidas, em 1948, e da qual é o Brasil signatário, estabeleceu:

“Art. 24 – Todo homem tem direito a repouso e lazer, inclusive à limitação razoável das horas de trabalho e a férias remuneradas periodicamente”.<sup>34</sup>

O dispositivo acima não impede a alienação do trabalho, mas procura assegurar que o homem disponha de tempo para lazer, preservando a sua individualidade, a sua criatividade, a sua noção de liberdade, os seus valores humanos, de tal modo que não se deixe robotizar. O direito ao lazer já era reconhecido aos escravos romanos, consagrados pelos hábitos e costumes, sob uma forma consuetudinária. Hoje, nós estamos sonhando com uma Sociedade Justa, que represente a aplicação de nossa teoria do IUS IUSTUM,<sup>35</sup> na qual o direito ao lazer se situa ao lado do direito ao trabalho. Esquemáticamente, assim poderemos apresentar os pressupostos naturais da Sociedade Justa:



33 “CLT – Consolidação das Leis de Trabalho” – Editora LTr – São Paulo – 1984 – 15ª edição atualizada.



Miguel Reale, o mais importante de nossos juristas, faz a apologia do lazer, assim justificando:

*Compreende-se, cada vez mais, que o homem não descansa ou goza de uma pausa em suas operações produtivas, apenas em função do trabalho, mas porque o lazer é tão essencial ao ser humano como atividade empenhada na produção de resultados considerados úteis ou vitais.*<sup>36</sup>

*Tem sido observado, com razão, que o trabalho e o lazer são categorias heterogêneas, não se devendo considerar o segundo como se fosse mero apêndice ou corolário do primeiro. Abandona-se, em suma, uma atitude de 'apologia ao trabalho', que a mentalidade capitalista converteu em um dos seus ditames, sob a inspiração direta do espírito calvinista ou puritano, conforme tão bem salientou Max Weber.*<sup>37</sup>

*"Trata-se na realidade de dois valores autônomos e distintos, não sendo um resultante do outro. Dir-se-ia que entre trabalho e lazer se põe um processo dialético de complementaridade, não se compreendendo um sem o outro, embora sejam entre si heterogêneos e irredutíveis um ao outro".*<sup>38</sup>

E, deste modo, o insigne mestre conclui o seu pensamento:

*Penso que esta nova perspectiva do lazer poderá ter conseqüências do mais alto alcance nos domínios do Direito do Trabalho, superando-se a vinculação rígida ainda dominantes entre o "tempo de trabalhar" e o "tempo de férias" reduzido este a simples tempo calculado de recuperação de forças para a retomada do trabalho, inserido no ciclo inexorável e incessante da fria criação de bens materiais.*<sup>39</sup>

Aceito o Direito ao Lazer, ao lado do Direito ao Trabalho, teremos a tarefa de codificá-lo e essa codificação é tão séria, tão importante, tão profunda, tão complexa como o foi, entre nós, a Consolidação das Leis do Trabalho. O trabalho do artesão de outrora era gratificante porque ele "criava", ele estava animado por motivação intrínseca, diferentemente do que ocorre hoje, quando a produção em série, para uma sociedade de consumo, automatizou o operário, que trabalha acionado por uma motivação extrínseca. Daí, a imperiosa necessidade do Direito ao Lazer, com a qual poderá compensar-se, fazendo o que deseja, liberando o seu pensamento heurístico e a sua imaginação, para sonhar e criar.

---

34 Mello, C. D. A. – "Direito Internacional Público – Tratados e Convenções" – Editora Renes – Rio de Janeiro – 1970 – pág. 97.

35 Marinho, I. P. – "O Direito Natural como Fundamento de uma Teoria do Direito Justo e Os Pressupostos de uma Sociedade Justa" – Instituto de Direito Natural – Brasília – 1979.

36 Reale, M. Ob. Cit. nº 29, pág. 103.

37 Idem, págs. 104/105.

38 Idem, p. 105.

39 Idem, p. 107.

Assim, o lazer tem profundas conotações com a liberdade, porque não reprime desejos, não recalca atavismos, agindo como poderoso elemento catártico e evitando, sobretudo a desumanização do homem.

A Codificação do Direito ao Lazer é o desafio que os filósofos e humanistas lançam aos juristas, é a luva atirada pelo Direito Natural ao Direito Positivo, é a atual reivindicação do Trabalhador ao Estado.

## 4. Conclusões

4.1. Lazer deriva do latim licére, que significa ser lícito, ser permitido. O mesmo verbo licére (to be permitted) originou em inglês a palavra leisure e, em francês, loisir, significando o tempo que fica disponível depois das ocupações usuais. Poderemos distinguir lazer de ócio, dizendo que aquele é o tempo liberado e este tempo disponível de quem não mais trabalha ou, simplesmente, não trabalha.

4.2. Com o estabelecimento, no mundo moderno, da jornada de trabalho de oito horas, a instituição de repouso semanal remunerado, a criação da chamada “semana inglesa” (meia jornada aos sábados) e a garantia de férias anuais, o lazer surge como um fenômeno mundial, constituindo problema não apenas individual, mas social e do mais relevante interesse direto para o Estado.

4.3. Os romanos nacionalizaram o trabalho dos escravos, procurando preservá-los e valorizá-los, facultando-lhes o desenvolvimento das habilidades de que, por ventura, fossem dotados. Estas eram as horas de lazer (licére).

4.4. Os componentes axiológicos do Direito ao Lazer, segundo o nosso entendimento, são tempo liberado, prazer e atividade. Distinguimos o tempo livre do tempo liberado. Tempo livre é todo aquele que corresponde ao não trabalho, enquanto tempo liberado é aquele especificamente reservado para que o trabalhador compense o trabalho alienado, automatizado, predeterminado, industrialmente programado, com atividade de sua livre escolha. O curso dos processos anímicos é regulado automaticamente pelo princípio do prazer, segundo Freud, o que confirma os fundamentos da escola hedonista. Assim, a necessidade de prazer, que, conforme Aristóteles, completa e aperfeiçoa o ato, impele o indivíduo a buscar a atividade, seja de que natureza for, por intermédio da qual satisfaz à sua necessidade de prazer.

4.5. Como subsídios para a Codificação do Direito ao Lazer, os elementos a considerar serão: Direito ao Trabalho, Direito ao Não-Trabalho e Direito ao Lazer. A reestruturação da sociedade e a complexidade da vida moderna democratizaram o trabalho, que passou a ser uma necessidade para todos, qualquer que seja a situação social de cada um. O Direito ao Não-Trabalho, na nossa opinião, já se encontra regulamentado pela “Consolidação das Leis do Trabalho”, que estabeleceu os respectivos institutos e lhes deu dispositivos específicos como apoio legal. O Direito ao Lazer está consagrado no art. 24 da “Declaração Universal dos Direitos do Homem” e encontra em Miguel Reale o seu mais insigne defensor.

4.6. A Codificação do Direito ao Lazer é o desafio que os filósofos e humanistas lançam aos juristas, é a luva atirada pelo Direito Natural ao Direito Positivo, é a atual reivindicação do Trabalhador ao Estado.

\*

## 5. Referências Bibliográficas\*

ARISTÓTELES – “Moral a Nicómaco” in “Obras Completas” Ediciones Anaconda – Buenos Aires – 1947. (17).

AUGUSTINE – “The Confessions”- “the City of God”- “On Christian Doctrine”- Britannica Great Books - Chicago/London/Toronto” – 1952 (6).

AZEVEDO, D. “Grande Dicionário Francês – Português”, de Domingos de Azevedo - Lisboa- 4ª. Edição – (4).

CLT – Consolidação das Leis de Trabalho – Editora LTr – São Paulo – 1974 – 15ª. ed. (30).

CLAPARÈDE, E. – “Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental”- Livraria Francisco Alves – Rio de Janeiro – 1940-2ª.edição (9).

“Constituição – Lei Fundamental – Da União Das Repúblicas Socialistas Soviéticas” – Edições Progresso – Moscovo, 1977.

CRESSON, A. – “Epicure – Sa vie, son oeuvre”- Presses Universitaires de France – Paris – 1947 (18).

“DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE”- Gallimardi Hachette – Paris 1964 (3).

DUMAZEDIER – Questionamento Teórico do Lazer”- CELAR – Pontifícia Universidade Católica do RS – Porto Alegre – 1975 (14).

FARRINGTON, B.- “A Doutrina de Epicuro” – Zahar Editores – Rio de Janeiro – 1968 (18)

FERREIRA, A – “O Lazer Operário” Coleção Estudos Sociais – Livraria Progresso Editora – Salvador – 1959 (12).



- FREUD, S. – “Más allá del Principio del Placer” – in “Obras completas” – Editorial Biblioteca Nueva – Madrid – 1948 (19).
- GAFFIOT, F. – “Dictionnaire Illustré Latim – Français” – Librairie Hachette Paris – 1934 (5).
- HÉSÍODE – “Theogonie – Les Travaux et les Jours” – Societé d’Editions Les Belles Lettres – Paris – 1972 (28).
- “LA JUVENTUD, EL TRABAJO Y LA LEY” – Editorial Progreso – Moscu – 1975 (29).
- “LAROUSSE DU XX SIECLE” – Librairie Larousse – Paris – 1931 (3).
- MACHADO, J.P. - “Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa” - Editorial Confluência Ltda. Lisboa – 1969 – 2ª. Edição (1).
- MARCUSE, H. – “Eros e a Civilização” – Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud” – Zahar Editores – Rio de Janeiro – 1968 (20).
- MARINHO, I. P. “Curso de Psico-Pedagogia Hedonista” – Rio de Janeiro – 1956 (11).
- “Raízes Etimológica Histórica e Jurídica de Lazer” Brasília – 1979 (13).
- “Contribuição da Metodologia Científica para o Pensamento Heurístico – Brasília- 1980 (15).
- “O Hedonismo – de Platão e Aristóteles a Freud e Marcuse” – Brasília – 1971 (21).
- “Justiça Social e Sociedade Justa – Instituto de Direito Natural – Brasília – 1982 (30).
- “O Direito Natural como Fundamento de uma Teoria do Direito Justo e Os Pressupostos de uma Sociedade Justa” – Instituto de Direito Natural – Brasília – 1979 (34).
- MARINHO, I. P. e outros - “Manual de Recreação Operária” – Rio de Janeiro – 1952 (11).
- “Curso de Fundamentos e Técnica da Recreação” – Rio de Janeiro – 1955 (11, 24).
- MELLO, C. D. A. – “Direito Internacional Público – Tratados e Convenções” – Editora Renes – Rio de Janeiro – 1970 (33).
- PLATON - “Philèbe ou Du Paisir” in “Oèuvres Complètes” – Librairie Garnier Frères – Paris (16).
- REALE, M. “Estudos de Filosofia e Ciência do Direito” – Edição Saraiva – 1978 (29, 35, 36, 37 e 38).

---

\* Na presente bibliografia, figuram apenas as obras indicadas nos rodapés. Para facilitar qualquer remissão, após a referência, encontram-se, entre parênteses, os números das chamadas que lhes são pertinentes (Nota do autor).

RUSSEL, B.- "O Elogio do Lazer"- Cia. Editora Nacional – São Paulo – 1959 (7).

TORRINHA, F. "Dicionário Português Latino" - Editorial Domingos Barreira – Porto – 1939 - 2ª.edição (5).

TOYNBEE, A. - "A Sociedade do Futuro "- Zahar Editores – Rio de Janeiro – 1976 (8, 10 e 26).

WEBSTER'S THIRD NEW INTERNATIONAL DICTIONARY OF THE ENGLISH LANGUAGE UNABRIDGED WITH SEVEN LANGUAGE DICTIONARY – Encyclopaedia Britannica, In.- Copyright- 1976 - by G. & C. Merriam Co. – Chicago, London, Toronto, Geneva, Sydney, Tokio, Manila 1976 (2).

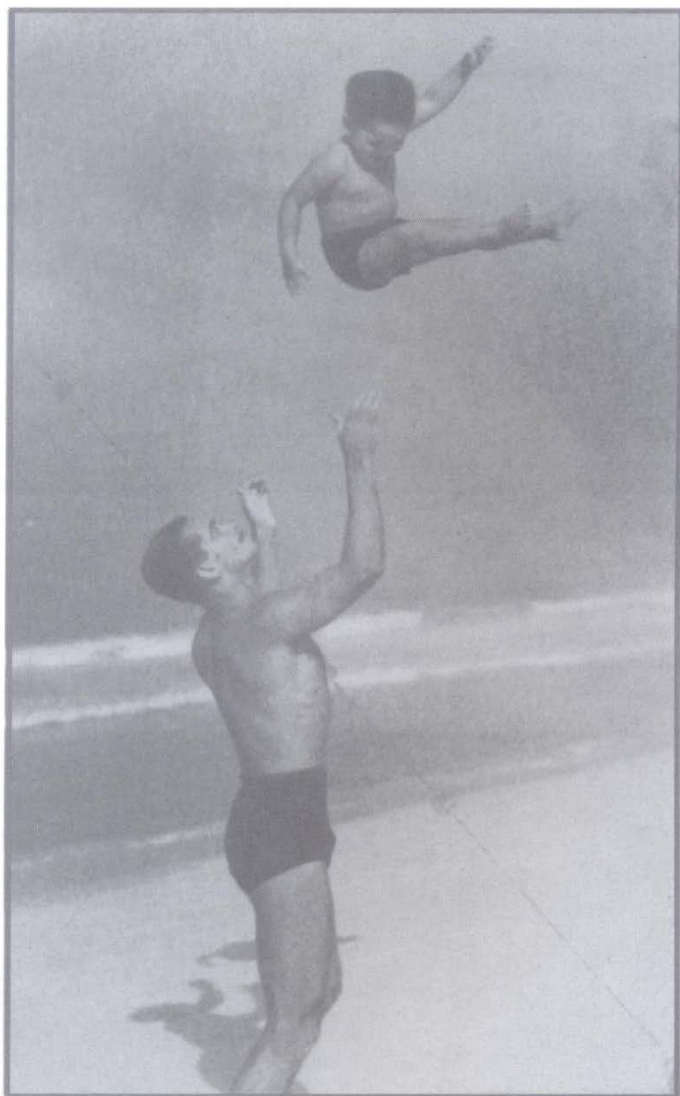


Posse como professor catedrático na Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, presidida pelo Reitor Pedro Calmon. Rio de Janeiro, 1957.



Saudação, como delegado do Brasil, aos participantes do II Congresso Panamericano de Educação Física. Cidade do México, 1946

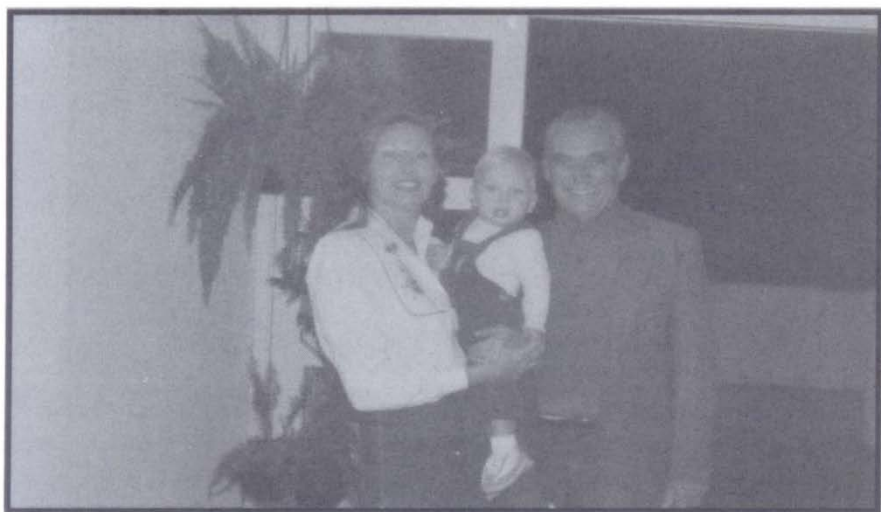




Inezil Penna Marinho e seu filho primogênito Inemar. Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, 1942 Capa da Revista Brasileira de Educação Física, nº 46, Ano 1946.



*Escritório do professor Inezil. Rio de Janeiro, 1952.*



*Alice Opala e Inezil Penna Marinho Júnior. Porto Alegre, 1982.*



**GRÁFICA**  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

**Núcleo de Editoração e Criação – Gráfica UFRGS**

Editoração: Huanri Oliveira Lin

---

GRÁFICA UFRGS – Rua Ramiro Barcelos, 2705 – 90035-007 – Porto Alegre – RS – Telefones: (0xx51) 3316 5083 / 3316 5078 – Fax: (0xx51) 3316 5088 – E-mail: grafica@ufrgs.br/graficadaufrgs@yahoo.com.br - *Direção:* Luciane Delani - *Núcleo de Editoração e Criação:* Joseane Ranzolin (Coordenadora), Junia Machado Saedt, Marina Guerra, Cristiano Muniz, Joice Conde Contes (Revisão), Janaina Horn, Natali Bittencourt, Rodrigo Barbosa Pinto, Raquel Mattos, Huanri Lin, Bruna Severo (Bolsistas) - *Projeto Teses e Dissertações:* João Alberto Vargas - *Impressão Digital:* Alfredo de Freitas Lima - *Impressão Off-Set:* Clarissa da Silva Sandoval, Elezer Felipe da Silva, Valério de Almeida Vieira - *Acabamento:* Nilton Schergi da Silva (Coordenador), Daniel Costa, Eron Feijó, Faustino Machado de Freitas, Jeferson Lhul Bandeira (corte em máquinas programáveis), Paulo Rocha - *Administração:* Lylian Olinto (Coordenadora), Sílvia Ferraz - *Apoio:* Dinair Oliveira.





  
**UFRGS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

ISBN 85-88968-08-8



9 788588 196808 0